

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS LITERÁRIOS

PATRÍCIA CARVALHO MARTINS



**JORNAL DO PARÁ: O CAMINHO LITERÁRIO ENTRE ESPAÇOS E
DIÁLOGOS NA BELÉM OITOCENTISTA**

BELÉM
2011

PATRÍCIA CARVALHO MARTINS

***JORNAL DO PARÁ: O CAMINHO LITERÁRIO ENTRE ESPAÇOS E
DIÁLOGOS NA BELÉM OITOCENTISTA***

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em Letras do Instituto
de Letras e Comunicação da
Universidade Federal do Pará,
como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestre em
Letras.

Orientadora:
Prof^a Dr^a Germana Maria Araújo
Sales

BELÉM
2011

PATRÍCIA CARVALHO MARTINS

***JORNAL DO PARÁ: O CAMINHO LITERÁRIO ENTRE ESPAÇOS E
DIÁLOGOS NA BELÉM OITOCENTISTA***

Banca Examinadora

Profª Drª Germana Maria Araújo Sales (Orientadora)

Profª Drª Valéria Augusti (Examinadora Interna)

Profª Drª Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (Examinadora Externa)

BELÉM
2011

AGRADECIMENTOS

Venho reconhecer meu sincero apreço àqueles que me apoiaram para a construção desse trabalho, pois estiveram presentes no meu dia a dia com palavras, auxílios ou gestos que me ajudaram e fizeram a diferença ao longo do percurso da pesquisa. Sem buscarem nada em troca realizaram transformações significativas para minha vida e é com muito carinho que agradeço: aos meus queridos **pais, Raimundo e Izelda**, que mesmo em tempos difíceis, mas com toda sabedoria de suas vidas, sempre me ensinaram a escolher o que fizesse bem a mim e ao próximo; aos meus **irmãos e suas famílias**, grande parte do que sou foram eles que serviram de inspiração; à minha dedicada orientadora, **Germana Sales**, por abrir meus olhos para um novo mundo, com o qual aprendi e cresci tanto na vida acadêmica quanto pessoal; à profa. **Valéria Augusti**; à profa. **Marli Furtado**, por aceitar fazer parte desta banca e contribuir com suas orientações para o aprimoramento deste trabalho; à profa. **Carmem Figueiredo**, por aceitar fazer parte da avaliação deste trabalho; à **Izenete Nobre**, por sempre compartilhar suas nobres e incansáveis pesquisas e observações; à meus queridíssimos amigos do **projeto/família Lendo o Pará**, pelos quatro anos de alegria, devaneios, e aprendizado; às minhas **companheiras de luta no mestrado**, por sempre dividirem as angústias, os achados, os desesperos, o divertimento de enxergar algo tão simples em algo que acreditávamos ser inteligível; aos pulquérrimos **funcionários do Centur – Marcos, Antônio, Marcela, Alexandre, Eduardo** - sempre solícitos aos apelos desesperados pelos raríssimos periódicos; à **Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior – CAPES** – pelo apoio financeiro e por possibilitar minha dedicação integral a pesquisa; e, à todos que colaboraram, mesmo sem perceber, com este estudo. Obrigada, aos que passaram e deixaram imagens em minha memória, jamais esquecíveis.

Leu, em tiras de papel ordinário, alguns artigos em letra quase ilegível e hieroglífica, rasgados na parte superior pelos tipógrafos, a quem essa marca serve para reconhecer os artigos já compostos. Depois, aqui e ali, sobre pedaços de papel pardo, admirou espirituosas caricaturas desenhadas por pessoas que sem dúvida haviam tratado de matar o tempo matando qualquer coisa para entreter a mão.

Honoré de Balzac

RESUMO

A divulgação de estudos em jornais do século XIX se torna cada vez mais necessária, pois contribui para um melhor entendimento do processo de produção, circulação e formação da História Literária Brasileira. Neste trabalho, analisa-se um dos principais jornais da imprensa paraense oitocentista— O *Jornal do Pará* (1862-1878) —, que destinou vários espaços para publicação literária e manteve estáveis diálogos com periódicos de outros estados, como o impresso carioca *Jornal das Famílias* – produzido pela Editora Garnier e dirigido sob a mesma linha conservadora do periódico paraense. Desse jornal familiar foram extraídos desde traduções a textos de autores consagrados, como Machado de Assis. Esses espaços reservados para a conversa entre os periódicos mostram que o Pará não ficou a parte das conjecturas de seu tempo, como também participou ativamente do cenário que ajudou a constituir a Literatura Brasileira.

Palavras - chave: *Jornal do Pará*; século XIX; diálogos.

ABSTRACT

The dissemination of research in newspapers of the nineteenth century becomes increasingly necessary as it contributes to a better understanding of the process of production, circulation and formation of the Brazilian Literary History. In this paper, we analyze one of the leading newspapers of the nineteenth century press Para-The Journal of Pará (1862-1878) - which has earmarked several areas for literary publication and remained stable periodic dialogues with other states, such as printed Carioca Journal of Families - Produced and directed by the Company under the Garnier line conservative journal Para. That newspaper family were extracted from translating the works by renowned authors such as Machado de Assis. These placeholders for conversation between the journals show that Para was not part of the conjecture of his time, but also participated actively in the scene who helped form the Brazilian Literature.

Key - words: *Journal of Para*; nineteenth century; dialogues.

LISTAS

Figura 1: Coluna <i>LITTERATURA</i> retirada do <i>Jornal do Pará</i>	08
Figura 2: Coluna <i>FOLHETIM</i> retirada do <i>Jornal do Pará</i>	08
Figura 3: Coluna <i>VARIEDADE</i> retirada do <i>Jornal do Pará</i>	09
Figura 4: Anúncio da Tipografia <i>Santos & Irmãos</i> , publicado no <i>Jornal do Pará</i>	24
Figura 5: Anúncio publicado no <i>Jornal do Pará</i>	27
Figura 6: Página de Anúncios do <i>Jornal do Pará</i>	27
Figura 7: Coluna <i>Variedade</i> do <i>Treze de Maio</i>	29
Figura 8: Pagina inicial do <i>Treze de Maio</i>	49
Figura 9: Gráfico com quantidade de gêneros por secções resultantes da catalogação das prosas de ficção do <i>Jornal do Pará</i>	33
Figura 10: Gráfico com identificação de Autoria das prosas que circularam no <i>Jornal do Pará</i>	35
Figura 11: Gráfico sobre forma de publicação no <i>Jornal do Pará</i>	39
Figura 12: Tabela da nacionalidade identificada dos autores que foram publicados no <i>Jornal do Pará</i>	39
Figura 13: Tabela da relação das prosas que circularam no <i>Jornal das Famílias</i> e no <i>Jornal do Pará</i>	41

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1 – Romance-folhetim, o novo <i>Proteu</i>	
1.1 - Folhetim: seu início.....	07
1.2 - O famigerado romance-folhetim e suas influências no Brasil.....	12
1.3 - Belém do Grão-Pará e os caminhos literários.....	15
Capítulo 2 – A imprensa paraense e o <i>Jornal do Pará</i>	
2.1 - O início da imprensa paraense.....	18
2.2 - A Tipografia de Santos & Irmãos.....	22
2.3 - O <i>Jornal do Pará</i> (1862-1878).....	28
Capítulo 3 – Narrativas entre diálogos – <i>Jornal das Famílias</i> e <i>Jornal do Pará</i>	
3.1 - <i>O anjo da solidão</i>	49
3.2 - <i>Muitos anos depois</i>	55
3.3 - <i>A virtude laureada</i>	67
Considerações finais	73
Bibliografia	76
Anexos	80

INTRODUÇÃO

A imprensa periódica se estabeleceu como um elemento fundamental no século XIX para a divulgação de textos literários, além da publicação de notícias. Nessa época, alguns periódicos exploravam as relações políticas e mantinham diálogos com outras folhas periódicas para atualizar suas notas e publicações do principal atrativo para os leitores do momento: o romance-folhetim.

A folha diária *Jornal do Pará* (1862 –1878), como muitos outros jornais daquele período, se preocupou em manter a ocorrência de textos literários durante os 16 anos de circulação, aspecto que nos interessou para delimitarmos o recorte deste estudo. Para tanto, distribuimos os textos publicados no periódico paraense em categorias, conforme os seguintes critérios: i) publicações em série ou em uma única edição; ii) autoria identificada e reconhecida; iii) nacionalidade dos autores.

De posse desses dados, verificamos as relações existentes entre o *Jornal do Pará* e o *Jornal das Famílias* (1863 – 1878), periódico fluminense veiculado na mesma época. Ao fazer essa comparação, constatamos que alguns textos foram extraídos desse último jornal, portanto acrescentou-se aos nossos objetivos analisar as narrativas retiradas do impresso carioca e publicadas no periódico paraense.

Com o intento de evidenciar a afinidade estabelecida entre esses periódicos, por meio dos espaços que o *Jornal do Pará* destinou para as prosas retiradas do *Jornal das Famílias*, buscamos responder questões como: Por que o *Jornal do Pará* deu preferência à publicação de autores brasileiros em suas páginas, em um período em que se valorizavam as narrativas estrangeiras? Por que a escolha dos seis textos que já haviam circulado antes no impresso fluminense para serem publicados aqui no Pará?

À procura de respostas dessas inclusões e do caminho literário selecionado por esses editores, propomos evidenciar a atuação da imprensa paraense na História da Literatura Brasileira. O trabalho pautou-se na história do romance-folhetim, sua presença significativa na vida dos leitores e seu papel na educação, principalmente das mulheres.

O trabalho foi desenvolvido em três momentos. No primeiro, buscamos tratar sobre os estudos críticos acerca do romance-folhetim, as tentativas de reunião de uma história literária brasileira e a importância do romance-folhetim na disciplina História da

Literatura. Além de trazer um breve panorama do caminho folhetinesco da Europa ao Pará.

No segundo momento, apresentamos, brevemente, a história da imprensa paraense, a fim de melhor contextualizar o cenário em que foi fundada e desenvolvida a imprensa responsável pelo *Jornal do Pará* – a Tipografia Santos & Irmãos, empresa de importância na impressão no estado do Pará, durante o século XIX. Neste capítulo, também expomos aspectos da formação do *Jornal do Pará*, como o histórico, a composição, o modo de circulação, os espaços para publicação de prosa de ficção e as relações que mantinha com outros periódicos, principalmente no que tangencia a publicação literária, como o *Jornal das Famílias*.

E, é no último momento, que tratamos do diálogo estabelecido entre esses dois periódicos, o *Jornal do Pará* e o *Jornal das Famílias*, na segunda metade do século XIX. Comunicação estabelecida por meio da publicação de seis narrativas, das quais três foram selecionadas para análise, em que buscamos empreender um exame a partir de aspectos, comuns nas três produções, concernentes com os modos de produção e circulação dos textos literários da época.

Reconhecer a circulação literária que circulou em Belém, no Oitocentos, é distinguir a cidade com participação nos processos sócio-culturais do Brasil oitocentista. Por isso, estudos como este ganham cada vez mais importância na história da literatura brasileira, não só pelo papel de identificar a formação literária da nação, mas também para auxiliar nas demais pesquisas em fonte primária no estado do Pará e no Brasil.

CAPÍTULO I

ROMANCE-FOLHETIM, O NOVO *PROTEU*¹

Pode ser que lhe tenha alguma vez faltado a coragem de dizer tudo o que pensava, mas protesta nunca ter dito senão o que pensava e como pensava. Por isso tem-lhe sido abundantemente dado verificar consigo mesmo a exatidão do Veritas odium parit do poeta latino.

José Veríssimo

Movidos pelo desejo de criar a identidade nacional, homens de letras dos oitocentos se esforçaram para reunir fontes, elaborar compêndios, ensaios e livros a respeito das produções literárias realizadas por brasileiros. Entre as metas a concretizar, a disciplina História da Literatura surgiu como um dos pontos para a construção da identidade cultural brasileira.

O processo de formação da história da literatura brasileira, como disciplina, ocorreu no período situado entre 1805 e 1888, conforme explica Roberto Acízelo de Souza². Nos primeiros anos, as Histórias Literárias foram produzidas por estrangeiros, como *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit*³ (1805), de Friedrich Bouterwek; *De La littérature Du midi de l'Europe*⁴ (1813), do suíço Simonde de Sismondi; e *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* (1826), introdução da coletânea *Parnaso Lusitana*, de Almeida Garrett. Essas obras se voltavam para a Literatura Lusitana e mencionavam timidamente os autores brasileiros.

Num segundo momento, as obras direcionadas à literatura na colônia portuguesa tentavam identificar a Literatura Brasileira de forma mais independente. Sob o ponto de vista estrangeiro, temos como referência *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*⁵ (1826), do francês Ferdinand Denis.

¹ Filho do Oceano e de Tétis. Recebeu de seu pai o conhecimento do passado, do presente e do porvir como recompensa pela função de ser o guardião dos rebanhos marítimos. Para consultar Proteu, tornava-se necessário surpreendê-lo enquanto dormisse e ligá-lo de maneira tal que não pudesse escapar, pois como toda divindade marinha, assumia logo as formas mais extravagantes, a fim de espantar os consulentes, porém, se o consulente perseverasse e o mativesse preso, readquiria logo a feição primitiva e respondia a todas as perguntas. Cf. SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário e Mitologia Greco-Latina**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965, p. 220.

² SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

³ **História da poesia e eloquência portuguesa**.

⁴ **Sobre a literatura do meio-dia da Europa**.

⁵ Resumo da história literária do Brasil.

Entre os estudiosos brasileiros, temos o *Parnaso Brasileiro* (1829-1831), de Januário da Cunha Barbosa; *Modulações Poéticas* (1841), de Joaquim Norberto de Sousa e Silva; *Bosquejo histórico e literário do Brasil* (1835), de José Inácio de Abreu Lima; Uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira. *Parnaso Brasileiro* (1843-1848), de J. M. Pereira da Silva; Introdução sobre a literatura nacional. *Mosaico Poético* (1844), de Joaquim Norberto de Souza e Silva e Carlos Emílio Adet; e *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850-1853), de Francisco Adolfo de Varnhagen⁶.

Embora os estudiosos estrangeiros apareçam como autores das primeiras histórias literárias, os pesquisadores brasileiros se sobressaíram no esforço de dissertar sobre a literatura nacional já nessa primeira metade do século XIX, mesmo que a maioria estivesse incentivada por relações com instituições de pesquisas, como explica Valéria Augusti:

Essa dupla intenção de inventariar e, ao mesmo tempo, apresentar uma narrativa sobre as origens, desenvolvimento e estado da literatura brasileira se inseria num projeto maior de construção do Estado Nacional, que teve no discurso historiográfico um de seus pilares.

No período em que essas antologias foram publicadas, a produção desse discurso advinha sobretudo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), instituição à qual seus autores pertenciam.⁷

Nesse plano de construção do estado Nacional, os trabalhos sobre a História Literária no Brasil do século XIX apresentavam periodizações e esboçavam panoramas do processo literário brasileiro ainda relacionados com autores estrangeiros como forma de comparação, pois ainda se discutia sobre qual a verdadeira origem e os principais autores da literatura nacional. Contudo, eram trabalhos “não propriamente historiográficos, mas de natureza crítica, embora sincronizados com a história literária pela circunstância de que servem [...] como referencial para análises de valor”, de acordo com Roberto Acízelo de Souza⁸.

Na segunda metade do século XIX, as produções acerca dos pontos principais da história da literatura brasileira foram publicadas com objetivos disciplinares. A maioria fazia parte dos projetos das cadeiras escolares, objetivo explicitado nas nomenclaturas

⁶ Cf. AUGUSTI, Valéria. **Trajetórias de consagração**: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista. Campinas, SP: 2006. 156, f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

⁷ AUGUSTI, Valéria. *Ibidem*, p. 18.

⁸ SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 38.

dos compêndios, como *Curso elementar de literatura nacional* (1862), de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e Francisco Sotero dos Reis; *Resumo de história da literatura* (1873), também de Fernandes Pinheiro; *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1873), de Sotero dos Reis. Roberto Acízelo de Souza destaca que essas obras ainda estavam relacionadas a uma visão romaneada sobre o processo literário brasileiro e que foi a partir da década de 1870 que começaram a aparecer críticas e historiografias com uma preocupação mais analítica, como exemplo, Machado de Assis, João Capistrano de Abreu, Manuel de Oliveira Lima, Tristão de Alencar Araripe Júnior, Silvio Romero, José Veríssimo. Esses dois últimos são assinalados por suas obras terem sido de suma importância para a afirmação da História Literária Brasileira.⁹

No século XX, destacamos Afrânio Coutinho em *Introdução à Literatura no Brasil* (1959), Barbosa Lima Sobrinho em *Os Precursores* (1960) e Antonio Candido em *a Formação da Literatura Brasileira* (1975), contribuições que evidenciaram a existência de publicações de ficções brasileiras antes da década de 1840. Essas obras apresentam alguns autores ignorados em nosso tempo, mas que publicaram narrativas no início do século XIX, como Lucas José d'Alveranga, João Manuel Pereira da Silva, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, entre outros¹⁰.

A presença desses nomes “desconhecidos” já representou uma diferença nas perspectivas classificatórias tradicionais trazidas pelas disciplinas de estudos literários, que, em geral, excluem as produções à margem do cânone e não tratam do romance-folhetim nem do espaço que permitiu a popularização desse gênero – o jornal.

Foi a partir da década de 1960¹¹ que as pesquisas literárias começaram a se debruçar sobre o papel da imprensa como participante na formação da literatura brasileira, não apenas como suporte para os textos, mas também como influenciadora no processo de produção, divulgação e modos de circulação das obras.

Como pioneiros nesses estudos, podemos citar Regina Zilberman¹², inicialmente com pesquisas voltadas para o Rio Grande do Sul; Laurence Hallewell¹³, que apesar de

⁹ Cf. SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

¹⁰ Sobre a publicação de romances no século XIX, ver Cronologia do romance no Brasil, organizada pela Profa. Dra. Germana Sales, desenvolvida para sua tese de doutorado **Palavra e sedução** – uma leitura dos prefácios oitocentistas, disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>.

¹¹ Cf. MARTIN-BARBERO, Jesus. Das massas à massa. In: **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p. 182.

¹² **Do mito ao romance**. Tipologia da ficção brasileira contemporânea (1977); **A literatura no Rio Grande do Sul** (1980); **História da Literatura** – ensaios (1995); **O berço do cânone** (1998); entre outros.

não tratar dos jornais, divulgou relevantes informações sobre a história editorial no Brasil; José Ramos Tinhorão¹⁴, com uma visão geral sobre o romance-folhetim e suas influências desde seu surgimento até o século XX; Marlyse Meyer¹⁵, que trouxe uma primeira tentativa de contar a história da publicação seriada a partir do surgimento europeu até a chegada ao Brasil; Tânia Serra¹⁶, com uma antologia do gênero no país e, finalmente, Yasmin Nadaf¹⁷, ampliando as regiões das pesquisas literárias em jornais, com sua contribuição sobre os romances-folhetins divulgados em periódicos do Mato Grosso nos oitocentos. Essas discussões sobre as novas perspectivas da História da Literatura incentivaram o desenvolvimento de pesquisas, como o projeto Memória de Leitura¹⁸, coordenado pelas professoras Márcia Abreu¹⁹ e Marisa Lajolo²⁰, e Caminhos do Romance, com coordenação de Márcia Abreu e Sandra Vasconcelos²¹ em conjunto com os professores, Nelson Schapochnik e Luiz Carlos Villalta, além da participação de pesquisadores da área.

Inicialmente esses estudos se centralizaram nas Regiões Sudeste e Sul do país. Contudo, influenciados pelos projetos, os estudos sobre Literatura em periódicos do século XIX se estenderam às outras regiões, como no estado de Mato Grosso, Paraíba e Pará, com Yasmin Nadaf²², Socorro Pacífico Barbosa²³ e Germana Sales²⁴,

¹³ **O Livro no Brasil** (1995).

¹⁴ **Os Romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade** (1994).

¹⁵ **Folhetim: uma história** (1996).

¹⁶ **Antologia do Romance – Folhetim: 1839 – 1870** (1997).

¹⁷ **Rodapé das miscelâneas; O folhetim nos jornais de Mato Grosso - séculos XIX e XX** (2002), de Yasmin Nadaf.

¹⁸ Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

¹⁹ Além do projeto citado, Márcia Abreu publicou várias obras que discutem a história da leitura no Brasil, tais como: **Leitura, História, e História da Leitura** (2000), **Os Caminhos dos livros** (2003), **Trajelórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX** (2008), de Márcia Abreu.

²⁰ Marisa Lajolo foi uma das pioneiras no Brasil a desenvolver pesquisas acerca da história da leitura e, entre suas obras, cito: **A leitura rarefeita – livro e Literatura no Brasil** (1991); **História da Literatura - ensaios** (1995); **A formação da leitura no Brasil** (1998); **O romance brasileiro** (2004); **Como e por que ler o romance brasileiro** (2004).

²¹ **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII** (2002); **A formação do romance inglês** (2007).

²² Yasmin Nadaf iniciou as pesquisas sobre o romance-folhetim em 1991, com o projeto **Da exclusão à revisão: escritoras mato-grossenses do século XIX a contemporaneidade; A escrita da mulher em Mato Grosso - Imprensa e Literatura - Séculos XIX e XX**, vigorou entre os anos de 1994 a 1997; e **O Folhetim publicado nos jornais da França**, do Rio de Janeiro e de Mato Grosso - Séculos XIX e XX, surgido em 1998 e concluído em 2001.

²³ A pesquisa de Socorro Pacífico Barbosa em folhetins na Paraíba teve início com o projeto **História da Leitura na Paraíba**, com vigência entre os anos de 2003 a 2007 e continuou com os estudos: **Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX**, com início em 2005 e término em 2007; **De Antonio Borges da Fonseca a Assis Chateaubriand: itinerário biobibliográfico de escritores/jornalistas paraibanos do século XIX**, de 2007 a 2009; **O jornal como fonte para uma história da literatura paraibana no Oitocentos: a escrita epistolar**, de 2008 a 2010; e **A escrita epistolar nos periódicos do século XIX e a constituição do campo literário brasileiro (1836 -1881)**, de 2009 a 2011.

respectivamente. Tais pesquisas têm oportunizado importantes publicações e projetos sobre a História Literária, a partir da pesquisa em periódicos. Atualmente, essas recentes retomadas sobre a formação literária permitem aos novos estudiosos verificarem mudanças nos rumos dos trabalhos em História da Literatura Brasileira. Por isso, buscamos reforçar esses novos estudos com nossas reflexões sobre a circulação das ficções nos jornais brasileiros, especificamente no Pará.

1.1 – Folhetim: o início

[...] leves ou pesados, estes primeiros jornais brasileiros formavam leitores e, com o passar do tempo, o cenário se alterou: a imprensa brasileira diversificou-se e suas páginas abriram espaço para o folhetim, tanto o traduzido quanto o brasileiro.

Marisa Lajolo

Traçar a origem e o caminho do romance-folhetim da Europa até o Brasil, sem combinar a participação da imprensa neste processo é deixar de fora o principal facilitador para o sucesso desse gênero. Marlyse Meyer mostrou que o *folhetim* foi “inventado pelo jornal, e para o jornal, o *feuilleton-roman*, como era chamado a princípio, acabou sendo fator condicionante da vida do mesmo”²⁵.

Surgido por volta de 1836, na França, o *feuilleton-roman* desempenhou a função de apoio para a venda e publicações de periódicos. A fórmula foi iniciada por Émile de Girardin, editor francês do jornal *La presse*, cujo objetivo era atrair leitores. A experiência teve êxito, e a partir de então os demais jornais da época copiaram o formato de sucesso.

A respeito desse início, José Tinhorão afirma que:

O aparecimento na França das histórias escritas para publicação em capítulos, em rodapés de jornal, coincidiu em meados da década de 1830, com a tendência da democratização da imprensa [...] foi preciso não apenas baixar o

²⁴ Germana Sales iniciou as pesquisas sobre o romance-folhetim no Pará com o projeto **Lendo o Pará**: publicação do romance-folhetim nos jornais de Belém do Pará na segunda metade do século XIX (1850-1890), com duração de três anos, de 2006 a 2009. Atualmente Germana Sales mantém diversos projetos relacionados com a história literária a partir do estudo nos periódicos oitocentistas do Pará, como **História da leitura no Pará** (século XIX), surgido em 2008 e **Trajatória literária**: a constituição da história cultural em Belém no século XIX, iniciado em 2010.

²⁵ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 30.

preço dos exemplares e das assinaturas, mas ainda criar seções de variedades que pudessem interessar a pessoas não mais dispostas a comprar jornais apenas para ler política²⁶

Inicialmente, o espaço reservado às narrativas nos rodapés das primeiras páginas foi chamado de *folhetim*. Com o passar do tempo, os textos circularam por outras páginas dos periódicos, em seções com novas nomenclaturas, como *Miscellânea*, *Gazetilha*, *Transcrição*, *Litteratura*, *Variedade* e *A pedido*, conforme podemos observar nas imagens abaixo:

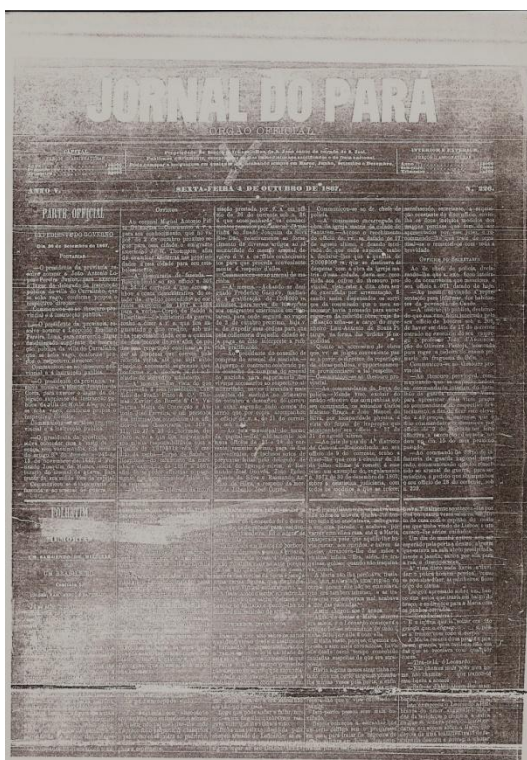


Figura 01: Coluna *Folhetim*. Presente no *Jornal do Pará*, nº 225, ano 1867, p. 1, rodapé.

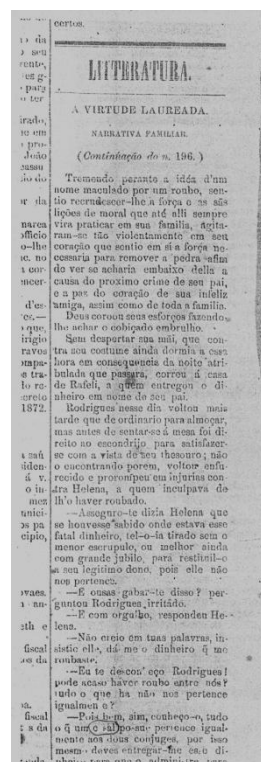


Figura 02: Coluna *Litteratura*. Presente no *Jornal do Pará*, nº200, ano 1875, p. 2, 3ªcoluna.

²⁶ TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 a atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 07.

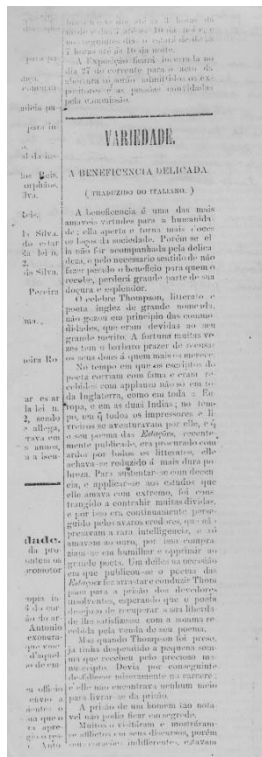


Figura 03: Coluna *VARIEDADE*. Presente no

Jornal do Jornal do Pará, n 139, ano 1875, p. 1 e 2, 5ª e 1ª col.

A primeira imagem mostra, aos moldes franceses, o espaço *Folhetim*, localizado ao fim da primeira página do periódico. Trata-se de uma publicação de um romance em folhetim brasileiro, *Memórias de um sargento de milícias*²⁷. A segunda imagem refere-se ao espaço *Litteratura*, coluna em que circularam diversos assuntos abrangendo a ciência, a filosofia, a política e a prosa de ficção. Essa seção divulgou a narrativa na segunda página do jornal, demonstrando as variações que o espaço folhetim recebeu ao longo do tempo. A terceira imagem apresenta a coluna *Variedades*, espaço em que eram publicados textos de diversas temáticas e que, comumente, aparecia na segunda página do jornal.

Percebemos que há uma variedade nos modos de publicação, tanto nos formatos dos textos quanto nos espaços que ocupam. Aliás, variedade é a palavra-chave no folhetim²⁸: variedade de estilos, de espaços, de temas. Conforme Marlyse Meyer, o “folhetim vai ser completado com a rubrica ‘variedade’, que é a cunha por onde penetra

²⁷O romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, foi publicado pela primeira vez, anonimamente, no jornal *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1852 e 1853. Sua edição em livro ocorreu em 1854 e, posteriormente foi publicado, novamente em folhetim, no *Jornal do Pará*, no ano de 1867.

²⁸Folhetim foi o espaço disponibilizado pelos impressos para a publicação de narrativas, que variaram os gêneros durante o passar do tempo.

a ficção, na forma de contos e novelas curtas [...] o folhetim é essencialmente uma nova concepção de lançamento de ficção, qualquer que seja seu autor e o campo que abranja”.²⁹

Socorro Pacífico Barbosa, em seus estudos sobre a história literária da Paraíba, também atenta para essa expansão de espaços e nomenclaturas que o romance-folhetim tomou nos jornais. Num período em que o próprio termo literatura também era abrangente e não estava consolidado, as narrativas apareciam em diversos formatos.

a matéria literária propriamente dita – o romance, o conto, a poesia e a crônica – está presente no jornal, mas em outras colunas, cujos nomes estão longe de significar algo atualmente. *Variedade, Miscelânea, Folhetim*, etc.; [...] em uma coluna de *Variedade* pode-se encontrar desde a publicação de relatórios do governo a poemas, trechos científicos e uma série variada de gêneros discursivos³⁰

Esses gêneros discursivos variados, algumas vezes estavam especificados na própria publicação, outras vezes pelo título da própria coluna, ou simplesmente apareciam sem especificação. Inicialmente, partiu-se do romance em folhetim, mas a própria diversidade do público que se ampliou com essa nova forma de texto fez com que os editores e os escritores produzissem e publicassem também outros tipos de narrativas. O romance-folhetim foi um gênero que acompanhou a variedade do público, como também foi construído a partir de diferentes influências de outros tipos de publicações já existentes, o que o colocou na categoria de subliteratura.

Na busca por alcançar leitores de diversas camadas sociais foi conferido ao romance-folhetim o estigma de “literatura menor”, como em geral, a crítica rotula as publicações destinadas para o grande público, como frisa Socorro Barbosa quando aponta possíveis motivos para a desvalorização desse gênero na Literatura:

torna-se até compreensível que alguns escritores associassem os periódicos à promoção e à difusão de um ‘gênero menor’ e popular como o romance-folhetim, que se supunha circular e ser o preferido de um público não especializado, e em sua maioria feminino³¹

²⁹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 31.

³⁰ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 31.

³¹ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 45.

Um gênero menor destinado a um público desvalorizado trouxe também preocupação quanto a influência dessa prosa de ficção na vida das leitoras. Para afastar a apreensão daqueles que temiam pela boa educação feminina, as narrativas, de um modo geral, continham ensinamentos moralizantes, pois, do contrário, não seriam vistas como boa leitura. Privar ou impedir o acesso das mulheres à leitura era tarefa impossível, uma vez que esse público se constituiu como parte importante para o romance-folhetim naquele período, como apontam Marisa Lajolo e Regina Zilberman:

(...) a leitora entrou em cena há muito tempo. Sua presença e participação se fizeram notar a partir do surgimento da imprensa e do fortalecimento da escola, o que lhe conferiu a condição de sujeito diferenciado, marcado pela identidade de gênero [...] Para se adaptar ao novo público, os textos passam por mudanças estruturais, aparecem novos gêneros literários, mais prosaicos [...] Também o modo de produção e circulação da literatura é afetado. Acaloram-se os debates sobre os riscos e as vantagens da leitura, ou seja, matérias até então de ordem ideológica e comercial começam a interferir no processo artístico³²

Ao longo do tempo, o romance-folhetim abrangia os diversos assuntos que cercavam o dia-a-dia dos leitores. Acontecimentos históricos, políticos e mudanças ideológicas estavam inseridos nas produções desse gênero. A respeito das transformações e do caminho do romance-folhetim no decorrer da história a partir das intervenções políticas e sociais, Marlyse Meyer considera que “seu nascimento, elaboração, apogeu, morte e ressurreição coincidem – e não por acaso – com as três séries de datas 1836-1850, 1851-1871 e 1871-1914. São três grandes momentos da História em que se inscreve o tempo histórico do romance-folhetim.”³³ O primeiro momento, entre os anos de 1836 a 1850, considera-se a fase romântica inspirada pelo espírito de mudanças movidas pela revolução francesa. A segunda etapa, compreendida no período de 1851 a 1871, teve, como linha principal para publicação, as narrativas que descrevem peripécias e aventuras e, finalmente, na terceira fase, entre os anos de 1871 a 1890, o herói é desmistificado e não está invicto aos padecimentos, aproximando-se da imagem do homem finisecular voltado para questões que envolviam os sentimentos, como o amor, as paixões arrebatadoras, e interesses sociais.³⁴

³² LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998, p. 236 e 237.

³³ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 64.

³⁴ MEYER, Marlyse. *Ibidem*, 1996, p. 218.

A divisão proposta por Marlyse Meyer diz respeito ao folhetim na França. Em terras brasileiras, esse gênero também pode ser classificado em categorias que marcam sua modificação e aclimação. Tal divisão é proposta por Ilana Heineberg, quando expõe as seguintes divisões a partir de seu estudo em três jornais diários do Rio de Janeiro: o *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878), *Jornal do Commercio* (1828) e o *Correio Mercantil* (1848-1868). Nessa busca para acompanhar o percurso do romance-folhetim no Brasil, Ilana Heineberg apresenta três fases: i) a mimética, que abrange os anos de 1840 a 1850, momento em que houve a tentativa de que os romances nacionais se aproximassem dos textos estrangeiros, pois os folhetins importados serviam como modelos; ii) a aclimação, correspondente as produções de 1850 a 1860, as quais ainda estavam ligadas aos moldes do folhetim francês e acompanhavam o projeto de produzir uma literatura brasileira - os textos desse momento procuraram retratar o cenário nacional desde a caracterização das províncias até a paisagem geral do Brasil; e iii) a transformação, publicações compreendidas entre 1860 e 1870, fase em que o romance-folhetim estava estabilizado e realizou “a ultrapassagem da simples reprodução do molde importado”³⁵, foi alcançada uma consciência crítica dos processos de produção e circulação do gênero, muitas vezes, por meio do cômico.

Ilana Heineberg observou que a trajetória do romance-folhetim brasileiro não se deu de forma homogênea, pois o romance-folhetim se transformou e foi múltiplo durante a sua formação. A idéia desse novo modelo de publicação da prosa de ficção conquistou os leitores e é acerca dos efeitos do romance-folhetim na Literatura Brasileira que trataremos a seguir: seu início, suas influências, repercussões e modos de circulação.

1.2 – O famigerado romance-folhetim e suas influências no Brasil

Seria a partir da década de 1840, com o aparecimento do próprio romance no Brasil, que as complicadas, movimentadas e às vezes lacrimosas histórias publicadas em folhetins de jornal iam começar a marcar sua influência na ficção brasileira.

José Ramos Tinhorão

³⁵ HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 514.

A história do folhetim no Brasil se iniciou com a publicação da narrativa *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, publicada no *Jornal do Commercio*, em 1838, traduzida do francês no mesmo ano em que foi publicado na França.

Não demorou muito para que o novo gênero se espalhasse e caísse no gosto do público. Como já referido, o romance-folhetim foi recebendo diferentes formatos, elementos, enredos, estratégias, tudo para atrair e manter o público cativo. Dessa forma, o folhetim estava em toda parte, não só circulava pelos espaços dos jornais, como também por diferentes regiões geográficas. Ao falar da transferência desse gênero da Europa até o Brasil, podemos relacioná-lo com as transformações pelas quais a colônia estava passando, como aponta Germana Sales:

A expansão da imprensa periódica durante o século XIX constituiu-se em um dos elementos fundamentais para a vida intelectual da época no que se refere à transmissão de informações, atualização de novos conceitos e, até mesmo, como fonte de instrução. [...] Os progressos e as variações dos periódicos não podem ser observados de forma independente da história social e econômica que os enquadra. Sua condição de instrumento cultural está condicionada em cada caso às situações particulares do momento e do espaço em que ocorreram. Deste modo, o jornal surgiu e adquiriu importância, não apenas pelas circunstâncias políticas, mas pela notabilidade como instrumento de veiculação da literatura, [...] Graças ao seu baixo custo, o jornal possibilitou uma maior interação entre o leitor e o texto impresso, convertendo-se num meio de divulgação literária, alcançando dimensão e proporção significativas para o estreitamento das relações entre leitor e leitura.³⁶

Assim como não há como desvencilhar a circulação da prosa em série das mudanças histórico-culturais pelas quais passou o Brasil, não há como deixarmos de notar as influências desse gênero para a formação de um novo público. Marisa Lajolo e Regina Zilberman chamam atenção para esses novos públicos de leitores formados pelo romance-folhetim:

Apenas, portanto, no século XIX engendram-se no Brasil as primeiras e novas formas de público que, inicialmente ralo e inconsciente, aos poucos ganha personalidade e contorno diferenciados. Entre os anônimos leitores de folhetim e os assíduos freqüentadores de teatro, circulam intelectuais, homens de letras, estudantes, jornalistas, algumas sinhás-moças e até velhotas capazes de leitura.³⁷

³⁶ SALES, Germana. **Folhetins**: uma prática de leitura no século XIX. Disponível em: www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf. Acesso em: 24 abr. 2010, p. 02.

³⁷ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002, p. 77.

Leitores foram influenciados pelas publicações folhetinescas no Brasil. Em meio a poucos projetos de alfabetização, poucas bibliotecas, ao difícil acesso aos livros, o jornal e suas narrativas fatiadas e diárias possibilitaram um contato com a literatura produzida no momento.

Às vezes traduzidos, às vezes escritos e compostos no Brasil, os folhetins tinham algumas especificidades que também favoreciam a criação e o fortalecimento de um público leitor. Além de serem muito mais baratos, os jornais induziam a uma leitura parcelada, aos pedaços, à qual talvez estivessem mais habituados os leitores disponíveis naquele tempo.³⁸

Como observamos, o baixo custo dos jornais facilitou o acesso aos textos literários. Em seu tempo, o romance-folhetim provocou a preferência do grande público, que se via diante de uma ficção capaz de aguçar sua curiosidade, fato que estabelecia uma relação de conquista, conforme aborda Nelson Werneck Sodré quando mostra essa relação do espaço folhetim com o público.

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram maioria.³⁹

Essa relação entre jornal e literatura não só retoma pontos discutidos pelos seus contemporâneos, como também esclarece processos na formação da nossa literatura, a qual recebeu influências por quase um século dos modos de produção, de circulação e de apropriação de um tipo de narrativa que somente há pouco tempo foi retomada como fonte de pesquisa.

³⁸ LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. São Paulo: Objetiva, 2004, p. 37.

³⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 242-243.

Ainda assim, como já foram apontadas, as pesquisas sobre o romance-folhetim no Brasil cada vez mais se espalham pelas diferentes regiões. Passemos às perspectivas deste “famigerado” gênero nas terras do Norte brasileiro, na Província do Grão-Pará.

1.3 – Belém do Grão-Pará e os caminhos literários

Belém não é somente a capital de um Estado brasileiro, mas também a capital natural da maior região ou unidade fisiográfica do continente e como tal a “cidade-chave”, a “cidade-síntese” e a “cidade-símbolo” da Amazônia.

Eidorfe Moreira

Em 1720, a vila Santa Maria de Belém do Pará⁴⁰ tornou-se Província. De acordo com José Maria de Azevedo Barbosa, no documento de criação da Diocese de Belém do Pará, está explicada a mudança do nome e de título da região, atualmente conhecida como Estado do Pará.

levando em consideração que na vastíssima Província do Maranhão, que se estende no Brasil em regiões e lugares ínvios, pela aspereza dos caminhos e pelos perigosíssimos rios, existe uma única Igreja Catedral, que é a de São Luís do Maranhão [...] por causa da distância enorme dos lugares e do difícil acesso no exercício do labor pastoral, torna de todo impraticável a administração de tão extensa diocese, mesmo por que os habitantes daquela província e sobretudo aqueles que habitam a chamada Prefeitura do Grão-Pará, muito distante da referida Igreja Catedral, ficam privados da vida episcopal [...] Examinando, pois, essas e outras causas entre os assuntos consistoriais dos eminentes Cardeais e, levando em consideração os rogos do caríssimo filho João, Rei de Portugal e dos Algarves, bem como pela anuência de nosso bispo de São Luís, DIVIDIMOS, SEPARAMOS e DESMEMBRAMOS a chamada Vila de Santa Maria de Belém do Grão Pará, com seus terrenos anexos e ilhas adjacentes [...] aquela que será erigida em cidade, denominada Santa Maria de Belém do Pará⁴¹

Belém do Grão-Pará fez parte dos maiores e mais movimentados portos do século XIX, num período de auge, luxo e desenvolvimento na cidade. Chegou ao fim dos oitocentos como uma das cidades com melhor crescimento que incluía construções erigidas com técnicas modernas na época, como o Mercado de ferro do Ver-o-Peso, edificado em 1625; o Palácio Antônio Lemos, levantado entre 1868 e 1883; o Teatro

⁴⁰Belém foi fundada em 1616, por Camilo Castelo Branco.

⁴¹BARBOSA, J. *apud* MARANHÃO, Haroldo. **Pará, Capital: Belém**. Memória & Pessoas E Coisas & Loisas da Cidade. Belém: Super-cores, 2000, p. 43-44.

Nossa Senhora da Paz, construído entre 1869 e 1874; o Colégio Gentil Bittencourt, estabelecido em 10 de junho de 1804; o Cinema Olympia, fundado em 1912 e caracterizado como o cinema mais antigo, em funcionamento, no Brasil.

Ricardo Borges destacou que o “Pará nunca mais alcançou representações no cenário nacional comparável à do período de 1822 a 1889”.⁴² O comércio da borracha permitiu e subsidiou o crescimento da cidade independente do restante do país. As construções aludidas resultaram do auge da comercialização do látex em Belém, na segunda metade do século XIX.

O refinamento não estava só nos casarões de estilo europeu, nas roupas encomendadas de Paris, como também no comportamento das pessoas. Muitos herdeiros de terras foram estudar na Europa e retornaram com idéias de modernização para a cidade. Esses militantes foram responsáveis pela fundação dos primeiros jornais paraenses, formaram grupos e editaram os próprios periódicos, de acordo com Germana Sales:

A partir da segunda metade do século XIX, cresceu o número de periódicos na cidade de Belém que investiram nas publicações literárias. Num total de cinquenta e quatro jornais publicados entre 1822 e 1900, vinte e nove reservavam um espaço para publicações literárias de diferentes gêneros.⁴³

Nessas folhas diárias, mais da metade possuía secções destinadas à publicação de prosa de ficção. Esse fato mostra que havia um público para este fim. Os espaços destinados para publicações de narrativas em série aparecem desde a década de 1840, como exemplo o periódico *Treze de Maio*, considerado o primeiro jornal a publicar prosa de ficção seriada em Belém do Pará, com a impressão de *O Velho Mendigo*, na coluna *Folhetim*.⁴⁴

Houve um breve espaço entre a primeira publicação do romance-folhetim no Brasil, em 1839, até a primeira publicação no Pará, em 1840. Esse diminuto período deveu-se às tipografias que mantinham relações entre si, o que possibilitou a circulação do romance-folhetim por todo o Brasil. Essas relações podem ser confirmadas pelas

⁴² BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará:** paraenses históricos do Império. Belém-PA: Conselho Estado de Cultura, 1970, p. 21.

⁴³ SALES, Germana. **Folhetins:** uma prática de leitura no século XIX. Disponível em: www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf. Acesso em: 24 de abr. 2010, p. 46.

⁴⁴ Esta informação deve-se às pesquisas realizadas por Simone Cristina Mendonça, em seu projeto de pesquisa *Os tipógrafos e seus parceiros: a produção de livros na Província do Pará na primeira metade do século XIX*, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Bolsa / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará.

traduções e pela recorrente expressão *Extrahido de*, ao fim das narrativas impressas nos periódicos.

Houve diversas formas de produção, de edição e de publicação na Província do Grão-Pará. O exercício dessas funções, muitas vezes, se acumulava em uma única pessoa. O dono do jornal era também editor, jornalista e, algumas vezes, escritor. Sobre os jornais que publicaram prosa de ficção, Germana Sales realizou um levantamento e identificou aqueles com publicação constante:

Gazeta Oficial, Jornal do Pará, Diário de Belém, Liberal do Pará e A Folha do Norte. Nesses periódicos circularam, diariamente, textos literários de vários gêneros: “romance-folhetim”, “romance”, “romance de cavalaria”, “novela”, “conto”, “crônica”, “crônica religiosa”, “crônica política”, “crônica humorística”, “crônica de viagem”, “poesia”, “farsa”, “lenda” e “texto reflexivo”. Os assuntos também eram diversificados: amor, peripécias, desilusões amorosas, dramas familiares. As colunas de *Variedades, Miscellanea, Litteratura ou Folhetim* apresentavam uma diversidade das práticas de escrita que romperam com os gêneros cristalizados da poética clássica.⁴⁵

Dentre os cinco periódicos citados, destacamos o *Jornal do Pará*, fonte dessa pesquisa, que mesmo permeado de grande apelo político e comercial, destinou constantemente espaços para a publicação literária, principalmente brasileira.

Os periódicos paraenses não só surgiram com intento político, mas também para satisfazer o público que lia os gêneros que faziam sucesso pelo mundo. Assim, os jornais na antiga província do Grão-Pará traziam diariamente prosa de ficção publicadas em suas páginas de todos os gêneros, extensões e assuntos. O *Jornal do Pará* seguiu a mesma corrente e fez circular em suas páginas desde poesias, lendas, crônicas, contos até romances.

⁴⁵ SALES, Germana. **Folhetins**: uma prática de leitura no século XIX. Disponível em: www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf. Acesso em: 24 de abr. 2010, p. 46-47.

II CAPÍTULO

A IMPRENSA PARAENSE E O *JORNAL DO PARÁ*

2.1 – O início da imprensa paraense

Ainda não foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira com o jornalismo, especialmente no século XIX.

Regina Zilberman

Para o Brasil, conquistar a Independência em 1822 não foi o mesmo que conquistar liberdade. A Coroa cedeu o título, mas o domínio ainda se fazia por meio de decretos, censuras e aliados que acreditavam no sistema regencial. A constituição da Nação brasileira foi um processo, como expõe Nelson Werneck Sodré,

No processo de que se gera, a pouco e pouco, a separação entre a colônia e a metrópole, confundem-se os dois problemas: o da Independência e o da liberdade. Para determinadas forças, tratava-se apenas, ou principalmente, da Independência. Para outras, tratava-se também da liberdade. Aquelas eram as forças ligadas à classe dominante, de senhores de terras e de escravos ou de servos, a partir do momento em que aceitam a separação; antes, nem isso aceitavam. Estas eram as forças ligadas às camadas médias, destacadamente o grupo comercial: forçava-se a colocar em destaque o problema da liberdade e o apoio e a pressão que recebiam de camadas populares ainda mais baixas do que as do comércio, cuja presença se fizera sentir nas conspirações e rebeliões, desde o século XVIII. A mistura entre os dois problemas, o da Independência e o da liberdade, denuncia a complexidade da fase política, explica enganos individuais, justifica mudanças de posição nas figuras mais destacadas e reflete-se de imediato na imprensa.⁴⁶

Essa luta por liberdade e pela tentativa de estruturação do Estado levou às diversas Revoltas Regenciais pelas províncias em todo país. As movimentações refletiram em variados segmentos, e a busca por espaço e liberdade de expressão desenvolveu um dos principais setores de comunicação do período: a imprensa jornalística.

⁴⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 47.

A história da imprensa foi importante em todo o país e esteve relacionada, na maioria das vezes, com os acontecimentos políticos. No Pará, o início da história da imprensa se estabeleceu em meio a uma das maiores lutas pela Independência que se deu no Brasil durante o século XIX: a Revolução Cabana. Nelson Werneck Sodré, ao falar do início da imprensa paraense, destaca o movimento Cabano⁴⁷ que esteve conexo com o primeiro periódico no Pará.

Os que pensam ter sido pacífico, fácil e manso o processo de Independência podem verificar, por casos como o do Pará, quais as suas verdadeiras dimensões. Na província realmente, os dois problemas, o da liberdade e o da Independência, fundiram-se, não foi possível separá-los: daí a Cabanagem⁴⁸

A Cabanagem trouxe entre seus líderes aquele que seria o responsável pelo início da imprensa no Pará, Filipe Patroni. Esse filho do município de Acará dedicou-se aos estudos e formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em Portugal. Patroni foi à Europa como representante do governo paraense nas Cortes, o que possibilitou sua participação na imprensa lisboeta. Tinha o intento de se tornar governador do Grão Pará, para implantar suas idéias liberais, mas não conseguiu seu objetivo. Então, quando retornou a Belém, trouxe a idéia e o material gráfico para fundar *O Paraense*⁴⁹, juntamente com o Cônego Batista Campos.⁵⁰

O Paraense foi inaugurado em 22 de maio de 1822 e parou de circular em 19 de outubro do mesmo ano. Foi publicado pela Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello ou Imprensa Constitucional de Daniel Garção de Mello. A tipografia foi adquirida da Imprensa Nacional de Lisboa, por Filipe Patroni, em sociedade com Domingos Simões da Cunha⁵¹, José Baptista da Silva⁵² e Daniel Garção⁵³. Surgido às vésperas da

⁴⁷ Ocorrida entre 1835 a 1840, na província do Grão Pará, essa luta foi marcada pela revolta do povo miserável contra a opressão lusitana. O nome é proveniente da participação intensa dos cabanos – pessoas de baixa renda que habitavam cabanas ao longo das margens dos rios, e que foram de grande importância nas conquistas dessa Revolução Regional.

⁴⁸ SODRÉ, Nélson Werneck. *Ibidem*, p. 66.

⁴⁹ Em 1842 surgiu outro periódico de mesmo nome, *O Paraense*, que circulou até 1844, sob a redação de Joaquim Mariano de Lemos, e impresso na tipografia de J. H. da Silva e de F. J. Nunes.

⁵⁰ BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**: paraenses históricos do Império. Belém-PA: Conselho Estado de Cultura, 1970, p. 74.

⁵¹ “Filho do capitão-mór Clemente Simões da Cunha, que foi um homem de abastada fortuna e possuidor de lavras de mineração de ouro, nasceu em Paracaté, Minas gerais, no ano de 1755 e faleceu a 29 de setembro de 1824, sendo presbítero do habito de S. Pedro. [...] Escreveu não só diversos sermões, alguns dos quais nem pregou desde que foi censurado de certos assomos liberais, que lhe notara no púlpito vigário Antonio Joaquim Corrêa de Mello, mas também diversas peças de música, sendo algumas acompanhadas de poesia de sua lavra, e que o povo de sua terra natal, há bem pouco tempo, ainda

Independência, suas atividades estavam relacionadas aos ideais da revolução constitucionalista portuguesa de 1820. Por conta disso, foi considerado pelo governo como ameaçador às tradicionais representações dos poderes. Aliás, o surgimento de grande parte da imprensa brasileira esteve conectado à questão de 1820, como afirma Nelson Werneck Sodré:

Para o desenvolvimento da imprensa brasileira, o movimento de 1820 teve conseqüências favoráveis. Foi em função delas que o processo da Independência prosseguiu, mudando a sua qualidade, mas encontrando um mínimo de imprensa para nele influir. A confusão que se apresenta nessa imprensa é a do quadro político, quando os dois problemas se confundem, o da liberdade e o da Independência.⁵⁴

Foi nesse clima de prosperidade que Filipe Patroni aportou novamente em Belém do Grão-Pará, e participou dos movimentos libertários que já incitavam os acontecimentos posteriores, como a Revolução Cabana. Desta forma, semanalmente, as páginas de *O Paraense* eram repletas de discussões políticas, com o objetivo principal de levar ao público idéias liberais e alcançar diversos segmentos em diferentes regiões da Província. Esse jornal circulou desde a capital aos interiores e foi importante para o movimento Cabano, servindo de inspiração e aumentando o prestígio de Filipe Patroni.

Além de *O Paraense*, outras folhas jornalísticas circularam em Belém. Sabemos, portanto, que a circulação de jornais estava atrelada às tipografias. No século XIX, o Brasil, mesmo após 1822, constituía um processo de formação de Nação e de libertação da subjugação que Portugal impôs durante esse período. Por isso, Rubens Borba de Moraes, ao tratar das tipografias nas capitanias, salienta que “províncias do Norte do país, onde a luta foi mais acirrada, os prelos imprimiam, quase exclusivamente, gazetas

apreciava. Escreveu também diversas comédias, farsas e poesias”. Fonte: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. 2 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895, p. 232-233.

⁵²Negociante paraense e tenente de milícias.

^{53c}Nasceu no último quartel do século XVIII na antiga Província do Pará, segundo uns, ou em Lisboa, segundo outros. O que é certo é que fizera sua educação literária em Portugal, de onde veio para o Brasil com seu amigo Felipe Alberto Patroni, e que se estabeleceu no Pará, quando foi aclamada a independência, cuja causa abraçou, persistindo no império. Era taquígrafo e foi quem introduziu no Pará a primeira oficina tipográfica que a Província teve.” Fonte: BLAKE, Augusto V. A. Sacramento. *Ibidem*, p. 160.

⁵⁴SODRÉ, Néilson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 49.

e papéis políticos. Somente depois da Independência é que essas tipografias começam a publicar trabalhos alheios à política”.⁵⁵

A primeira tipografia em funcionamento no Pará foi preparada por João Francisco de Madureira⁵⁶, em 1820. Inspirado pela Revolução do Porto, João Madureira resolveu construir um prelo artesanal e iniciou impressão de avulsos e de papéis políticos, gratuitamente. Sua oficina artesanal foi responsável pelo folheto *O Despotismo Desmascarado ou a Verdade Denodada*, que foi impresso quando Madureira estava em Portugal. Ainda, de acordo com Rubens Borba de Moraes,

A imprensa no Pará apareceu graças à habilidade de um jovem amalucado, exaltado patriota, João Francisco Madureira [...]. Entusiasmado com a Revolução do Porto resolveu criar uma tipografia em Belém [...].

A rigor, mal se pode considerar o prelo artesanal de Madureira Pará, que só imprimiu avulsos. Pouco durou esta tipografia paraense⁵⁷

Contudo, por seu caráter artesanal e de pouca importância na imprensa paraense, é desconsiderado por muitos pesquisadores como participante da história da imprensa no Pará. Em geral, é apenas destacado pela coragem e ousadia de construir o próprio prelo e pela tentativa de fundar uma tipografia.

As prensas na capitania paraense foram numerosas e chegaram a 30 tipografias entre os anos de 1822 a 1878, ano de término da circulação do *Jornal do Pará*. No oitocentos, surgiram diversos tipos de periódicos. Só nas décadas de 1860 e 1870, período de circulação do *Jornal do Pará*, pode-se constatar aproximadamente 41 impressos, entre bissetmanais, semanais e diários. Esse dado confirma que havia, na capital paraense, um significativo número de pessoas envolvidas na prática da escrita, da edição e da leitura no Pará do século XIX. Nas décadas de 1860, a população paraense estava estimada em mais de 30 mil habitantes, como observado na fala de Tavares Bastos sobre Belém, “bela cidade de mais de 30.000 almas”.⁵⁸

⁵⁵ MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979, p. 166.

⁵⁶ “Nasceu na Província do Pará, em 12 de outubro de 1797 e faleceu depois de 1834. Exerceu o cargo de amanuense da contadoria da junta da fazenda e foi um homem empreendedor. Fonte: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento.” **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. 3 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895, p. 435-436.

⁵⁷ MORAES, Rubens Borba de. op. cit., p. 166-167, nota 2.

⁵⁸ BASTOS Apud MARANHÃO, Haroldo. **Pará, Capital: Belém**. Memória & Pessoas E Coisas & Loisas da Cidade. Belém: Super-cores, 2000, p. 79.

Mesmo em meio a tantos tipógrafos, a casa responsável pela impressão do *Jornal do Pará* conseguiu alcançar estabilidade e destaque para um momento de turbilhão na imprensa paraense, seja por ter sido órgão oficial, seja pela inteligência e experiência de seus dirigentes.

2.2 – A Tipografia de Santos & Irmãos

Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função.

Nelson Werneck Sodré

Fundada por Honório José dos Santos, a **Typographia Santos & Menor** foi inicialmente localizada na Rua da Alfama, nº 15, a oitava rua aberta em Belém. Posteriormente, passou a ser chamada de Santarém, e é, atualmente, conhecida como Rua Rodrigues dos Santos⁵⁹. O estabelecimento foi mudado depois para a antiga Rua São João, “rua que era rica em história, justamente pelos anseios de liberdade”⁶⁰, denominada nos dias atuais Rua João Diogo.

A prioridade, inicialmente, não era a da impressão dos jornais. No entanto, por necessidades mercadológicas, iniciou-se o processo de imprimir periódicos na Tipografia da família Santos. Por isso, essa casa tipográfica foi responsável por diversos documentos e textos de variados tipos, assim como ressalta Izenete Nobre:

É necessário esclarecer que até meados de 1850 a impressão e encadernação dos relatórios e Falas Provinciais, além de todos os documentos das várias repartições públicas estavam a cargo da empresa de Honório José dos Santos com a tipografia denominada *Santos & Menor*, depois *Santos & Filhos* e *Santos & Irmãos*. A partir de 1853 esse quadro muda. A tipografia de *Santos & Irmãos* que imprimiu, por muito tempo, isoladamente, os documentos oficiais, deparou-se com a instauração de uma concorrência pelo direito de imprimir de várias casas tipográficas e de encadernação.

Diante dessa concorrência *Santos & Irmãos* viu-se, indiscutivelmente obrigado a aparelhar sua loja e a se adaptar à nova lei do mercado, imprimindo os jornais, uma vez que a imprensa diária era a melhor maneira de se atualizar e oferecer os serviços de impressão no mercado. De tal forma que imprimiu as

⁵⁹ VALENTE, José. **A História nas Ruas de Belém**: Cidade Velha. Belém: CEJUP, 1993, p. 34.

⁶⁰ VALENTE, *Ibidem*, p. 19.

folhas *Treze de Maio* (1840-1862), *Revista Mensal do Atheneu Paraense* (1860-1861) e *Jornal do Pará* (1862-1878).⁶¹

Honório dos Santos expandiu seus negócios para outros tipos de produção, até mesmo com o comércio de encomendas e vendas de livros para diversos fins, como confirmado na criação da “Casa Santos & Irmãos”.

Laurence Hallewell destaca que a primeira publicação de relevância realizada no Pará foi o *Ensaio corográfico sobre a província do Pará*, de Antônio Ladislau Baena, em 1839. Esse texto foi impresso pela **Typographia de Santos & Menor**, que depois teve a razão mudada para **Santos & Filhos** e mais tarde para **Santos & Irmãos**.⁶²

Pela **Typ. de Santos & Filhos**, foram impressos os seguinte textos: *Ordem do dia. A questão das carnes verdes ou Apontamentos sobre a criação do gado na Ilha do Marajó* (1856), de Tito franco Almeida; *Collecção de algumas circulares e portarias mais Importantes de S. Exc^o reverendíssimo o Snr. Bispo do Pará* (1856), de José Afonso de Moraes Torres; *Compendio da Língua Brasileira: para uso dos que a ella se quizerem dedicar* (1858), de Francisco Raimundo Correia de Faria; e *Roteiro de viagem da cidade do Pará até as ultimas colônias do sertão da província* (1862), de José Monteiro de Noronha.⁶³

Nos periódicos impressos por essa tipografia, os anúncios eram presenças constantes, afinal os mesmos ajudavam a manter os jornais. Socorro Barbosa ressaltou essa estratégia: “Outro mecanismo presente tanto nos jornais da Corte como naqueles das Províncias diz respeito aos reclames. Estes são de natureza diversa e, assim, como as notícias, críticas, devem ser apreendidos em suas condições de produção.”⁶⁴ A fotografia abaixo revela essa diversidade apresentada nos anúncios, principalmente quando era para ofertar os produtos vendidos na própria tipografia que imprimia o jornal.

⁶¹ NOBRE, Izenete Garcia. **Frederico Carlos Rhossard: História de um Tipógrafo**. Disponível em: www.livrohistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Izenete_Garcia_Nobre.pdf. Acesso em 10 jun. 2010, p. 04.

⁶² HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995, p. 121.

⁶³ Referências retiradas do **Pará e Amazônia: catálogo de obras raras ou valiosas da Biblioteca Pública Arthur Vianna**.

⁶⁴ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 76.

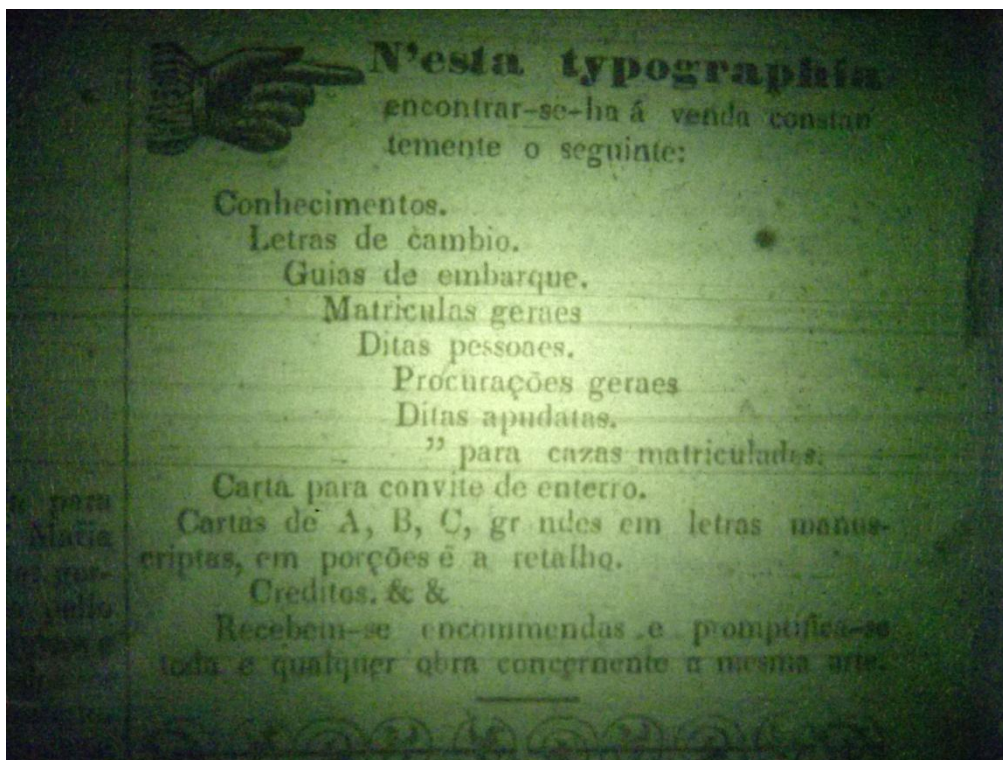


Figura 04: Anúncio da Tipografia Santos & Irmãos, publicado no *Jornal do Pará*, 03/01/1867, 4^a pág. 4^a col.

Na imagem acima, vemos destacado o anúncio de todas as ofertas de produtos impressos de que disponibilizava a **Officina Typographica de Santos & Irmãos**. O estabelecimento não apenas produzia o jornal, como também comercializava outros materiais e funcionava como casa comercial. Podemos associar ao que conhecemos hoje como papelarias, que, além de venderem todo tipo de papel, comercializam também materiais para escritórios, para estudos, para eventos, e livros, principalmente didáticos.

Na tipografia de **Santos & Irmãos**, o assunto artes não se limitava apenas à escrita. Honório Santos comercializou também instrumentos musicais que vinham de outras regiões do Brasil, como um baixo que veio do Rio de Janeiro e apareceu nos anúncios do jornal por alguns meses. Os donos de tipografias e livrarias, ramos ainda em desenvolvimento no Brasil, precisavam comercializar produtos além dos impressos, como afirma Alessandra El Far:

Como naquela época o comércio livreiro ainda caminhava a passos lentos, era bastante comum que esses comerciantes vendessem em seus estabelecimentos partituras, águas perfumadas, guarda-chuvas, jogos, material de escritório e objetos de uso pessoal.⁶⁵

⁶⁵ EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 19.

Logo a seguir ao reclame do baixo, apareceu um anúncio de uma casa livreira. A livraria em questão é de Levindo Antonio Ribeiro, que funcionou na travessa do Pelourinho, atual 7 de Setembro, e como produto ofertado, puseram as folhinhas de algibeiras para 1867 e a 9ª edição da Gramática de Condurú.

A tipografia também anunciava venda de livros, reclames voltados para um público de menor posse, como podemos observar nos exemplos a seguir:

ALMANACK de Lembranças Luzo-Brasileiro

Para o anno de 1867

Achá-se à venda na loja de livros de José Maria da Silva, na calçada do Collegio n 19, a 500.⁶⁶

O Livro do Povo

Acha-se à venda na loja de livros de José Maria da Silva, na calçada do Collegio n. 19.⁶⁷

Essa denominação de “Livraria para o povo” se repetiu em outros estados, contudo a livraria popular de José Maria da Silva, anunciada em 1867, funcionou antes mesmo da Livraria do Povo, de Pedro Quaresma, inaugurada em 1879 no Rio de Janeiro.⁶⁸ Entre os reclames, apareceram também periódicos de outras províncias anunciados para assinatura em livrarias paraenses ou na tipografia **Santos & Irmãos**.

A MARQUEZA DO NORTE

Periódico feminino e político, publicado em Pernambucano, vende-se em Casa de Maximiano Gemaque Fôro.

Chamo a atenção do público para a leitura d’este interessante jornal.

Número avulso 40 reis.⁶⁹

O SECULO

Política, Literatura, Crítica, Notícias.

Este periódico pernambucano assina-se na livraria do snr. Livindo Antonio Ribeiro.⁷⁰

O MONITOR DO POVO

⁶⁶ *Jornal do Pará*, 05/01/1867, p. 3, 4ª col.

⁶⁷ *Jornal do Pará*, 09/01/1867, p. 3, 4ª col.

⁶⁸ EL FAR, op. cit., p. 24.

⁶⁹ *Jornal do Pará*, 08/01/1867, p. 3, 4ª col.

⁷⁰ *Jornal do Pará*, 09/01/1867, p. 3, 4ª col.

Com este titulo se publica na Côrte, aos domingos, um periódico em grande formato, órgão do partido progressistas, cujo fim é defender e sustentar as idéias deste partido; sua redacção compõe-se de homens distintos do mesmo partido, os quaes ao talento e illustração reúnem pericia e gosto sobre negócios públicos, quer sobre particulares, elle as sustenta na altura das conveniências sociaes, nunca descendo á individualidades, e muito menos á vida privada de quem quer que seja.

No escriptorio desta typographia, á rua S. João, casa n. 22 se recebem assignaturas para o dito periódico.⁷¹

Esses anúncios comprovam a relação entre as províncias pelos impressos. As tipografias mantinham ligações entre si, não apenas na transcrição de notícias e prosa de ficção, mas também na própria venda dos jornais, que eram comercializados em diferentes estabelecimentos.

Ao longo do tempo, a oficina tipográfica da família Santos modernizou seu modo de impressão. O formato, a quantidade e os modos de produção e circulação dos jornais produzidos foram se modificando. É possível verificar essa melhora ao compararmos os impressos *Treze de Maio* e o *Jornal do Pará*. O primeiro, impresso em duas colunas e quatro páginas, é escasso em imagens, enquanto que o segundo apareceu com mesmo número de páginas – quantidade padrão em quase todos os periódicos que circularam na época, de acordo com Carlos Rocque⁷² – em cinco colunas, com número maior de secções e repleto de imagens com melhores definições.

Na década de 1870, constantemente apareciam ilustrações, seja nas notícias ou nos reclames. A tipografia incluía gravuras em suas páginas para torná-las mais atrativas. Alessandra El Far assinala que o uso das figuras em livros, durante o século XIX, com objetivo de cativar mais leitores, também foi usada nos jornais com mesmos fins:

Os jornais igualmente aproveitaram as novas tecnologias de impressão para aumentar a circulação de seus cadernos. Desde 1834, ano de lançamento de *A Lanterna Mágica*, as chamadas revistas ilustradas entretinham os leitores com suas charges sofisticadas e divertidas, que abordavam os diferentes aspectos da vida política e econômica do país.⁷³

Como exemplo dessas ilustrações veiculadas nos periódicos, expomos abaixo algumas imagens do *Jornal do Pará*.

⁷¹ *Jornal do Pará*, 24/10/1867, p. 3, 5ª col.

⁷² Cf. ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará*. Belém, PA: Mitograph Editora Ltda, 1974.

⁷³ EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 37.



Figura 05: Página de Anúncios do *Jornal do Pará*
Jornal do Pará, 05/01/1870, p. 4, col. 1.



Figura 06: Nota de embarcações
Jornal do Pará, 05/01/1870, p. 3, col. 3.

A imagem à esquerda aparecia na divulgação da própria tipografia da família Santos, por isso a figura de um tipógrafo trabalhando em suas máquinas de impressão. A da direita demonstra a utilização de ilustrações em diversos assuntos, que compreendiam desde avisos da chegada de embarcações a anúncios de máquinas de costura e notícias do dia a dia, como notas de falecimento.

A tipografia Santos & Irmãos conseguiu seu espaço e estabilidade no mercado impressor paraense. Entre as atividades de impressão, essa tipografia foi responsável por periódicos de longa duração, de sucesso e de repercussão no Estado do Pará. Dentre os jornais produzidos no século XIX, o *Jornal do Pará* conseguiu estabelecimento num momento de intenso surgimento de periódicos e disponibilizou espaços para a circulação literária, principalmente a brasileira.

2.3 – O *Jornal do Pará* (1862 – 1878)

Folhas periódicas se imprimirão na velocidade da ventania, não só palavras, porém imagens que chegarão de distantes lugares no mesmo minuto [...]

Filippe Patroni

Para iniciarmos a história do *Jornal do Pará*, é necessário tecer um breve comentário sobre o periódico *Treze de Maio* (1840 – 1862), o qual foi o antecessor daquele e pertenceu à mesma tipografia familiar, contudo em momentos distintos e sob diferentes direções.

O nome *Treze de Maio* faz referência a um acontecimento marcante na Revolução Cabana, pois, em 13 de maio de 1836, sob comando do brigadeiro Francisco José de Sousa Soares de Andréa, houve um bombardeio a Belém, e os cabanos restantes foram obrigados a deixar a cidade.

Fundado por Honório José dos Santos, impresso pela **Typographia de Santos & Menor**, de **Santos & Menores**, de **Santos & Filhos** e **Santos & Irmãos**⁷⁴, o *Treze de Maio* foi o mais importante periódico pós-cabanagem, o qual circulava às quartas e aos sábados e seguia a linha conservadora, aliado ao governo. Ademais, apresentava um posicionamento afirmado desde o nome batizado, como referido em sua primeira edição:

Autorizados pelo Exm^o Governo da Província a publicar os seus actos, encarregamo-nos do cumprimento d'este dever com inexplicável satisfação porque acreditamos, que com este nosso proceder fazermos um serviço á nossa Província, cujo estado, circunstancias e melhoramentos levamos d'est'arte ao conhecimento dos nossos Concidadãos das mais distantes Províncias. Nem um titulo parece mais adequado de que o de = Treze de Maio = d'esse dia memorável nos fastos da historia Paraense, - dia de doces recordaçoes, em que a Legalidade conseguiu triumphar dos desastrosos feitos e negros planos da rebeldia, - apoderando-se da Capital da Província. – Incumbindo-nos de tão espinhosa tarefa, temos em vistas contribuir, quando poder-mos para o bem estar de nossa chara Pátria, e por isso não recuzamos o auxilio d'aquelles, que por meio de decentes e sisudos artigos se queirão prestar á manifestação das necessidades da Província, e dos meios de obter os seus melhoramentos, e por isso admittimos em nossa folha todos os trabalhos, que á ella, ou do estado poderem interessar (...) A população dos actos administrativos do Governo, o Commercio, a industria, a instrucção publica, os melhoramentos emfim da Província – são o assumpto principal a que nos dedicamos.⁷⁵

⁷⁴ Era a mesma oficina tipográfica, pertencente à mesma família, mas que ao longo dos anos mudou a razão social algumas vezes.

⁷⁵ Fiel á fonte primária.

Na citação acima, é no direcionamento “instrução pública” que poderíamos encaixar as primeiras narrativas publicadas pela tipografia *Santos & Irmãos* e, em geral, com assuntos que conduzem a um fim moralizante, preocupação que se estenderá até o *Jornal do Pará*.

Por sua posição conservadora, o *Treze de Maio* travou constantes debates com os jornais de linha liberal. Seu principal oponente ideológico foi o periódico *Jornal do Amazonas*, que mudou de nome e direção, mas as pelejas ideológicas continuaram entre os jornais substitutos: *Jornal do Pará* (1862-1878) X *Liberal do Pará* (1869 – 1889).

Mesmo que as narrativas, no início, partissem de acontecimentos reais, mais próximas de uma notícia de jornal do que de um texto literário, como explanou Simone Mendonça⁷⁶, o *Treze de Maio* foi o primeiro periódico a reservar um espaço para a publicação de prosa de ficção.

Abaixo temos duas fotografias do jornal *Treze de Maio* que ilustram a forma inicial de publicação da tipografia da família Santos:

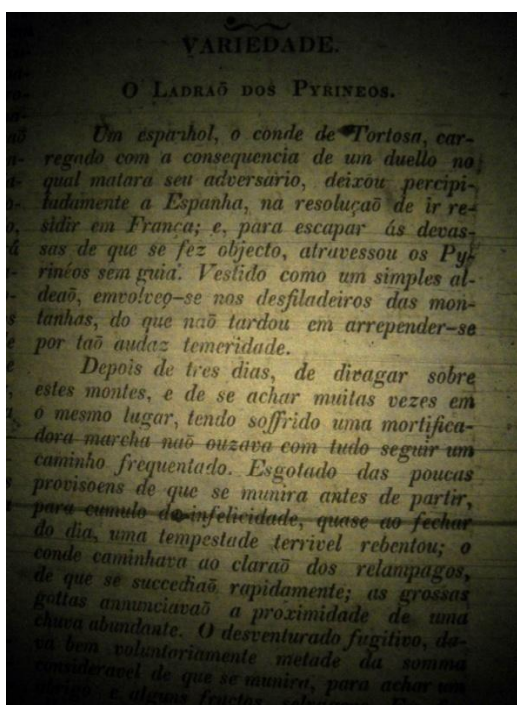


Figura 07: Coluna Varietade do *Treze de Maio*, 21/04/1841, p. 3, 2ª col.

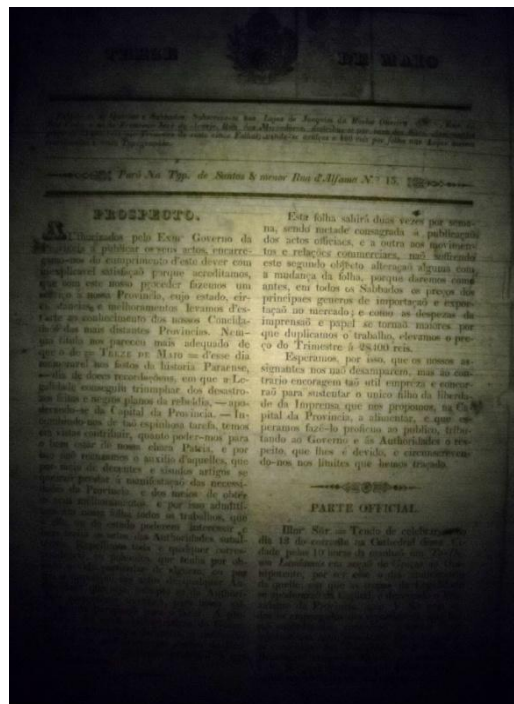


Figura 08: Pagina inicial do *Treze de Maio*, 11/07/1840, p. 1

⁷⁶ Retirado da comunicação oral realizada pela pesquisadora Cristina Mendonça no I Colóquio de Literatura e Recepção, ocorrido na UFPA, em 22 de junho de 2010.

A primeira imagem traz a secção *Variedade*, na qual é principiada a publicação de prosa de ficção com continuidade. A narrativa publicada foi *O ladrão dos Pyrineos*, em três capítulos. Como foi enfatizado por Simone Mendonça, essa foi uma importante publicação para o estudo da história literária no Pará, pois inaugurou o tipo de publicação de narrativas seriadas nos jornais paraenses no século XIX. A história não aparece assinada, mas, ao término, é mencionado que foi retirada de um periódico chamado *Ramalhete*⁷⁷.

A imagem à direita é referente à página de rosto do jornal *Treze de Maio*, que era composto por duas colunas em quatro páginas. No início, trazia informações sobre o local de vendas do periódico, como as lojas de Joaquim da Rocha Oliveira & C^a, localizada na Rua de Boa Vista e nas lojas de Francisco José de Araújo, na Rua dos Mercadores. O periódico era comercializado por 2\$400 reis por trimestre, valor que dava direito a 25 folhas para o assinante. Quando vendido avulso custava 160 reis por folha nas lojas mencionadas e na própria tipografia.

Cada folha do *Treze de Maio* vinha com numeração no centro da margem superior, e assim permaneceu sequencialmente, assimilando-se às numerações que aparecem nos livros no início da página. A disposição das notícias era realizada em duas colunas. Essas características possibilitavam ao leitor reunir as folhas em formato de livro, ao término das publicações. De acordo com Socorro Pacífico Barbosa, essa era uma característica comum ao período: “uma outra representação que também o aproxima deste objeto é o fato de nessas primeiras épocas ser a paginação em série; as páginas também eram numeradas para que se formasse um livro, possibilitando sua encadernação”⁷⁸. Já na impressão do *Jornal do Pará*, a tipografia modificou a forma de numeração, pois os números apareciam no início das quatro páginas, mas sempre os mesmos para indicar que se tratava da folha 1, 2, 3 ou 4, e não na sequência das publicações de todo o periódico, como era feito no *Treze de Maio*.

Ao completar cem números de publicação, o jornal *Treze de Maio* trouxe uma nota comemorativa com informações de outros periódicos que circularam no mesmo momento.

⁷⁷ Periódico Português, impresso de 1837 a 1844.

⁷⁸ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p.27.

Temos a satisfação de publicar o Nº 100 do Periódico 13 de Maio! De 37 diversos Periódicos que se tem visto publicado nesta Província, só os 5 que vão assinalados com estrelinhas no Catálogo que se vê abaixo, se avantajaram na numeração, e mesmo excederam do nº 90; os mais pela maior parte d'elles finaram-se pouco depois de suas aparições.

Muito agradecemos aos Sm.^s assinantes a aceitação constante deste Periódico; e bem assim agradecemos as pessoas que nos tem obsequiado com os artigos que por vezes se tem publicado, e que tem merecido as simpatias de nossos leitores. Aproveitamos a ocasião para publicamente repetirmos o que diariamente temos afirmado. – Não publicamos nem faremos publicar correspondência alguma tendente a provocar inimizades, ou rixas, sejam contra qualquer amigo, amigo ou não amigo, pois que das inimizades [a experiência é nossa mestra, e que caras lições nos tem ela dado!] nascem sempre o descontentamento e as desordens entre uma Família, ou todo o Povo de um País.

Com o Nº 101 que se vai publicar começará o 5º Trimestre. As pessoas que mandarem avisos para esta Tipografia, lhe rogamos de os corrigirem bem na sua escrita, porque nós os não alteraremos, e tal qual for a sua redação e pontuação, daremos ao Prelo; salvo se nos mesmos avisos nos advertirem do contrário.

O coordenador – Santos.

CATÁLOGO

- 1822 O Paraense.
- 1823 O Luzo Paraense.
- 1824 O Independe.
- 1825 O Amigo da Virtude.
- 1827 O Verdadeiro Independente, 1º nº em 13 de Janeiro.
- 1827 A Voz do Amazonas, 1º nº em 3 de Fevereiro.
- 1829 O Brasileiro Fiel a Nação e ao Imperador, 1º nº em 6 de Junho.
- 1829 Telegrapho.
- 1829 O Sagitario.
- 1831 Correio do Amazonas.
- 1831 Orpheu Paraense, 1º nº em 28 de Março.
- 1831 O Hemmendall.
- 1831 Opinião, 1º nº em 13 de Abril.
- 1831 Belleno-Phonte, 1º nº em 1 de Março.
- 1831 Echo Paraense, em Outubro.
- 1831 O Liberal.
- 1832 O Soldado Liberal, 1º nº em 19 de Janeiro.
- * 1832 A Luz da Verdade, 1º nº em 10 de Março.
- 1832 O Amigo da Ordem, 1º nº em 2 de Abril.
- 1832 O Despertador, 1º nº em 14 de Maio.
- 1832 Paraguassú, 1º nº em Setembro.
- * 1832 O Publicador Amazoniense.
- 1833 O Federalista Paraense, 1º nº em 31 de Maio.
- 1834 O Vigilante, 1º nº em 30 de Março.
- 1834 A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará.
- 1834 O Desmascarador, 1º nº em 26 de Abril.
- 1834 O Correio Official.
- 1834 Diario do Conselho Provincial.
- 1834 O Mercantil, em Novembro.
- 1835 O Pacote do Governo, 1º nº em 3 de Fevereiro.
- 1835 Sabatina, em Julho.
- * 1837 Folha Commercial do Pará, em Agosto.
- 1837 Recopilador das Anedoctas, em Novembro.
- * 1840 Treze de Maio, 1º nº em 13 de Maio.
- * 1840 Pacote Imperial, 1º nº em 23 de Novembro.
- 1841 Publicador Paraense, 1º nº em 17 de Março.

1841 Correio d'Assembleia Provincial do Pará, 1º nº em 23 de Abril.⁷⁹

Essas são informações sobre o cenário dos jornais existentes no período em que o *Treze de Maio* estava em circulação. Após 18 anos em que se iniciou o processo de publicação jornalística no Pará, surgiram 35 periódicos. Alguns desses jornais não estão disponíveis para a pesquisa na Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O *Treze de Maio* foi substituído pelo *Jornal do Pará*: impresso noticioso, político, comercial e literário, como era descrito em seus principais assuntos. A família de tipógrafos continuou a mesma linha de publicação, mas, nesse momento, Honório José dos Santos já havia falecido e foi seu filho Cypriano José dos Santos que direcionou o novo periódico na tipografia renomeada para **Santos & Irmãos**⁸⁰.

O *Jornal do Pará* foi apresentado em formato completamente diferente, em termos de distribuição estrutural e dias de distribuição. Foram 16 anos de circulação, com números diários, exceto às segundas-feiras e dias imediatos a feriados santificados⁸¹. Foram pesquisados todos os números disponíveis, e, entre a variedade de assuntos e tipos de textos publicados, como anedotas, anúncios, editais, notícias econômicas, avisos, pedidos de leitores, encontramos também seis espaços pelos quais circularam 85 narrativas de diversos gêneros.

Os espaços literários foram: *Literatura*, *Variiedade*, *Gazetilha*, *Miscellanea*, *Transcrição* e *Folhetim*. Destaca-se a coluna *Variiedade*, pois foi o espaço em que mais se publicou narrativas. As colunas com essa denominação destinadas a prosa de ficção foram as mais recorrentes em muitos jornais. Marlyse Meyer destaca que: “vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. [...] A seção *Varietés*, que de início dá o título à novidade, com seus conteúdos polivalentes, para rodapés internos”⁸².

Nos constantes espaços destinados à publicação de narrativas de diversos gêneros, verificamos 64 contos; 12 crônicas; 5 romances; e 2 novelas, como pode ser demonstrado no gráfico a seguir:

⁷⁹ *Treze de Maio*, 21/04/1841, p. 2, 2ª col.

⁸⁰ Antes chamada **Santos & Filhos**.

⁸¹ O Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN) - tem arquivado apenas 11 anos do *Jornal do Pará*. O acervo compreende os anos de 1867 a 1878.

⁸² MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

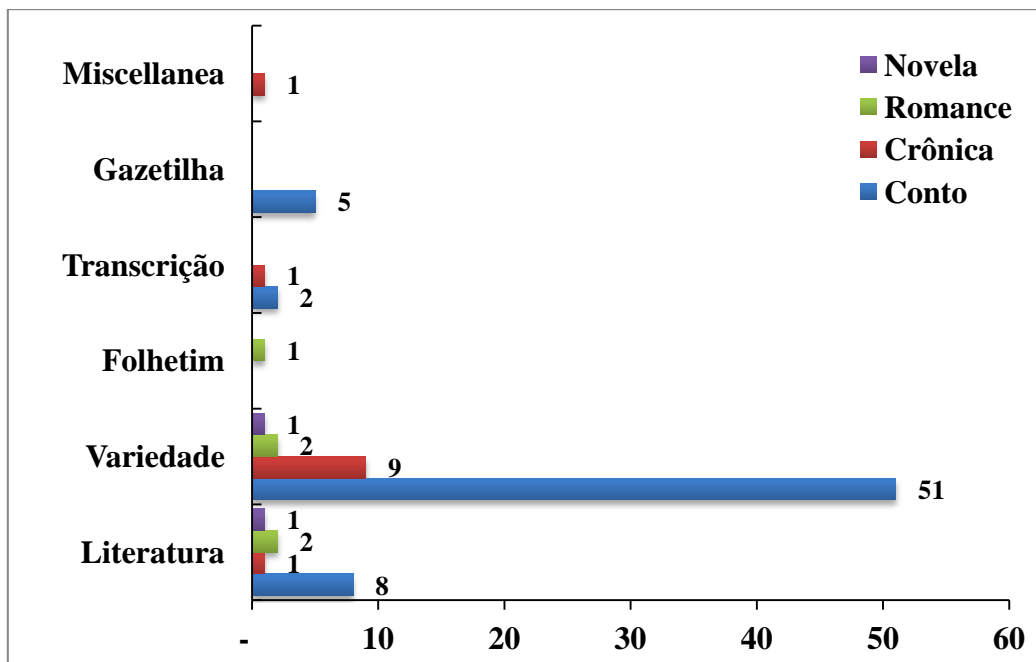


Figura 09: Gráfico com quantidade de gêneros por seções resultantes da catalogação das prosas de ficção do *Jornal do Pará*

Percebemos um significativo número de contos publicados, o que atraiu nossa atenção para o periódico em questão. Pois, na segunda metade do século XIX, o romance-folhetim alcança seu auge e as publicações, em geral, apresentavam muitos números e muitos capítulos, principalmente nos concorrentes do *Jornal do Pará*.

Não há cartas de leitores ou publicação dos editores a respeito da escolha dos textos. Então, buscamos algumas possíveis hipóteses para o grande volume de narrativas curtas no *Jornal do Pará*. Lembrando que o *Jornal do Pará* funcionou como órgão oficial, suas publicações estavam relacionadas constantemente a assuntos governamentais, podemos usar como primeira hipótese que a escolha das narrativas passasse por decisões governamentais, pois eram seções de grande apelo popular. Outra possibilidade é quanto ao fato de que o aparato recebido pelo governo dava meios para que o *jornal do Pará* se sustentasse, por isso não precisa recorrer aos folhetins extensos.

O aparecimento dos contos nos periódicos do século XIX também foi percebido em outros estados. Socorro Pacífico Barbosa pesquisou nos jornais da Paraíba e constatou em um dos periódicos um grande número de publicação de contos. Para essa ocorrência, a autora justifica que “isso se deu pela facilidade de ser publicado de uma só

vez, como pela ‘simplicidade do trecho’ e a ‘linguagem singela’ e corrente, acessível a todos”⁸³.

Nos jornais do Mato Grosso, também foi percebida a mudança quanto a extensão das narrativas impressas nos jornais. Com o tempo, os textos publicados nos espaços dos jornais começavam apresentar menor extensão. Yasmin Nadaf mostra que:

Foi no recheio, ou melhor, no conteúdo propriamente dito, que recaiu a grande divergência do folhetim dos jornais mato-grossenses do folhetim dos jornais de outras geografias. A exceção ficou por conta da crônica folhetinesca, que seguiu as pegadas dos modelos predecessores.⁸⁴

No *Jornal do Pará*, mesmo que tenha sido impresso apenas um folhetim de grande extensão, houve diversos textos, em diferentes formatos e gêneros. Esse periódico apresentou mudanças ao longo de sua circulação, seja para atrair mais leitores, seja para manter os já cativados.

Ao longo de sua existência, o *Jornal do Pará* sofreu algumas alterações em sua estrutura. Inicialmente, era composto de quatro páginas e quatro colunas. A partir de março de 1867, as quatro colunas em que eram distribuídas as seções, aumentaram para cinco, mas o número de páginas se manteve. Como não há explicações no jornal sobre essa mudança estrutural, podemos concluir que tinha como finalidade aproveitar melhor o espaço.

O preço do jornal era definido pela localidade. Para se assinar o periódico na capital belenense, a assinatura tinha o custo de 12\$000 por ano, 6\$000 por semestre e 3\$000 por trimestre. No interior da província, o custo aumentava para 14\$000 por ano, 7\$000 por semestre e 3\$500 por trimestre, pois o jornal era produzido na capital e teria um custo maior para chegar ao interior.

Em novembro de 1866, o *Jornal do Pará* começou suas atividades também como órgão oficial. Por isso, entre suas páginas apareciam seções recorrentes destinadas à publicação do Estado, que traziam tópicos de expediente do governo, requerimentos, officios, pedidos, portarias, despachos, editais, assuntos sobre as câmaras dos municípios.

⁸³ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 22.

⁸⁴ NADAF, Yasmin Jamil. **Estudos Literários em livros, jornais e revistas**. Cuiabá: Entrelinhas, 2009, p. 66.

Apesar de o caráter político ter tido uma presença marcante no *Jornal do Pará*, o mesmo publicou um considerável material literário, como pôde ser constatado no gráfico apresentado. Nessas publicações, a maioria seguia o padrão vigente no século XIX, da não identificação de autoria. De acordo com Socorro Barbosa,

Desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência forte ao anonimato ou ao uso indiscriminado do pseudônimo, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias a partir da segunda década do século XIX (...) uma das razões, a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento.⁸⁵

Entre as 85 narrativas, verificamos que 56 foram publicadas sem identificação de autoria, ou seja, ao término, eram apresentadas apenas as letras iniciais do autor ou a informação de que havia sido extraído de outro periódico; e 29 com autoria identificada. Vale ressaltar que desses autores identificados nem todos são reconhecidos, alguns não foram registrados pelos dicionários bibliográficos.

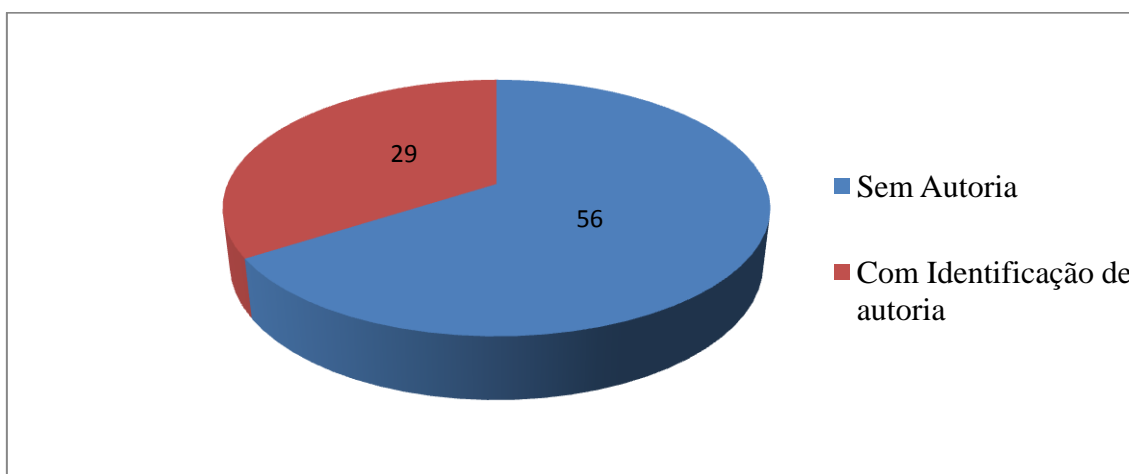


Figura 10: Gráfico com identificação de Autoria das prosas que circularam no *Jornal do Pará*

Identificados ou não esses autores produziram para um público existente e cativo no Estado do Pará. Entre os anúncios do *Jornal do Pará*, encontramos diversos reclames de livros e livrarias e pedido de materiais impressos para a criação da Biblioteca Pública com fins de facilitar o acesso dos leitores de classes mais baixas a suportes mais difíceis, como o livro.

⁸⁵ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX.** Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 32.

JORNAL DO PARÁ

BELEM, 19 de JANEIRO DE 1871.

O illustrado presidente da provincia desejando crear n'esta cidade uma bibliotheca publica, que é geralmente considerada como uma poderosa fonte de instrucção popular, o que em outras cidades muito tem concorrido para o engrandecimento moral e intellectual dos povos, acaba de dirigir-se por carta á diversos cavalheiros pedindo donativos de livros, ou de alguma quantia módica, para compra de revistas jornaes e obras importantes, afim de levar a effeito sua generosa idéa.

Não podendo s.exc. realizar os seus desejos com os recursos do thesouro publico provincial, appella para os sentimentos patrióticos dos briosos paraenses, afim de que avalliem-no n'essa grande obra que não pôde deixar de ser encarada como civilisadora.

E' certo que esta capital, grande pela sua riqueza, prosperidade de commercio, numero de habitantes, amor as artes e as sciencias e onde se vai notando desenvolvido gosto pelo estudo dos diversos ramos dos conhecimentos humanos, recente-se da falta de uma bibliotheca publica, que sem duvida é um elemento de civilisação e muito concorre para espalhar a instrucção por todas as classes da sociedade.⁸⁶

A criação da Biblioteca Pública foi pensada desde 1839, contudo, em meio a empecilhos burocráticos e financeiros, o processo para a fundação da instituição se estendeu até o ano de 1871. Conforme Artur Viana,

O primeiro impulso para a instalação da profícua fonte de estudos, que a biblioteca ia ser, partiu de fora da Província: em sessão de 27 de abril de 1839, a Câmara Municipal recebeu um ofício assinado por José de Nápoles Teles de Menezes, capeando a cópia de uma carta em que um paraense, estudante de Medicina, em Lisboa, cujo nome os documentos oficiais não registraram, aconselhava aos seus comprovincianos a dedicação às letras, e a cooperação no desenvolvimento intelectual da Província. [...]

Em 7 de janeiro de 1871, assumiu o cargo de presidente da província o Dr. Joaquim Pires Machado Portela, que no curto período da sua administração, terminada em 24 de abril do mesmo ano, deixou ao Pará inolvidáveis atestados do seu esforço, da sua boa vontade, da sua alta orientação. Salientam-se entre os seus atos os que se referiram à instrução pública, [...] Distinguiu-se ainda o desvelado administrador pela criação da Biblioteca Pública e do Museu Paraense. [...]

Em sua edição de 20 de janeiro de 1871, o **Jornal do Pará**, órgão oficial, inseriu, na sua primeira coluna, uma extensa notícia sobre a empresa que o presidente entrava a pôr em prática e dos recursos que empregava para tão altruístico fim: sem dispositivo de lei que o autorizasse, é claro, não podia ele utilizar os dinheiros públicos, em tão salutar tentame; apelava, portanto, para os sentimentos patrióticos dos paraenses

Aos 1888 volumes doados fez o presidente reunir os livros da antiga Biblioteca Pública, elevando deste modo o cômputo da livreria a três mil e tantos volumes.⁸⁷

⁸⁶ *Jornal do Pará*, 20/01/1871, p. 1, 1ª col.

⁸⁷ VIANA, Artur. Disponível em: <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/RBB/article/viewFile/76/58>. Acesso em 05 jul. 2010, p. 13.

Foram 1888 volumes arrecadados, um número significativo para o período em que os livros eram inseridos nos inventários como bens a serem herdados. Marlyse Meyer atenta que, na década de 1860, tem início o processo de fundação de bibliotecas e de espaços públicos para a leitura: “Verificou-se que algumas bibliotecas comunais se desenvolveram após 1860, correspondendo à avidez do homem do campo em ler o jornal de um tostão.”⁸⁸

Dados como esse mostram que havia comunidades leitoras em Belém. Alguns grupos se preocupavam com a instrução pública por meio da leitura.

LIVROS

Para a instrução publica: acham-se a venda no estabelecimento de Levindo A. Ribeiro, os seguintes livros approvados pelo conselho de onstrucção publica: 1º e 2º e 3º livros de leitura pelo dr. Abilio; geographia, paleographo, 1º e 2º livros de leitura pelo dr. Freitas; manual encycopedico e methodo fascilimo por Mont' Verde; compendio elemental de leitura por Luiz Baena, e arithmetica da professora d. Maria de Rocha Rodé.⁸⁹

LIVRARIA CLÁSSICA

Este estabelecimento acha-se actualmente mudado para a rua dos Mercadores n. 22 bb por baixo do Cassino paraense.

Os proprietários continuam a envidar seus esforços para mantel-o na altura do fim a que he destinado. Assim he que prezentemente se acha elle situado em uma casa eu offerece não só melhores commodidades aos vizitantes, como melhor ordem na esposição de livros.

Acha-se neste estabelecimento um grande e variado sortimento de obras litteratias interessantíssimas em todos os gêneros, ultimamente recebidos da Europa, sendo todos elles dos melhores auctores e escriptores de inesquivocas reputação.

Convidam pois, aos cavalleiros amantes da instrucção para, por si, melhor apreciar.

N.22 bb livraria clássica n. 22 bb.

Rua dos Mercadores por baixo do Cassino paraense.⁹⁰

Vemos nos anúncios o chamado para a importância dos livros com fins ao aprendizado. A Livraria Clássica destacou os livros vindos da Europa dos autores mais conhecido na época, e ainda houve a preocupação de descrever a propriedade como confortável e organizada quanto à exposição dos livros, o que demonstra, talvez, certa desordem nas livrarias da época.

⁸⁸ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 93.

⁸⁹ *Jornal do Pará*, 05/01/1871, p. 4, 2ª col.

⁹⁰ *Jornal do Pará*, 07/01/1871, p. 3, 2ª col.

Pela forte referência européia nas províncias brasileiras, as principais leituras ainda vinham da Europa. As ficções seriadas que circularam nos periódicos, como vimos, tiveram um início francês, e, portanto vinham carregadas de europeísmos. Entretanto, a produção brasileira nos oitocentos não deixou de ser intensa e se fez presente em muitos jornais da época.

No *Jornal do Pará*, foram publicadas obras de autores tanto estrangeiros quanto brasileiros. Muitos dos textos foram extraídos de outros periódicos, por isso o jornal paraense dialogou com muitos outros jornais que foram impressos no mesmo momento, tanto nacionais como internacionais. Entre os jornais que apareceram citados nas páginas do periódico paraense, dos quais foram extraídos textos, podemos citar: *Album Litterario*⁹¹, periódico de Lisboa; *São Paulo*⁹², editado na cidade de São Paulo; *Correio da Bahia*⁹³, *Diario de Pernambuco*⁹⁴, fundado em Pernambuco; *Jornal dos Debats*,⁹⁵ editado no Rio de Janeiro; *Tribuna Liberal*⁹⁶; *Jornal do Commercio*⁹⁷; *Gazeta de Noticias*⁹⁸ e *Jornal das Famílias*⁹⁹, os quatro últimos impressos no Rio de Janeiro, além de outros que foram anunciados para assinatura.

Dentre os periódicos relacionados acima, destacamos o *Jornal das Famílias* – impresso carioca de sucesso na segunda metade do século XIX que disponibilizou espaço para muitos autores, consagrados até os dias atuais, publicarem suas obras. Foram seis narrativas retiradas do periódico fluminense, o que despertou nosso interesse para análise dessas narrativas, portanto as inserimos nos critérios estabelecidos no início do projeto.

O primeiro critério compreende a forma de publicação em série, pois, de 85 prosas que circularam no *Jornal do Pará*, 32 foram aos moldes do romance-folhetim, aos pedaços, como podemos verificar no gráfico abaixo:

⁹¹ Com a poesia de cunho moralista **A Prostituta**.

⁹² Com a obra **Entre Flores**, de Candido Leitão.

⁹³ Com as obras **Uma história americana**, **A condessinha**, **Nos Alpes**, de Ponsun Du Terrail, **Um casamento original** e **As reuniões de Família**.

⁹⁴ Com a obra **Um drama chinês**

⁹⁵ Com a obra **O gênio e a loucura**, de Charles Fichel.

⁹⁶ Com a obra **O rouxinol**, de Eugenio Monton.

⁹⁷ Com a obra **A semana**.

⁹⁸ Com a obra **O jogo**.

⁹⁹ **A noviça**, sem identificação de autoria; **O anjo da solidão**, L. L. Fernandes Pinheiro Jr; **Muitos anos depois**, Lara; A beneficência delicada, traduzido por Emilia Augusta Gomide Penido; **Ser visto**, sem identificação de autoria; e **A virtude laureada**, assinado por Victoria Colonna.

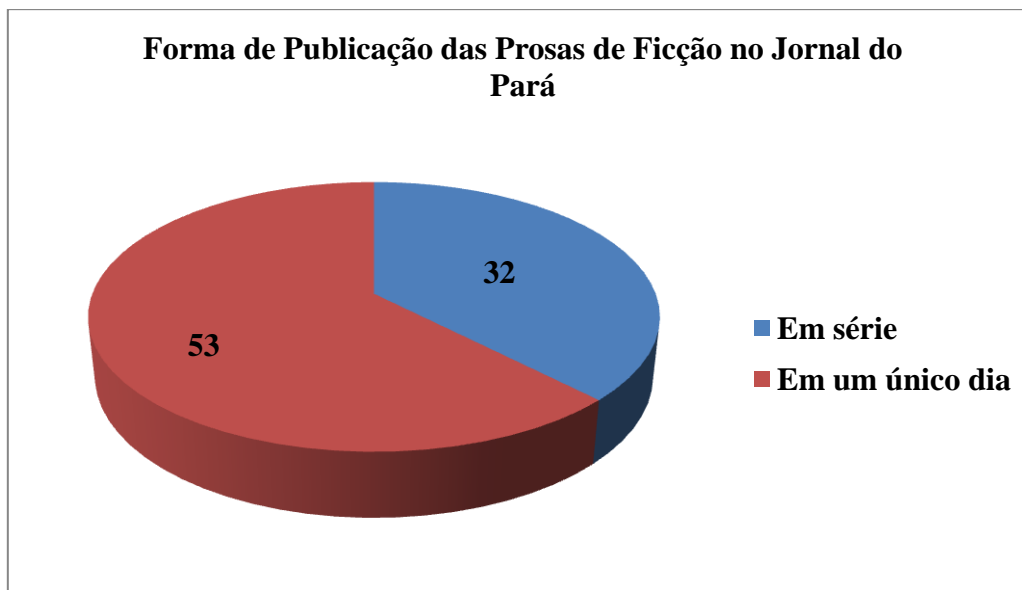


Figura 11: Gráfico sobre forma de publicação no *Jornal do Pará*

O segundo critério se pauta na possibilidade de se identificar o autor, por pesquisas em dicionários bibliográficos e compêndios. O terceiro corresponde à nacionalidade do autor, pois um de nossos objetivos é buscar a publicação brasileira no século XIX, por meio da imprensa paraense. O quadro a seguir mostra as origens dos autores que puderam ser identificados por suas assinaturas nas publicações do *Jornal do Pará*.

Nacionalidade	Quantidade	Autor	Prosa	Gênero
Franceses	02	Charles Nodier	<i>Lydia (A ressurreição)</i>	Romance
Portugueses	02	F. M. Supíco	<i>As filhas do céu</i>	Conto
			<i>Júlia (Cenas da Atualidade)</i>	Romance
		Ramalho Ortigão	<i>Memórias de um bom rapaz (Um dos meus amores)</i>	Conto
		Manuel Antonio de Almeida	<i>Memórias de um Sargento de Milícias (por um Brasileiro)</i>	Folhetim
		Aureliano José Lessa	<i>Uma visão</i>	Conto
		Victoria Colonna	<i>A virtude laureada</i>	Conto

Brasileiros	08	L. L. Fernandes Pinheiro Jr.	Contos Macahenses: <i>O anjo da solidão</i>	Conto
		Lara (Machado de Assis)	<i>Muitos Anos Depois</i>	Conto
		Eduardo Ferreira França	<i>O Tesouro</i>	Conto
		Emilio Augusto Gomil de Penido	<i>A beneficência delicada</i>	Conto
		Cândido Leitão	<i>Entre Flores</i>	Conto

Figura 12: Tabela da nacionalidade identificada dos autores que foram publicados no *Jornal do Pará*

Como podemos observar, mesmo num período em que se dava preferência às traduções e às publicações européias, o *Jornal do Pará* teve publicações de autores brasileiros. Nelson Werneck Sodré destaca que “os autores brasileiros figuraram bastante nos folhetins”¹⁰⁰, e é sobre essa produção nacional que nos debruçamos. Entre as oito obras dos autores nacionais, quatro já haviam sido publicadas no *Jornal das Famílias*.

Reunimos abaixo as seis narrativas que foram retiradas do impresso carioca, quatro com autoria identificada e duas sem identificação.

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Jornal do Pará</i>
<i>A noviça</i> , por F. (1866)	<i>A noviça</i> (1867)
Contos Macahenses: <i>O anjo da solidão</i>, por L.L Fernandes Pinheiro Jr. (1874)	Contos Macahenses: <i>O anjo da solidão</i>, por L.L Fernandes Pinheiro Jr. (1875)
<i>Muitos anos depois</i> , por Lara (pseud. De Machado de Assis) – (1874)	<i>Muitos anos depois</i> , por Lara (1875)
<i>A beneficência delicada</i> , Traduzido por Emilia Augusta Gomide Penido (1874)	<i>A beneficência delicada</i> , Traduzido por Emilia Augusta Gomide Penido (1875)
<i>Ser visto</i> , por T. (1874)	<i>Ser visto</i> , por T. (1875)

¹⁰⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 244.

<i>A virtude laureada, por Victoria Colonna</i> (1875)	<i>A virtude laureada, por Victoria Colonna</i> (1875)
---	---

Figura 13: Tabela da relação das prosas que circularam no *Jornal das Famílias* e no *Jornal do Pará*

No quadro apresentado acima, podemos constatar as produções que circularam tanto no *Jornal das Famílias* quanto no *Jornal do Pará*. Dessas narrativas, selecionamos três para análise. Excluimos as duas narrativas que apresentam apenas uma letra para identificação do autor, pois não nos permitem dizer se eram publicações de escritores brasileiros, e o texto de Emilia Augusta Gomide Penido, uma tradução que foge, portanto, do critério da publicação nacional. A discussão se debruça sobre: *O anjo da solidão*, por L.L Fernandes Pinheiro Jr.; *Muitos anos depois*, por Lara (pseud. De Machado de Assis); e *A virtude laureada*, por Victoria Colonna. Seguiremos aos estudos que buscam analisar as publicações que serviram de diálogo entre o *Jornal do Pará* e o *Jornal das Famílias*, a partir dos autores brasileiros que seguiram a forma de publicação em série e tiveram seus nomes reconhecidos, seja em sua época, seja nos dias atuais, e trataram de assuntos que interessavam ao público-alvo dos dois jornais pesquisados: a mulher.

III CAPÍTULO

NARRATIVAS ENTRE DIÁLOGOS – *JORNAL DAS FAMÍLIAS E JORNAL DO PARÁ*

O *Jornal do Pará* (1862-1878) foi um periódico declaradamente conservador. Esse caráter não era peculiar a ele neste momento, outros periódicos que circularam pelo Brasil da segunda metade do século XIX, também tinham o mesmo posicionamento, contudo podemos relacionar sua preferência ideológica com sua ligação ao governo.

Os textos publicados nesse impresso tinham um caráter moralizante. Buscavam reforçar comportamentos em consonância com o que se considerava como atitude correta difundida na época, principalmente nas narrativas que apresentavam as mulheres como protagonistas.

Dessa maneira, a figura central dos textos, quando era feminina, vinha delineada com personalidades ingênuas, honestas, sedutoras e as mais bonitas da região. Em contraponto, suas antagonistas, embora encarnassem uma beleza semelhante, eram capazes de realizar extremas maldades movidas pela inveja. Os diferentes comportamentos das personagens acarretavam um final feliz ou trágico para seus destinos. Um “mau passo” jamais ficava sem punição, a qual poderia ser a loucura, a solidão, a morte. Essas conseqüências retratadas nos textos estavam relacionadas com os efeitos das obras sobre os leitores, por isso as produções podiam funcionar como exemplo e alerta sobre os perigos dos maus comportamentos e, assim, influenciar moralmente as jovens leitoras.

As personagens nos romances viviam em ambientes e cenários inspirados no cotidiano social. Muitas delas mantinham atitudes consideradas impróprias para a época, como a existência de um amante, ou uma mulher exercitar a sagacidade em contraponto ao bom comportamento esperado do belo sexo. Por isso, os romances que se opunham aos valores da sociedade eram vistos com reservas, pois poderiam incitar as leitoras a repetir ou desejar semelhantes atitudes das protagonistas.

As narrativas dirigidas ao sexo feminino circularam, primeiramente, em jornais dirigidos à família, porém, nesse contexto, inúmeros jornais e revistas se voltaram

especificamente para o público feminino, e alguns desses periódicos tiveram escritoras como fundadoras. Alexandra Pinheiro destaca que:

Na realidade, a partir, principalmente, da segunda metade do século XIX, muitos outros periódicos são idealizados para um público de leitoras. Um dos primeiros voltados para as famílias brasileiras data de 1837. O *Gabinete de leitura – serões das Famílias Brasileiras* (1837-1838) objetiva ser um empreendimento democrático, ou seja, pretende atingir “todas as classes, sexos e idades”¹⁰¹

Entre os títulos da época, pode-se citar também como exemplos os principais periódicos voltados para o público feminino, como *O Mentor das Brasileiras*, publicado na Vila de São João del-Rei, em Minas Gerais, sete anos após a independência do Brasil, em 1829, com vigência de três anos e com edição final em 1832. Esse periódico tinha intuítos instrutivos e de entretenimento ao público feminino, mantendo “o caráter educativo dos jornais e a produção da mulher virtuosa e patriota”¹⁰².

Nessa primeira metade do século XIX são conhecidos os seguintes jornais de interesse feminino: *O Espelho das Brasileiras*, publicado em Recife com início e fim de circulação em 1831; *A Fluminense Exaltada*, editado no Rio de Janeiro, no ano de 1832; e *Espelho das Bellas*, publicado na década de 1841. Contudo, como foi destacado por Nelly Novaes Coelho, até os anos de 1850, esses periódicos voltados para esse público específico estavam sob a fundação e direção masculina¹⁰³ e só a partir da segunda metade do século XIX que os periódicos femininos passam a circular com mais frequência e sob a elaboração e colaboração de mulheres. Como exemplo, citamos o *Jornal das Senhoras*, surgido em 1852, com duração de três anos, chegando a circular até 1855, tendo como redatora responsável Joana Paula Manso de Noronha. No ano de 1862, no Rio de Janeiro, sob incumbência de Julia Albuquerque Sandy Aguiar, é editado o *Bello Sexo*, jornal religioso, de instrução e recreio. Onze anos depois, surge *O Domingo*, com circulação de dois anos, compreendidos entre 1873 e 1875, e administrado por Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Velasco.

¹⁰¹PINHEIRO, Alexandra Santos, PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade - O Jornal das Famílias** (1863-1878) e sua rede de produção. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. Acesso em 04 jun. 2010, p. 56.

¹⁰²JINZENJI, Mônica. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 18.

¹⁰³ Cf. COELHO, Nelly Novaes. **A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX)**. Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=119&rv=Literatura>. Acesso em 05 dez. 2010.

A imprensa com a participação feminina começa a ganhar força e, no mesmo ano, em 1873, Francisca Senhorinha da Motta Diniz funda *O Sexo Feminino*, com grande repercussão por defender a emancipação feminina. Esse foi um dos periódicos de maior duração, pois circulou durante dezessete anos, encerrado em 1889. Ainda na década de 1880, é publicado *A Família*, fundado em São Paulo, e depois transferido para o Rio de Janeiro, foi administrado por Josefina Álvares de Azevedo, divulgado entre 1881 e 1897.¹⁰⁴

Os jornais citados acima, mesmo pautados, na maior parte das vezes, em assuntos que interessavam aos cuidados do lar, tentaram trazer discussões sobre a participação da mulher em outros setores sociais além do plano doméstico. Em meio a assuntos de moda e prendas do lar, havia discussões sobre o direito a voto, a carreira profissional, a emancipação feminina em âmbitos que iam desde de o físico ao intelectual.¹⁰⁵

A cargo de exemplificações, temos a *Revista Familiar*, que circulou no ano de 1883, em Belém, no Estado do Pará, organizada para agradar a distintos interesses, trazendo em suas páginas temáticas diversificadas que versavam desde temas políticos a questões domésticas. Germana Sales, ao tratar da *Revista Familiar*, mostra que:

escrito para as senhoras, com um programa capaz de unir o útil ao agradável, expondo questões relativas à educação, instrução, ciências, literatura, comercio e industria, de modo mais *ameno e interessante*. O editor ressalta que seria injusto deixar as leitoras na ignorância do que se passa no mundo da política e, para tanto, o periódico dedicado às famílias tem como objetivo apresentar, de forma aprazível, assuntos do universo masculino, como, por exemplo, agricultura.¹⁰⁶

Na citação acima, podemos identificar que mesmo a *Revista Familiar* tratando de uma produção para a família tem como fundamental preocupação as senhoras, afinal elas eram vistas como a base familiar. Podemos perceber, também, a representação da visão social a respeito das mulheres, por meio dos tomos que circulavam nos artigos, os

¹⁰⁴ Cf. COELHO, Nelly Novaes. **A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX)**. Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=119&rv=Literatura>. Acesso em 05 de dez. 2010.

¹⁰⁵ Cf. COELHO, Nelly Novaes. *Ibidem*.

¹⁰⁶ SALES, Germana. **Revista Familiar: receita para leitura**. Disponível em http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/Abralic2008/GERMANA_SALES.pdf. Acesso em 02 de jun. 2010, p. 01.

quais, quando não estavam ligados aos assuntos domésticos, eram tratados de forma leve, para que fosse “ameno e interessante” para as senhoras.

Outro periódico que se direcionava para a família, mas trazia como foco principal a mulher, foi a *Revista Popular*, fundada por Baptiste Louis Garnier, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1859 e 1862. Criado para um público mais abrangente, explicitado já no título, trazia variados assuntos que interessavam diferentes segmentos e gêneros, segundo Alexandra Pinheiro, foi “um periódico eclético que publica textos sobre Literatura, sobre Língua e sobre Crítica Literária, e que conta com a colaboração de nomes importantes na época.”¹⁰⁷

Em 1862, a *Revista Popular* sai de circulação para ser substituída por um periódico diretamente preocupado com os interesses familiares, o *Jornal das Famílias*. Esse periódico permaneceu sob os cuidados de B. L. Garnier, e sua circulação teve início em 1863, com duração de 15 anos, e fim em 1878.

O *Jornal das Famílias* trouxe publicações com assuntos mais domésticos e de interesses femininos, por isso as colunas que tratavam de ciência e agricultura foram retiradas para ampliar o espaço aos assuntos de moda, à utilidade do lar e aos textos sentimentais e com fins moralizantes. Alexandra Pinheiro marca essa diferença quando fala dos impressos de B. L. Garnier:

o que há, a nosso ver, são dois projetos de periódicos, cada um com sua especificidade. O primeiro empreendimento pretende satisfazer a todos os gostos e profissões: do agricultor ao literato; o segundo restringe-se aos cuidados domésticos, com muitos artigos para “ser lidos apenas pelas mulheres”. Além do mais, a própria mudança do nome, levando, conseqüentemente, à mudança de caracterização, já que um é jornal e o outro revista, e a tendência adotada por eles, o primeiro foi mais informativo, político e literário e o outro, mais voltado aos interesses domésticos e femininos: moda e ficção, também podem confirmar que a B. L. Garnier publica dois periódicos no século XIX.¹⁰⁸

¹⁰⁷ PINHEIRO, Alexandra Santos, PINHEIRO, Alexandra Santos, PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade** - *O Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. Acesso em 04 de jun. 2010, p. 13.

¹⁰⁸ PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade** - *O Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. Acesso em 04 de jun. 2010, p. 53-54.

Entre os periódicos elencados, o *Jornal das Famílias* está direcionado ao nosso interesse, pois mantém uma correspondência com o *Jornal do Pará*. Foi nele que, mensalmente, circularam diversos nomes da Literatura Brasileira, como Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, entre outros nomes consagrados e alguns desconhecidos. Esses textos eram publicados na seção *Romances e Novellas*, coluna constante e que ocupou boa parte da publicação do *Jornal das Famílias*. Nesse espaço, foram publicados diversos gêneros, mas os que mais se destacaram foram os romances e as novelas, objetos de interesse dos grupos de leitoras, como destaca Alexandra dos Santos Pinheiro:

Em outras palavras, a leitora, na visão da redação, necessitava da leitura de romances; contudo, a sua ‘finíssima educação’ ‘exigia’ que fossem narrativas moralizantes. A mesma moral era esperada na escolha das anedotas, obedecendo à tríade, instruir, divertir, moralizar, presente nos periódicos do século XIX.¹⁰⁹

Chama-nos atenção o fato de *O Jornal das Famílias* que tinha como objetivo publicar narrativas que seguissem a proposta do projeto de entretenimento com fins de ensinar e disseminar os bons comportamentos da época, manter um diálogo com o *Jornal do Pará*, cujos objetivos de público eram mais amplos e mantinha metas mais políticas e comerciais. Contudo, as semelhanças ficam por conta da disponibilização de colunas frequentes para a publicação literária e do cuidado com a instrução moral.

Como já foi explicado no capítulo II, a interação entre esses dois periódicos foi percebida pela coincidência de publicações, primeiro circuladas no *Jornal das Famílias*, depois no *Jornal do Pará*. Sabe-se pouco, ou quase nada, sobre a forma como esses textos chegaram ao periódico paraense. Desconfiamos que esse trânsito tenha ocorrido graças à circulação e à distribuição do *Jornal das Famílias*, realizadas pelos representantes em várias regiões do país e no exterior.

Na lista dos correspondentes¹¹⁰, temos como responsáveis pela obtenção de assinantes e pela distribuição dos exemplares na Província do Pará os Srs. Carlos

¹⁰⁹ Id. **Romances e novelas**: uma seção fiel no *Jornal das Famílias*. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/romancesenovelas.pdf>. Acesso em 02 de jan. 201, p. 04.

¹¹⁰ Disponibilizada em PINHEIRO, Alexandra Santos, PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade** - *O Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. Acesso em 04 de jun. 2010, p. 63.

Seidl¹¹¹; Joaquim Ferreira da Silva e C^a; e José Maria da Silva¹¹². Não temos, da mesma forma, a comprovação ou não da ilação desses correspondentes com os editores do *Jornal do Pará*, mas acreditamos que tal fato não faz diferença para justificar o porquê da escolha do *Jornal das Famílias*, por isso voltemos às caracterizações dos periódicos, principalmente quanto à publicação literária, pois ambos se aproximaram nesse aspecto.

Como já abordado, as semelhanças entre os jornais também estavam, principalmente, atreladas ao teor das narrativas: as temáticas escolhidas e a preocupação com o conteúdo moralizante por meio dos textos se repetiam em ambos os periódicos. As produções traziam principalmente alertas maniqueístas sobre condutas para as mulheres. Percebemos que, entre as narrativas selecionadas para análise, três aspectos são presentes: a representação feminina, tanto a que se compromete com um comportamento virtuoso quanto a que se distancia dos padrões de bom costume; as questões religiosas; e a preocupação com a instrução, com narrativas que trouxessem um ensinamento moral ao término da história.

Além dos textos sentimentais, foram publicados em ambos os jornais textos com a marcante presença de publicações com conteúdo cristão. Um grande colaborador religioso para o *Jornal das Famílias* foi o padre Francisco Bernardino de Souza, o qual publicou obras que, de acordo com Jaíson Luís Crestani, “consistiam em sentenças e trechos romanceados da *Bíblia*, numa linguagem mais sensível e com alto teor moralizador, destinadas a conscientizar as leitoras a respeito de suas obrigações”.¹¹³ O mesmo padre também teve seus textos publicados no *Jornal do Pará* sob os títulos *A filha de Jephé*¹¹⁴, *A morte de Sanção*¹¹⁵ e *Santo Antonio*¹¹⁶. Além dos textos do cônego Francisco Bernardino de Souza, foram publicadas outras narrativas com conteúdos do cristianismo.

¹¹¹ Carlos Pinto Seidl (1867- 1929), médico paraense que também desempenhou a escrita, produziu artigos e publicou *Viagem ao Prata*, em 1901 (<http://www.brasilinter.com.br/guerraproscrita/carlosseidl.htm>). Não encontramos registros da relação entre Carlos Seidl e o *Jornal do Pará*, mas sabemos que o mesmo era responsável pela distribuição do *Jornal das Famílias*.

¹¹² José Maria da Silva era livreiro e publicou diversos anúncios de seu estabelecimento no *Jornal do Pará*. Algumas vezes, sua livraria apareceu sob o título de “Livraria do Povo”, que funcionava na Calçada do Colégio, n.9. Pela relação existente entre o *Jornal do Pará* e esse correspondente, podemos pensar que a tipografia Santos & Menor tivesse acesso aos textos do *Jornal das Famílias*.

¹¹³ CRESTANI, Jaíson Luís. **Machado de Assis no *Jornal das Famílias***. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009, p. 64.

¹¹⁴ *Jornal do Pará*, 09/01/1875, p. 1, col. 1, 2 e 3.

¹¹⁵ *Jornal do Pará*, 12/01/1875, p. 1 e 2, col. 5, 1 e 2.

¹¹⁶ *Jornal do Pará*, 07/04/1876, p. 2, col. 3 e 4.

Além desses aspectos citados acima, as três narrativas trabalhadas – *Anjo da Solidão*, *Muitos anos depois* e *A Virtude Laureada* – foram publicados na década de 1870. Seus enredos apresentam personagens contextualizadas em questões do dia a dia, com sentimentos, agonias e dúvidas a respeito de suas decisões, e, como histórias instrutivas, referiam-se às conseqüências para as atitudes tomadas. Essas três construções se enquadram na terceira fase do romance-folhetim, retratada por Ilana Heineberg, que especifica essa última fase nas décadas de 1860 e 1870, com produções que tinham como foco os “dramas da vida”.¹¹⁷

Essas narrativas se enquadram com o perfil das outras narrativas publicadas tanto no *Jornal das Famílias* quanto do *Jornal do Pará*. São constituídas de enredos simples e parecem se preocupar com um público um público mais popular, com menor conhecimento sobre técnicas estéticas de produção, mas que sucumbem aos efeitos das narrativas.

Desses freqüentes temas, destacamos três: o abandono, o casamento e a ganância, pois são os principais norteadores das três narrativas selecionadas para nosso estudo. Em *O anjo da solidão*, o assunto abordado foi o casamento, quando são discutidos os receios enfrentados pelas moças nesse momento de sua vida e como a protagonista teve sorte no amor por conta de seu comportamento exemplar, principalmente com seus pais.

Em *Muitos anos depois*, temos o “segredo da família”, o mistério do passado que é revelado e justifica fatos do presente. *A virtude Laureada*, por sua vez, enfatiza a questão da ganância pelo dinheiro e do valor da virtude e do bom exemplo aos filhos.

Inserido nos temas citados, dois elementos estão presentes nesses enredos, os quais são norteadores para nossa análise: a figuração do feminino e o ensinamento. Buscamos enfatizar aspectos que circundaram grande parte dos folhetins e que não deixaram de compor essas três narrativas, além de tangenciar pontos como a representação da leitura presente em duas das três obras. Iniciamos as análises por ordem cronológica de publicação nos dois periódicos pesquisados.

¹¹⁷ Cf. HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

3.1 O anjo da solidão

O Anjo da solidão, assinada por Fernandes Pinheiro Jr (1855-1900), sobrinho e afilhado do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro¹¹⁸, que tinha grande influência política e social, aproveitou o prestígio do tio e padrinho para se lançar na carreira literária. Alexandra Pinheiro, ao falar da amizade entre o cônego e o editor francês, destaca que este abriu espaço para as publicações de L. L. Fernandes Pinheiro Jr¹¹⁹.

Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior publicou nove narrativas no *Jornal das Famílias*, sob o título maior de *Contos Macahenses: Virgílio*¹²⁰; *Funesto desengano*¹²¹; *Uma vítima da vaidade*¹²²; *Thereza*¹²³; *História de dois viúvos*¹²⁴; *O anjo da solidão*¹²⁵; *Segredos d'um coração* (1. parte)¹²⁶; *Justiça de Deus* (2. parte)¹²⁷; e *Coração de mulher*¹²⁸.

Entre as nove narrativas, estava *O anjo da solidão*, que circulou primeiramente no *Jornal das Famílias*, no mês de junho de 1874, nas páginas 167-176, e no *Jornal do Pará*, no ano seguinte, em janeiro de 1875, em três números do jornal, no espaço *Variedade*.

O romance-folhetim *O Anjo da solidão* descreve a história amorosa de Maria e Emílio, únicos personagens que recebem nomeação na história. Além dos dois, o

¹¹⁸ “Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 17 de junho de 1825 e faleceu a 15 de janeiro de 1876. Recebeu em 1848 as ordens de presbítero. Lecionou retórica e poética, no colégio Pedro II e também teologia e moral no seminário de S. José. Foi sócio e primeiro secretário do IHGB, onde se acha colocado seu busto como reconhecimento dos importantes serviços que prestou à associação”. Extraído de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. 4º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. 107.

¹¹⁹ Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior nasceu em Campos, no Rio de Janeiro, dedicou-se à poesia e aos estudos sobre a instrução escolar, lecionou português e francês no Rio de Janeiro e foi diretor de secção da Secretaria de Negócios Estrangeiros. L. L. Fernandes Pinheiro Jr publicou seus textos nas páginas do *Jornal das Famílias* no mesmo período em que Machado de Assis participava do jornal. Apesar da amizade, Machado de Assis, em uma das suas falas sobre a escrita do amigo, disse apreciar mais seus versos que sua escrita em prosa, como podemos verificar no trecho da carta publicada em *Tipos e Quadros* em 1886: “Não me diga nada em prosa, continue a dizê-lo em verso”. (Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/critica/mact34.pdf>. Acesso em: 25 set. 2010).

¹²⁰ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, janeiro de 1874, p. 18-26

¹²¹ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, fevereiro de 1874, p. 37-45

¹²² *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, março de 1874, p. 64-70.

¹²³ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, abril de 1874, p. 102-110.

¹²⁴ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, maio de 1874, p. 135-142.

¹²⁵ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, junho de 1874, p. 167-176.

¹²⁶ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, julho de 1874, p. 193-197.

¹²⁷ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, agosto de 1874, p. 230-235.

¹²⁸ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, setembro de 1874, p. 267-270.

narrador se refere aos pais de ambos e ao irmão mais novo de Maria, porém essas personagens não interferem no desenrolar da narrativa.

Com os objetivos de representar comportamentos de virtude, essa história envolve elementos míticos presentes nos contos infantis, por isso é permeada pelo imaginário das narrativas encantadas. Nesse cenário, a personagem Maria é descrita como uma bela e fascinante jovem campestre amada por todos, que vive feliz e tranqüila, com um amado que, como os príncipes das histórias transmitidas há anos, lhe aparece, pela primeira vez, a cavalo.

Como já afirmamos, não há empecilhos para a concretização do amor entre Maria e Emílio. As inquietações de Maria dizem respeito à nova vida que levará a partir do momento em que estiver casada. Como o título anuncia, ela era como um **anjo da solidão**: sempre reclusa a sua rotina e o pequeno mundo. A protagonista temia pelas mudanças em sua vida com a chegada do casamento, do afastamento do convívio familiar e do que lhe era conhecido, aflição que muitas leitoras da época poderiam estar também vivendo, o que permitia identificação.

A narração do conto, dividido em 10 breves capítulos sem titulação, é realizada por um narrador-observador que apenas narra os acontecimentos e desconhece detalhes complexos acerca das personagens, a exemplo das passagens a seguir:

Quem sabe que idéas n'esse momento turbilhonavam em seu cerebro, presa do ardor da juventude?
Quem sabe o que sentíram estes dois corações jovens, ainda isentos das feridas roazes dos desenganos?¹²⁹

O que se passou depois d'esta conversação entre as quatro pessoas presentes.
O que disseram, o que combinaram ellas?
Eis o que não podemos dizer.¹³⁰

Nem o narrador nem o leitor sabiam, mas podiam imaginar pelo que passavam as personagens e fazer correspondência aos seus sentimentos, atitude que segue a abordagem de Antonio Candido, quando crítico literário explica que a visão sobre a personagem é construída, delimitada pelo leitor. Ou seja, mesmo fictício, o ser da

¹²⁹PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. **O anjo da solidão**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0204/0204.pdf>. Acesso em 09 ago. 2010, p. 300.

¹³⁰PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. *Ibidem*, p. 303.

narrativa necessita ser relacionado ao real para que possa alcançar os leitores, por isso há a “necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor.”¹³¹

Antonio Candido aponta que, com o desenvolvimento do romance moderno, a complexidade das personagens foi modificada, mediante as adaptações aos diversos tipos de caracterização que tornaram as técnicas mais simplificadas, principalmente no século XIX. Assim, as personagens foram recebendo diversas classificações, usaremos aqui a utilizada por Forster¹³²: as personagens planas, aquelas que não apresentam nenhuma modificação complexa no decorrer da narrativa e as personagens redondas que possuem características mais profundas e podem surpreender.

Nesse texto, as personagens são tratadas sem muitas complicações, como a caracterização da protagonista Maria, que é descrita como uma “bella e innocente” moça, apesar de seu “humilde leito” e de seu “simples vestido de chita”, é encantadora na sua forma física, com “deliadas fórmis e os contornos de seu garboso corpo, [...] nem dando-se ao trabalho de pôr-se ao espelho e pentear seus negros e bastos cabellos [...]”¹³³. Maria é a única personagem descrita na sua forma física, os demais personagens que aparecem, seus pais e irmão mais novo, são meros coadjuvantes a exaltar as virtudes de Maria.

A escolha do narrador em terceira pessoa, observador, tem relação com a construção de personagens planas nessa prosa de ficção de curta extensão, pois é a melhor escolha para definir as características das personagens, por que se durante a narração for minuciosa de tudo o que se passa no íntimo das personagens, corre-se o risco de trabalhar o universo psicológico de cada uma e, portanto, acabar desenvolvendo uma complexidade da personagem, capaz de transformá-la em personagem esférica.

Portanto, os relatos sobre Maria, a protagonista, se voltam mais para seu comportamento no dia a dia. Maria, entre outros valores, mantém uma regularidade em suas ações cotidianas, que transcorre na mais absoluta calma, só interrompida pela passagem de um viajante em sua casa, por quem Maria se sente atraída. O viajante, um dos poucos desconhecidos com que Maria havia tido contato, também era jovem e se

¹³¹CANDIDO, Antonio & ET AL. A personagem de ficção. 11 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007, p. 58.

¹³²Cf. CANDIDO, Antonio & ET AL. Op.cit., p. 62.

¹³³PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. **O anjo da solidão**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0204/0204.pdf>. Acesso em 09 ago. 2010, p. 299.

encanta pela protagonista. O sentimento experimentado por Maria a perturba, pois era a única novidade que ocorrera em sua vida até aquele momento.

Desde que perdêra de vista o desconhecido, fora o seu coração invadido por acerba tristeza.

Vivia n'um mal-estar constante; se ainda tinha ímpetos prazenteiros, era porque a precaução assim o exigia: não que o seu coração sentisse o menor prazer.

Não mais arremedava os pássaros, nem a clara água das cachoeiras tinha a ventura de receber em seu seio o crystallino corpo da gentil menina.

Em vez de galgar aos saltos o outeiro d'onde via erguer-se o sol, como de costume, subia-o indolentemente e, estendendo o delicado corpo, repousava o rosto na palma da mão.

Profundas seimas occupavam-lhe então o pensamento e já o sol ia alto, quando ella dava accordo de si.¹³⁴

No decorrer da narrativa, é mostrada a ansiedade da jovem em reencontrar aquele que mudou sua rotina durante uma semana entre o primeiro encontro e o dia do retorno do amado, quando Emílio pede a mão da jovem em casamento. Os ajustes do casamento, aos moldes como acreditam ser corretos naquele período, eram uma temática recorrente nas histórias do século XIX, pois, como afirma Marlyse Meyer, numa sociedade predominantemente burguesa, “o casamento reflete e coloca em causa as leis e os costumes, uma ordem econômica e toda a política, crenças e exigências, um sistema de valores”¹³⁵.

Casar e cuidar do lar eram as funções da mulher no pensamento oitocentista, por isso esse assunto permeava as histórias voltadas para o público feminino. A mulher era responsável por um casamento tranquilo e estável. A relação conjugal é representada em romances-folhetins de forma positiva, em geral, conforme enfatiza Marlyse Meyer:

se estabelecem a partir de um amor tranquilo, que às vezes, nem é, de início, recíproco [...]” conduzida por “esposas castas de enorme e comovedora beleza. [...] dedicada, paciente, tolerante. Nunca pensa em se revoltar; segura o lar.”¹³⁶

Seguindo a linha conservadora, era de responsabilidade da mulher a condução do matrimônio, para tornar seus maridos felizes. Dessa forma, os entretenimentos e

¹³⁴PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. **O anjo da solidão**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0204/0204.pdf>. Acesso em 09 ago. 2010, p. 301.

¹³⁵MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 250.

¹³⁶MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 251.

atividades realizadas durante sua juventude eram todas voltadas para a preparação do matrimônio, pois esse era o destino esperado para as moças.

Esses pensamentos foram reforçados pelo autor da narrativa *O anjo da solidão*, a própria definição de casamento para a época é mostrada na fala de Emilio, ao explicar para Maria o que era o casamento:

- Casar?
- Sim, o que tem?
- Mas se eu não sei o que é isso...
- Eu lhe digo: casar-se é jurar na igreja o homem á mulher e a mulher ao homem que sempre hão de estimar-se e acompanhar um ao outro, que gozarão e soffrerão juntos, que hão enfim como se não fossem ambos mais do que uma só pessoa. Quer?¹³⁷

O anjo da solidão é fiel aos ensinamentos católicos que preveem histórias centradas nas questões morais voltadas para o comportamento religioso. Assim, observamos a escolha do nome da personagem principal, Maria, denominação de origem bíblica, e o nome da cidade a qual o viajante se destinava, S. Francisco de Paula.

A personagem Maria aparece como uma boa moça cristã, que, ao cair da noite, não deixava de orar por sua família “com fervor”¹³⁸. O narrador faz constantes referências à religiosidade, como quando se refere ao domingo e o caracteriza como “dia pelo Senhor consagrado ao descanso”¹³⁹, ou ainda, na fala de Emilio, enamorado de Maria, ao falar sobre sua amada: “N’ella encontrei uma donzella linda e pura como a Virgem, de quem tem o nome, graciosa e encantadora como a mais sublime das criações de Raphael.”¹⁴⁰

Assim como a temática do casamento e a questão religiosa, outros aspectos comuns aos utilizados nas narrações em série são os recursos que relacionam o leitor ao narrador. Constantemente, há um diálogo entre os dois, quando o narrador tenta aproximar o leitor com questionamentos a respeito dos sentimentos das personagens ou das reflexões sobre o destino das mesmas:

¹³⁷PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. **O anjo da solidão**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0204/0204.pdf>. Acesso em 09 ago. 2010, p. 302.

¹³⁸PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. *Ibidem*, p. 300.

¹³⁹Idem, p. 301.

¹⁴⁰ PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. **O anjo da solidão**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0204/0204.pdf>. Acesso em 09 ago. 2010, p. 303.

O que se passou depois d'esta conversação entre as quatro pessoas presentes.
O que disséram, o que combonáram ellas?
Eis o que não podemos dizer.¹⁴¹

Que vida passará o Candido Iyrrio do valle solitário transplantado para os
jardins tulmutuosos da cidade?
Só Deus e *ella* o sabem.¹⁴²

Sempre preocupado com o leitor, o narrador ainda se ocupa em justificar ao leitor sua narrativa: “Entretanto... apressemos o desfecho d'esta pequena historia”¹⁴³. Sabe-se que esse procedimento de atenção ao leitor pelo narrador era comum no século XIX.

Também era corriqueiro que os autores inserissem referências sobre suas leituras, ou até mesmo sobre a questão da leitura, nas narrativas. Esse feito se repetia nos romances-folhetins, quer fosse para divulgar ainda mais o material, quer para indicar o que era pernicioso ou não para determinados públicos.

Nessa narrativa, especificamente, a leitura aparece numa referência ao escritor francês François René Auguste de Chateaubriand (1768 – 1848), que possuía escritos com caráter pré-romântico e, por isso, influenciou profundamente a literatura romântica européia. No conto, Chateaubriand é citado pelo narrador, numa situação que o mesmo, faz referência à lembrança desse autor como possível criador de uma frase sobre o domingo, como se remetesse às lembranças de sua leitura, para demonstrar que quem narra gosta de leituras. Citar um autor clássico revelava um perfil erudito e intelectual do autor do romance-folhetim, gênero de menor prestígio para os literários da época.

Como percebemos, *O anjo da solidão*, mesmo em extensão menor, foi constituído com bases nos recursos próprios ao romance-folhetim, mecanismos que também se repetiram nas outras duas obras que serão analisadas. As publicações, os autores e os leitores do século XIX, principalmente na segunda metade, estavam envolvidos nesse modo de divulgação das suas produções, por isso essas narrativas mantinham o formato do romance-folhetim, que tinha receitas infalíveis para conquistar o público, como: os temas sentimentais recorrentes, as mulheres como figura central para o efeito moralizante, a construção de personagens simples e o suspense para causar

¹⁴¹ Id. *Ibidem*, p. 303.

¹⁴² Id. *Ibidem*, p. 304.

¹⁴³ Id. *Ibidem*, p. 303.

ansiedade ao leitor. Esses elementos permanecem, até hoje, nos herdeiros desse tipo de publicação que tanto fez e faz sucesso entre as diversas camadas sociais.



Figura 14: Ilustração impressa no fim da narrativa *O anjo da solidão* quando publicada no *Jornal das Famílias*

3.2. *Muitos anos depois*

A história que tem como título *Muitos anos depois* circulou num dos maiores jornais voltados ao público feminino – o *Jornal das Famílias*. Foi publicada no ano de 1874, nas edições do mês de outubro e de novembro. No ano seguinte, 1875, o *Jornal do Pará* publicou a mesma obra, em seis números do periódico na coluna intitulada *Varietades*. Essa é a única narrativa que o *Jornal do Pará* faz referência à fonte periódica retirada: o *Jornal das Famílias*.

Em ambos os periódicos, o texto aparece assinado por Lara, a quem mais tarde soube-se que se tratava de um dos pseudônimos utilizados por Machado de Assis naquela época.¹⁴⁴ Na sua trajetória como escritor, Machado de Assis produziu com constância para jornais e revistas publicações assinadas sob pseudônimos. No site organizado pelo Espaço Machado de Assis, do Centro de Cultura da ABL (Academia Brasileira de Letras), há menção de 21 pseudônimos: As.; M.as; M.A.; M. de A.; Dr.

¹⁴⁴ MENEZES, Raimundo. **Dicionário literário brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978, p. 67-68.

Semana; Gil; M.; Sileno; J.; Job; J. J.; Victor de Paula; Platão; Y.; Manassés; Eleazar; Lelio; João das Regras; Malvolio; Boas Noites e Lara.

Entre os periódicos para os quais Machado de Assis escreveu, constava o *Jornal das Famílias*, com publicações entre os anos de 1872 e 1878. Entre as produções subscritas por Lara, constam: *Uma loureira*¹⁴⁵; *Tempo de crise*¹⁴⁶; *As bodas do Dr. Duarte*¹⁴⁷; *Um dia de entrudo*¹⁴⁸; *Muito anos depois*¹⁴⁹; *Brincar com fogo*¹⁵⁰; *D. Mônica*¹⁵¹ e *O Manchete*¹⁵².

Sabemos que os romances consagraram Machado de Assis como um dos maiores escritores, contudo, sua produção foi diversificada, pois escreveu também poesias, artigos críticos, contos e peças de teatro. Cesário Prado chamou a atenção para a importância desse autor para o conto no Brasil.

Foi mesmo o criador do conto no Brasil, defluindo-lhe a arte de pequenas narrações inimitável e sem igual na variedade dos processos, na sedução da fantasia e na verve dos estudos de psicologia. Desponta-lhe o humorismo nos primeiros contos, mas é ainda o humorismo ao nosso gosto, mais de faceia e do qual só possuímos um sentido caricatural. Essa veia, para ser mais apreciada no romance, afirma-se nos contos ulteriores na sutileza da análise psicológica, na sátira fina de sistemas de política, de teorias sociológicas e teorias de filosofia e religião¹⁵³

Mesmo que Machado de Assis já experimentasse em suas narrativas publicadas em periódicos elementos como os citados acima - humor, sutileza da análise psicológica, comportamentos sociais e religiosidade - nesse momento precisava adequar

¹⁴⁵ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 10, maio de 1872, p. 140-150; junho de 1872, p. 161-170.

¹⁴⁶ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, abril de 1873, p. 105-116.

¹⁴⁷ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 11, junho de 1873, p. 181-186; julho de 1873, p. 197-207.

¹⁴⁸ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, junho de 1874, p. 177-184; julho de 1874, p. 207-214; agosto de 1874, p. 225-229.

¹⁴⁹ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 12, outubro de 1874, p. 292-303; novembro de 1874, p. 323-329.

¹⁵⁰ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 13, julho de 1875, p. 210-215; agosto de 1875, p. 234-240.

¹⁵¹ *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 14, agosto de 1876, p. 236-244; setembro de 1876, p. 257-266; outubro de 1876, p. 289-295.

¹⁵² *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 16, fevereiro de 1878, p. 38-44; março de 1878, p. 72-76.

¹⁵³ PRADO, Cesário. Um pouco de Machado de Assis. In: NADAF, Yasmin Jamil (Org.). **Machado de Assis em Mato Grosso: textos críticos da primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: Lidador, 2006, p. 28.

sua produção ao que esperavam os leitores das obras que circulavam nos jornais conservadores, como destaca Valéria Augusti:

A validade do romance enquanto gênero literário se justificava em virtude do cumprimento de uma função social instrutiva e moralizadora [...] Machado não somente conhecia, como também se alinhava com as expectativas gerais que envolviam o gênero àquela época¹⁵⁴.

Como explica Valéria Augusti, Machado de Assis produzia preocupado com os moldes estabelecidos pelos jornais e, no que tange, ao *Jornal das Famílias*, não podia fugir aos objetivos moralizantes, como também observa Jaison Luís Crestani:

uma publicação dedicada aos ‘interesses domésticos das famílias brasileiras’, conferindo uma atenção particular às preferências do público feminino. Por conta disso, dispensava-se um cuidado especial em relação ao tom moralizante de suas publicações, o que certamente colocava escritores como Machado de Assis no *fio da navalha*, ou seja, na obrigação de não escandalizar o pai ou marido que pagava pela assinatura do jornal e, ao mesmo tempo, seduzir a mulher que o lia¹⁵⁵.

Foi nessa linha das “amenidades” que Machado de Assis produziu *Muitos anos depois*. Embora de forma mais velada, essa narrativa já apresenta algumas características que foram utilizadas em seus romances consagrados, como a importância da caracterização do comportamento da personagem em detrimento de sua descrição física, ou a leve ironia ao tratar das relações sociais, ou no modo de relacionar o narrador e o leitor.

Muitos anos depois é uma narrativa de cunho moralizante, conforme é declarado no final da história. O enredo descreve a vida do jovem padre Flávio, que fora criado por Padre Vilela desde que sua mãe adotiva falecera. Era querido por todos, mas trazia em si certa melancolia, principalmente quando se lembrava da mulher que o criara na infância. Um dia, seu amigo dos tempos de escola, Henrique, pede-lhe ajuda, pois se

¹⁵⁴AUGUSTI, Valéria. De instrumento moralizador a retrato do real: trajetórias do romance no oitocentos brasileiro. In: AUGUSTI, Valéria; SOUZA, Roberto Acízelo de; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira (Org.). **Narrativa e recepção: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUff, 2009, p. 244.

¹⁵⁵CRESTANI, Jaison Luís. **Machado de Assis no *Jornal das Famílias***. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009, p. 68.

apaixonara e pretendia se casar com uma moça pobre, chamada Luísa. Os pais de Henrique não aceitavam a união, mas Flávio, em nome da amizade e do sentimento verdadeiro existente entre o casal, celebrou o casamento de Henrique e Luísa. Flávio também conseguiu promover a reconciliação de seu amigo com os pais, João Lima e Mariana, e, a partir disso, começa a frequentar a casa da família Lima, sem saber que naquela habitação havia um segredo que mudaria sua vida.

Nessa trama, aparecem, além dos personagens já citados, Flávio (protagonista), Padre Vilela, a mulher que o criou (não é denominada), Henrique, Luísa, João e Mariana, também D. Margarida e suas duas filhas, Laura, a primeira paixão de Flávio, e sua irmã mais nova, que também não é denominada na narrativa. Esses personagens circulam num ambiente urbano, provavelmente, pois é narrado que, aos 17 anos, Flávio muda-se com o Padre Vilela para a corte: “Não vem ao caso referir os sucessos que deslocaram o padre da sua freguesia em Minas para a corte. [...] Flávio já não era então o pobre menino de Minas”¹⁵⁶.

O único ambiente especificado na obra é o interior de Minas, que é citado no início da história quando o narrador expõe o lugar onde Flávio foi encontrado (“Vilela fora muitos anos antes vigário em uma cidade de Minas Gerais; e aí conhecera um lindo menino que uma pobre mulher educava como podia”¹⁵⁷) e no término da história quando é mostrado a reclusão por conta própria de Padre Flávio: “O Padre Flávio obteve uma vigaria no interior de Minas, onde veio a falecer de tristeza e saudade.”¹⁵⁸

São nove os capítulos que compõem *Muitos anos depois*¹⁵⁹, os quais são intitulados apenas por números. Apenas no primeiro é escrito por extenso, “Capítulo Primeiro”, e, a partir do segundo, os capítulos são representados por numeração romana, “Capítulo II”, “Capítulo III” e assim por diante. Os nove capítulos foram distribuídos de acordo com as estruturas da publicação seriada em periódico, em que alguns assuntos tinham suas explicações suspensas num capítulo para que fossem continuadas no próximo número, aumentando a curiosidade dos leitores em saber os acontecimentos para entenderem o fim da história, em geral, inesperado, como afirma Marlyse Meyer:

¹⁵⁶ ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois**. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 de ago. 2010, p. 4.

¹⁵⁷ ASSIS, Machado de. *Ibidem*, p.2

¹⁵⁸ ASSIS, Machado de. *Ibidem*, p. 16

¹⁵⁹ Não está reunido em nenhuma coleção ou volume, atualmente, está disponível em meio digital.

A almejada adequação ao grande público, a necessidade do corte sistemático num momento que deixe a atenção em ‘suspense’ levam não só a novas concepções de estrutura [...] como a uma simplificação na caracterização dos personagens, muito romântica na sua distribuição maniqueísta, assim como a uma série de outros cacoetes do ‘suspense’ e ao rápido e amplo ritmo folhetinesco dos grandes temas românticos: o herói vingador ou purificador, a jovem deflorada e pura, os terríveis homens do mal, os grandes mitos modernos da cidade devorada, a História e as histórias fabulosas etc.¹⁶⁰

Em *Muitos anos depois* há o uso de retomadas de capítulos anteriores, utilizado nos romances-folhetins, com no início do II capítulo que retoma um personagem apenas mencionado no fim do primeiro capítulo, mas de quem só é dada explicações no capítulo seguinte de acordo com a intenção do narrador: “O padre Vilela que entrou por incidente no período acima, tinha uma grande parte na vida do Padre Flávio.”¹⁶¹

Outro recurso comum à publicação em série são as constantes referências aos leitores, realizadas por meio de chamadas ou “diálogos, ou ainda, quando abre espaço para chamar atenção do leitor, ou melhor, da leitora, como exemplo, as passagens a seguir:

Não é preciso dizer de que a natureza foi a circunstância; **os leitores** já o terão adivinhado.¹⁶²
Flávio resolvera adotar a vida eclesiástica depois que da própria Laura teve o engano. **Repare a leitora** que eu não digo ouviu, mas teve.¹⁶³ (grifo nosso)

Nessa passagem, percebemos claramente o público-alvo a que se destina esta publicação, afinal foi produzida para o *Jornal das Famílias*, que tinha como objetivo principal o público feminino. Em outro momento, o narrador se aproxima ainda mais da leitora, quando utiliza a primeira pessoa do plural, incluindo-a na ação: “Agora saltemos a pés juntos alguns pares de anos [...]”¹⁶⁴. Dessa vez, o narrador não só chama a atenção da leitora, como a convida a acompanhá-lo como se fossem caminhar pela história. Nesse momento, o narrador não é superior à leitora, pois podem percorrer juntos pela história e fica estabelecida a equidade de posição, pois o narrador “investe na criação de

¹⁶⁰ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 31.

¹⁶¹ ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois**. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 de ago. 2010, p. 2.

¹⁶² ASSIS, Machado. *Ibidem.*, p. 02.

¹⁶³ ASSIS, Machado de. *Ibidem.*, p. 6.

¹⁶⁴ ASSIS, Machado de. *Ibidem.*, p. 6.

um espaço comum e de um clima de intimidade entre narrador e leitor, colocando-os num plano de igualdade.”¹⁶⁵, como aponta Jaison Luís Crestani.

Ao falar da relação narrador e leitor nos romances-folhetins produzidos entre 1860 e 1870 no Brasil, Ilana Heineberg destaca que:

O procedimento consiste em retomar as fórmulas próprias ao romance-folhetim (“entremos na casa de Anastácio Agulha”) para, a seguir, colocar em evidência o caráter artificial do mecanismo em que o tempo da narração coincide com o tempo da história e da leitura. Para tanto, o narrador sublinha o caráter fantástico de sua irrupção na história, em companhia do leitor, levando assim a situação ao seu extremo. [...] A idéia de que o leitor não pode mais se identificar com a sua figuração no texto é reforçada pela multiplicação desse último, que pode se concretizar nos traços de uma leitora¹⁶⁶

O narrador de *Muitos anos depois* conduz os leitores pela história, de forma que pareçam estar remontando as cenas em conjunto, por isso alguns fatos são apresentados sem muitos detalhes para surpreender, como, por exemplo, a carta que contém o segredo que circunda a narrativa, que é mencionada apenas em dois momentos, no início, quando citada, e no fim, quando revelada:

Depois fazendo um esforço tirou debaixo do travesseiro uma carta lacrada e entregou-a ao padre.
— Esta carta, disse ela, foi-me entregue com este menino; é escrita por sua mãe; tive ordem de lhe entregar quando ele completasse vinte e cinco anos. Não quis Deus que eu tivesse o gosto de cumprir a recomendação. Quer V. Revm^a. incumbir-se dela?
O padre pegou na carta, leu o sobrescrito que dizia assim: A meu filho. Prometeu entregar a carta no prazo indicado.¹⁶⁷

Flávio lastimara do fundo d'alma a fatalidade que o levou a produzir aquela situação. No delírio de conhecer sua mãe, não se lembrara de mais nada; apenas leu a carta que lhe fora entregue pelo Padre Vilela, correria à casa de D. Mariana. Ali tudo se explicara; Flávio preparava-se para sair e não voltar ali mais se fosse preciso, e em todo caso não divulgar o segredo nem ao Padre Vilela, quando este e João Lima os surpreenderam.¹⁶⁸

¹⁶⁵ CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009, p. 73.

¹⁶⁶ HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetoórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, 519.

¹⁶⁷ ASSIS, Machado de. *Muitos anos depois*. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 de ago. 2010, p. 3.

¹⁶⁸ ASSIS, Machado de. *Ibidem*, p. 16.

O título *Muitos anos depois* faz referência, justamente, ao segredo que permanece oculto por 25 anos e é explicado na carta deixada por Mariana ao seu filho abandonado desde o nascimento. Assim, observamos que a principal temática abordada nessa narrativa não é apenas o segredo do filho largado ao nascer, como também a redenção da mãe culpada pelo ato cometido. A reconciliação é adiada até o epílogo e permite à personagem que cometeu o delito a recuperação da reputação, como aponta Marlyse Meyer: “a reabilitação da mãe culpada na sempre protelada apoteose final da recuperação da honra perdida, do reencontro de mãe e filho, ela já envelhecida, a ‘criança’ já bem adulta.”¹⁶⁹

Nos romances-folhetins, eram comuns os enredos que se ocupavam em descrever o reencontro entre o filho abandonado e a mãe biológica. Em geral, a mulher sofria as consequências por seu ato, seja com a solidão e com a loucura, seja com a morte. Em *Muitos anos depois*, a mãe muito bela, quando era jovem, devia seduzir muitos homens e se deixou envolver numa relação, a qual não é narrada, que culminou no nascimento do filho Flávio, não assumido e reencontrado após 25 anos.

Em *Muitos anos depois*, há diferentes configurações femininas. A primeira que aparece é a mulher que criou Flávio. Não há referência ao seu passado, apenas parece ser uma mulher que sofreu muito, mas redimiou-se ao assumir os cuidados com Flávio. Depois é mostrado um grupo de mulheres de um mesmo núcleo familiar: D. Margarida, uma senhora da sociedade e suas duas filhas, apresentadas rapidamente para focar na figura feminina que interessou ao protagonista, Laura, sua primeira paixão. Laura é descrita como “diabolicamente bela” e encanta Flávio, que mesmo na condição de seminarista, manifestou interesse por Laura, motivo que o fez repensar em sua carreira eclesial.

Laura tinha consciência da sua beleza e agia como se não ligasse para os que a rodeavam e a desejavam, para Flávio, inclusive. No momento da descrição de Laura, a voz do narrador parece se confundir com a do protagonista Flávio, e as comparações feitas a Laura parecem ser de ambos:

Sua beleza era dessas que arrastam logo a primeira vista. Possuía os mais belos olhos do mundo, grandes e negros, olhos que despendiam luz e nadavam em fogo. Os cabelos, igualmente negros e abundantes, trazia-os penteados com arte especial, por modo que lhe dessem à cabeça uma espécie

¹⁶⁹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 245-246.

de diadema. Coroavam assim uma testa branca, larga, inteligente. A boca, se o desdém não existisse, inventava-o certamente. Toda a figura tinha uma expressão de desdenhosa gravidade.¹⁷⁰

As duas filhas da viúva Margarida são confrontadas às referências literárias. A mais nova é metaforizada como “um lindo prefácio de mulher. Qual seria o livro?”, como se mulheres fossem como romances, em que é preciso descobrir página a página seus modos, suas peripécias, suas emoções, e, dependendo de suas ações, poderá se determinar que “tipo de livro” cada mulher se tornará.

As relações entre mulheres e leituras continuam. Laura é comparada a lady Macbeth¹⁷¹, por conta de sua força, por não parecer submissa, por ser soberana. Essa personagem de Shakespeare demonstra ser uma mulher que não era subordinada ao marido e foge totalmente à figura feminina costumeira: delicada, bondosa e obediente ao esposo, por isso, no fim, paga com a morte por suas atitudes contrárias ao comportamento esperado. Laura, ao ser relacionada com essa personagem, é apontada como perigosa para se tornar esposa, pois não seria uma mulher passiva às vontades do marido.

A ausência de candura e docilidade da personagem Laura faz o narrador chamá-la de “Semíramis burguesa”, por suas características imponentes semelhantes a de uma rainha como a Semíramis¹⁷² das lendas gregas, Laura possuía “caráter imperioso; era dessas mulheres que, emendando a natureza, que as não fez nascer no trono, fazem-se rainhas por si mesmas.”¹⁷³

Além de bela, Laura era sagaz e mantinha sua postura em não corresponder à paixão de Flávio, que, influenciado pelos livros que lia sobre histórias sentimentais, sofreu pelo amor não-correspondido, o que acarretou danos a sua saúde, visíveis aos olhos de Padre Vilela, que percebeu a paixão de seu aprendiz ao observar que esse emagrecia demasiadamente e estava mais melancólico que de costume. Padre Vilela concluiu que “devia ser paixão incurável, atentas as relações íntimas em que estão a

¹⁷⁰ ASSIS, Machado de. *Ibdem*, p. 05.

¹⁷¹ Personagem da obra renascentista **Macbeth** de William Sheakespeare.

¹⁷² **Semíramis** foi uma bela rainha mitológica que segundo as lendas gregas e lendas persas reinou sobre a Pérsia, Assíria, Armênia, Arábia, Egito e toda a Ásia, durante mais de 42 anos, foi fundadora da Babilônia e de seus jardins suspensos. Subiu ao céu transformada em pomba, após entregar a coroa ao seu filho, Tamuz. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Romanismo/Nacoes-NimrodeSemiramisMariaBabelBabilonia-Trois.htm>. Acesso em 02 fev. 2011.

¹⁷³ ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois**. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 de ago. 2010, p. 5.

magreza e o amor, na teoria romântica”¹⁷⁴. As atitudes de Flávio somadas à conclusão de Padre Vilela apontam um olhar sobre o romantismo ultra-romântico e um leve humor e crítica ao tratar desse assunto, como chama atenção Jaison Luís Crestani, quando se refere à apreciação que Machado de Assis fazia às demasias do Ultra-romantismo:

A afronta aos hábitos de leitura românticos, pautados na identificação e envolvimento, vai se intensificando no decorrer da narrativa através das investidas irônicas do narrador na abordagem de expedientes próprios do Ultra-romantismo¹⁷⁵.

Retomando a figuração feminina, citamos uma personagem secundária, Luisa, representada pelo comportamento não considerado ideal para as moças da época. Luisa foge com Henrique – melhor amigo de Flávio – e consegue casar com o amado, porque o casal se amava verdadeiramente, mas eram impedidos pelas famílias de concretizar a união. Contudo, embora cometa uma transgressão, o casal tem um término feliz.

Outra figura feminina presente no enredo é a mãe de Henrique, D. Mariana Lima, a qual é apresentada como uma pessoa agradável apenas nos tratos sociais, pois era de “coração esquisito [...] o espírito caprichoso, voluntarioso e ambicioso [...] Ela era profundamente dissimulada”¹⁷⁶. D. Mariana desejava para o filho um casamento com mais fortuna e, por esta razão, criou aversão ao padre Flávio, que ajudara Henrique a consumar a união com Luisa. Desta feita, Mariana representava uma mulher fútil, iludida pelos valores externos, pela aparência e pelo dinheiro.

Ironicamente, o que os personagens não sabiam é que o sentimento que os repeliu talvez fosse mais do que o fato de destoarem no caráter. Ao completar 25 anos, Flávio toma conhecimento da carta que continha o segredo de sua vida e descobre que D. Mariana era sua mãe biológica, que o havia abandonado. Ao final, a ambiciosa mulher arrepende-se e pede perdão ao filho e ao marido pelo terrível segredo que guardou e que mudou a vida de todos. Essa atitude mostra o encontro inevitável do destino que reforça a moral dita na conclusão da história de que: as “consequências que

¹⁷⁴ ASSIS, Machado de. *Ibidem*, p. 6.

¹⁷⁵ CRESTANI, Jaison Luís. **Machado de Assis no *Jornal das Famílias***. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009, p. 75.

¹⁷⁶ ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois**. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 de ago. 2010, p. 9.

o erro de um pode trazer a muitas existências. / Tal é a moralidade desta triste história.”¹⁷⁷

Nesse momento do reencontro, a cena nos romances-folhetins era o ápice das narrações e, em geral, eram descritas de forma emocional para prender a atenção do leitor e o deixar comovido. Contudo, nesse conto de Machado de Assis, o narrador não se mostra afeiçoado a esses rompantes melodramáticos do folhetim, mesmo usando o recurso, parece que quer mostrar que o faz obrigado. A cena do reencontro não é mostrada com detalhes e dá ao leitor o direito à recriação do momento: “Eu deixo ao leitor imaginar a impressão deste lance de quinto ato de melodrama”¹⁷⁸ Esse posicionamento do narrador também foi destacado por Jaison Luís Crestani em outras narrativas publicadas por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*:

A postura insensível e indiferente do narrador, que demonstra não ter se abalado com as trágicas peripécias da narrativa que proferiu, ironiza o leitor que, porventura, tenha se envolvido com a trama e formulado ideias melancólicas. [...] Demonstrando conhecimento das regras do fazer literário, o narrador machadiano articula e desarticula os possíveis caminhos de leitura do texto, na tentativa de despertar o leitor para a necessidade de se manter um distanciamento crítico na relação com o texto literário, para que possa desfrutar do prazer proporcionado pelo exercício de desconstrução de expedientes desgastados da tradição literária que se evidencia na fatura do texto.¹⁷⁹

O narrador nessa história apresenta sua posição, e mesmo que parece delinear um leitor típico de romance-folhetim, o faz criticamente. Ainda assim, a constante referência ao leitor em *Muitos anos depois* reforça a sua construção nas bases do romance-folhetim, assim como o destino atribuído a algumas personagens, como D. Mariana, que terminou num convento e ficou lá até falecer de tristeza. Padre Flávio também morreu de tristeza, pois se sentiu culpado pela mudança que causou na família Lima com a descoberta do erro de sua mãe e se isolou numa igreja no interior de Minas. Essa morte do protagonista reforça o caráter romântico do protagonista, que emagrece por amor e morre de tristeza, assim como alguns personagens e autores do Romantismo, mas uma vez apontando criticamente o ultra-romantismo.

¹⁷⁷ ASSIS, Machado de. *Ibidem*, p. 16.

¹⁷⁸ ASSIS, Machado de. op. cit., p. 16.

¹⁷⁹ CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009, p. 76.

As personagens de *Muitos anos depois* não apresentam definições claras de suas fisionomias, enquanto que seus comportamentos sociais e angústias humanas ficam evidentes nas apresentações. O personagem principal, Padre Flávio, é caracterizado como um homem bonito, inteligente, estimado, tolerante, até nas escolhas literárias que formavam sua biblioteca, que era constituída por obras que passavam desde reflexões religiosas às consideradas pagãs. A descrição física do protagonista é feita apenas em um parágrafo, como se pode perceber no excerto a seguir:

uma soberba figura; a sua cabeça tinha uma forma escultural [...] Tinha magníficos cabelos preto, olhos da mesma cor, nariz reto, lábios finos, a testa lisa e polida. O olhar ainda sereno, tinha uma expressão de severidade, mas sem afetação. Aliavam-se naquele rosto a graça profana e a austeridade religiosa, como duas coisas irmãs igualmente da contemplação divina.¹⁸⁰

Como afirma José de Mesquita, a escrita machadiana “Interessa-se muito mais pela fisionomia moral, pelo retrato interior, e se, uma vez que outra vez, alude aos traços exteriores, é para, em duas pinceladas, frisar a harmonia física e aparente.”¹⁸¹ O que move os acontecimentos é o caráter dos personagens, como eles se apresentam perante a sociedade, como agem e constroem suas personalidades, mesmo mediante outros desejos.

A prosa *Muitos anos depois* inicia fazendo um breve apanhado da trajetória de Flávio, que fora um menino pobre do interior de Minas Gerais. Flávio, em sua infância, teve sua vida modificada a partir do encontro com Padre Vilela, que o cria como um pai e que guarda um segredo contido numa carta, que só poderá ser entregue a Flávio em sua idade adulta.

Enquanto o mistério não é descoberto, são apresentados ao leitor algumas vivências de Flávio, que o levam a refletir e a voltar às suas leituras, como o primeiro amor, a desilusão amorosa, as amizades, a decisão profissional, questões comuns aos jovens. Todas essas ações ocorrem num tempo cronológico, sequenciado.

Como já referimos, a narração está centrada na história de padre Flávio, o qual tem sua história envolvida com personagens como Padre Vilela; a mulher que criou

¹⁸⁰ ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois**. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 ago. 2010, p. 1.

¹⁸¹ MESQUITA, José de. In: NADAF, Yasmin Jamil (Org.). **Machado de Assis em Mato Grosso: textos críticos da primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: Lidador, 2006, p. 82.

Flávio até seus 12 anos; D. Margarida, mãe do seu primeiro e único amor, Laura; de mais uma menina de 12 anos, irmã de Laura; Henrique Ayres, seu melhor amigo; Sr. João Ayres de Lima, pai de Henrique; e a D. Maria Lima, mãe de Henrique e de Flávio.

A mulher que criou Flávio é apresentada no segundo capítulo e só aparece neste momento, pois morre e deixa o menino sob os cuidados do padre Vilela, a quem entrega a carta lacrada e repassa o pedido feito pela mãe verdadeira de Flávio.

No terceiro capítulo, são apresentadas as características de Flávio, seus gostos pela “Teologia, história, filosofia, línguas, literatura”, e é nesta ocasião que o narrador fala dos “livros que se chamam corações”, que muito influenciaram os pensamentos do jovem protagonista, levando-o a julgar “mais pelo coração que pela reflexão”, de acordo com o narrador. Percebemos, claramente, a referência aos romances sentimentais, que tem por objetivo comover o leitor, mexer com as emoções:

Profundamente observador, o discípulo do Padre Vilela aprendeu cedo a ler estes livros que se chamam corações antes de os estimar e aplaudir. [...]

Mas o Padre Vilela não contava com esta crise necessária da juventude chamada amor, que o rapaz não conhecia também a não ser pelos livros do seu gabinete. Quem sabe? Talvez esses livros lhe fizessem mal. Acostumado a ver o amor com a lente da fantasia, deleitando-se com as sensações poéticas, com as criações ideais, com a vida da imaginação, Flávio não tinha a menor idéia da coisa prática tanto se absorvia na contemplação da coisa ideal.

Semelhante ao homem que só houvesse vivido no meio de figuras esculpidas em mármore, e que supusesse nos homens o original completo das cópias artísticas, Flávio povoava a sua imaginação de Ofélias e Marflias, ansiava por encontrá-las, amava-as antecipadamente, em solitárias chamas. Como era natural, o moço exigia mais do que poderia dar a natureza humana.¹⁸²

Nesse terceiro capítulo, é mostrada a “crise necessária da juventude”, o amor, sentimento conhecido apenas nos livros de sua estante. O narrador atenta para o “mal do romance”, que poderia causar em Flávio falsas expectativas, originadas sob a ótica da ficção, ou, segundo as próprias palavras do narrador, os romances seriam uma “lente da fantasia”, que causa falsas sensações, situações irreais, que podem ser perigoso para os jovens. Desde o primeiro capítulo, há referências às leituras de Flávio.

No início, é descrita, minuciosamente, a distribuição dos livros do personagem. Sua biblioteca era composta por três estantes que abrigavam diferentes gêneros. A

¹⁸² ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois.** Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 de ago. 2010, p. 05.

primeira guardava os livros religiosos, alvo de seus estudos teológicos; a segunda abrigava as produções pagãs, os textos clássicos, os livros de poetas e de prosadores da Idade Antiga, como Platão, Homero, Epíteto, Virgílio; e, na última estante, estavam os livros proibidos para um padre ter, que eram os “profanos”, como denomina o narrador, pois serviam apenas para o deleite, quando o personagem não estava se dedicando às outras leituras. Essas obras não recomendadas ao padre eram os romances, porque não serviam para o intelecto, mas apenas para a corrupção dos sentidos, portanto eram inadequados para um padre, o qual poderia sofrer influência desses escritos não recomendados pela fé cristã católica. Lê-los era uma profanação, um escândalo.

No capítulo quarto, é mostrado o episódio que causou os padecimentos anunciados anteriormente. É nesse trecho que são apresentadas D. Margarida, Laura e sua irmã mais nova. Como o amor de Flávio não é correspondido, ele abraça a vida do sacerdócio definitivamente. Henrique, seu amigo, é mostrado no quinto capítulo, com problemas que foram resolvidos por Flávio, sempre amigo e solícito. É a partir da ajuda do protagonista ao seu melhor amigo que o primeiro terá maiores afinidades com os pais de Henrique, relação que desenrolará ações incompreendidas no decorrer desses quatro capítulos restantes, mas que se explicarão por ocasião da conclusão da narrativa, como, por exemplo, a antipatia que D. Maria Lima tinha por Flávio.

Muitos anos depois foi uma narrativa construída para um periódico familiar e se enquadrou nos padrões vigentes, não fugindo ao que se esperava das leituras melodramáticas e moralizantes. Publicada no *Jornal das Famílias*, essa narrativa chamou a atenção dos editores do *Jornal do Pará*, pois condizia com os pensamentos e objetivos também do periódico paraense.

3.4 A Virtude Laureada

Esta é uma narrativa, como o próprio título expõe, sobre a virtude. Escrita por uma mulher, que assinava com o pseudônimo de Victoria Collona, o texto foi publicado pela primeira vez no *Jornal das Famílias*, a partir do dia 13 de fevereiro de 1875 até XX de agosto do mesmo ano, e posteriormente, foi divulgado no *Jornal do Pará*. A narrativa não é dividida em capítulos, contudo no *Jornal do Pará* é publicada em cinco

números seguidos. A obra é voltada para o comportamento virtuoso, principalmente o feminino, da dona do lar, de uma boa mãe.

Victoria Colonna¹⁸³, segundo Sacramento Blake, tratava-se do pseudônimo de uma grande escritora brasileira da qual ele não revela o nome, mas faz entender que a conhece¹⁸⁴. O pseudônimo Victoria Collona assinou ainda muitos escritos publicados na segunda metade do século XIX.

Victoria Colonna participou ativamente das publicações no *Jornal das Famílias*, de caráter conservador. É válido ressaltar que, mesmo tendo tratado algumas vezes sobre a educação da mulher, o periódico o fazia de forma que o objetivo da instrução fosse para aperfeiçoar o papel feminino no lar e na sociedade, por isso as publicações nesse jornal estavam “em sintonia com o que é esperado até mesmo pelas mulheres de seu tempo. Artigos amenos, úteis para a administração da casa e para a sua distração”¹⁸⁵.

No *Jornal das Famílias*, Victoria Colonna escreveu diversos textos em diferentes espaços. Suas produções se voltavam para questões de ensino de conhecimentos gerais e, especialmente, morais. Publicou em seções como *Economia Doméstica*, em que a autora escreveu o texto intitulado *Conselhos*, com a observação que trazia o tema do escrito “Linhas que as criadas não devem ler”. Era um texto que mostrava como tratar as criadas para que elas realizassem bem suas tarefas, o que mostra que esse periódico familiar objetivava um grupo mais elitizado, como observa Alexandra Pinheiro a respeito do artigo mencionado: “permite confirmar o fato de o periódico se destinar, principalmente, às leitoras oriundas dos setores mais abastados da sociedade e, ao mesmo tempo, identificar o tipo de relação que existe ou deve existir entre senhora/escrava e patroa/empregada.”¹⁸⁶

Victoria Colonna também teve uma ativa participação na seção *Romances e Novellas* desse mesmo jornal, em que podemos verificar as seguintes publicações da autora: *Cecília a voluntária* (1868); *Pobridade de um sacristão* (1869); *Um milagre da*

¹⁸³ Esse pseudônimo pode ter sido uma homenagem dessa escritora a uma poetisa italiana do século XV, que era muito próxima de muitos artistas e escritores renascentistas, e especialmente amiga de Michelangelo, com quem trocou muitas cartas e sonetos filosóficos. Michelangelo esteve ao lado da poetisa quando ela morreu, e escreveu um soneto em sua memória.

¹⁸⁴ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. 7 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902, p. 383.

¹⁸⁵ PINHEIRO, Alexandra Santos. **Revista Popular (1859-1862) e Jornal das famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier**. São Paulo: 2002. 278 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras Modernas, UNESP, Assis, p. 119.

¹⁸⁶ Id. *Ibidem*, p. 120.

música (1869); *Um duelo* (1874); *A virtude laureada* (1875); *O menino preguiçoso* (1875); *Os casamentos de hoje* (1875); *Uma família modelo* (1875); *Suzana e Joaquina* (1876).¹⁸⁷

Entre as publicações citadas acima, a única que pode ser verificada dessa autora no *Jornal do Pará* é *A virtude Laureada*, narrativa com forte caráter instrutivo e moralizante, recheada de frases de efeito com noções de bons costumes para os leitores, ou melhor, para as leitoras.

A história inicia a partir de uma conversa entre uma mãe e uma filha, em um ambiente bem comum às mulheres oitocentistas, a sala, num momento de coser. Circunstâncias como essas eram comuns e cotidianas, para que assim as mulheres pudessem ensinar as filhas sobre o que uma senhora deveria saber acerca das prendas domésticas e compartilhar histórias que servissem de alerta para que as filhas não cometessem futuros enganos.

As duas mulheres conversam sobre como a fortuna da família foi adquirida, que teve como ponto de partida uma atitude incorreta, contudo, por incentivo e ação das virtuosas mulheres da casa Rodrigues, a história tenha um final justo e feliz a todos.

A narrativa se passa na cidade de Nice, cidade francesa, e os acontecimentos se dão na casa da família Rodrigues. A narração se divide entre um narrador onipresente e onisciente (a mãe) e a filha, que, em alguns momentos, também participa da narração, as quais aparecem no início da história dialogando sobre a história da família. Ao falar das mulheres como narradoras, Valéria de Marco destaca que em geral aparecem, como “hábeis vozes narrativas que repõem sempre o vigor da oralidade na cultura brasileira, e, em outra sintonia, o império desse mundo ficcional doméstico nas nossas telenovelas.”¹⁸⁸

Esta história doméstica gira em torno de duas famílias diferentes em questão de níveis sociais que se mantêm relacionadas por causa da amizade existente entre as filhas que estudaram juntas. Uma era a família de Augusta, constituída pelo pai Rodrigues e pela mãe, Helena. Eram pobres, mas muito trabalhadores. A outra era a família de

¹⁸⁷ PINHEIRO, Alexandra Santos. **Revista Popular (1859-1862) e Jornal das famílias (1863-1878):** dois empreendimentos de Garnier. São Paulo: 2002. 278 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras Modernas, UNESP, Assis, p. 260-273.

¹⁸⁸ MARCO, Valéria de. **A personagem feminina na Literatura do século XIX:** a constituição do mundo doméstico e a representação da inocência e da experiência. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Anais do V Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Natal: ed. Universitária da UFRN, 1995, p. 118.

Eugenia, cujo pai era o administrador de uma manufatura e vivia em condições melhores.

O acontecimento desencadeador da trama é a perda do lucro da manufatura que o pai de Eugenia deveria enviar ao dono da empresa e quem encontra a quantia é o pai de Augusta, que, em razão de sua condição desfavorável, não quer devolver e sim usar para seu próprio enriquecimento.

Trata-se de uma história curta e simples com final feliz, com a paz restabelecida a todos os personagens na conclusão, atitude que reforça a moral e os ensinamentos que podem ser obtidos da narrativa. Contudo, buscaremos evidenciar alguns aspectos quanto à construção folhetinesca da terceira fase e quanto a algumas representações que são ratificadas nessa obra escrita, possivelmente por uma mulher.

A personagem principal que carrega o papel do ensinamento é Helena, a mãe de Augusta. Ela é a figura da “virtude laureada” que assinala o título. É ela que mostra as principais lições de boa conduta e que se encarrega das falas de boa moral para o pensamento da época.

Por meio do tema do dinheiro, que também foi recorrente no romance-folhetim, seja pelos casamentos arranjados, seja pelas mortes esperadas por causa de heranças, seja por apropriação de quantias indevidas, como ocorre em *A virtude Laureada*. Essa temática era recorrente porque tratava de um assunto cotidiano à sociedade burguesa, como atenta Marlyse Meyer:

É o dinheiro, diríamos, à Balzac, realista e moderno, revisto e ampliado pelos novos padrões [...] Dinheiro aliciador, algo do desejo espalhado capilarmente por todas as camadas sociais, dos banqueiros e financistas [...] O dinheiro é a única medida de qualquer talento ou reputação¹⁸⁹

Por isso, resistir à tentação do dinheiro, ser mais forte que o desejo da ascensão social, era algo reforçado nos folhetins, assim poderia funcionar como atenuante às possíveis revoltas de leitores com menor poder de aquisição, afinal, poderiam ser pobres, mas alcançar o sucesso com dignidade e caráter. Essa era a ideologia reforçada.

Os escritos assinados por Victoria Colonna sempre buscavam reforçar o ensinamento, principalmente com bom exemplo aos filhos. Por isso, a obra centra-se na mãe como detentora da boa conduta, afinal era a esposa a responsável pela educação

¹⁸⁹ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 262.

dos filhos no pensamento oitocentista. Helena, constantemente, reforça sobre como o bom comportamento dos pais ensinam aos filhos, como podemos conferir em passagens como as seguintes:

Que péssima moral pregas á nossa filha!

[...] a virtude nos é absolutamente necessaria para captarmos a estima da gente honesta; lembra-te que os pais são responsáveis pelo que gravam no coração dos filhos, e que sendo as primeiras impressões as mais duráveis, cumpre-lhes velar que ellas não sejam más.¹⁹⁰

[...] quanto é fácil praticarmos a virtude quando a dugamos com o leite, e quão profundas são suas raízes quando foi plantada por uma boa educação, e sobretudo pelos exemplos de nossos pais, como felizmente acontecia á Helena, que sempre vira em sua família estigmatizar-se a obtenção de gozos não adqueridos por honrosos meios.¹⁹¹

“Os pais são para os filhos modelos que tendem naturalmente a imitar, por isso devem abster-se diante delles, de dizerem ou praticarem actos que lhes possam inspirar princípios perigosos ou dar maus exemplos.”¹⁹²

Nesse último segmento que aparece entre aspas, a voz da narradora confunde-se com a voz da personagem. A todo instante, o carácter educacional dos filhos é reforçado nesta curta narrativa. As caracterizações femininas são todas representadas pela bondade, pela virtude e pela maternidade. Nesse texto, a lição está no bom comportamento e nos benefícios que este traz à mulher que age de acordo com os pensamentos corretos da época.

Nessa narrativa não só é construída a imagem de como deve ser uma boa esposa e mãe, como também há menção a visão do homem sobre a mulher, por meio de algumas falas de Rodrigues, como: “Doutrina de mulher, minha querida, ella é própria de quem não vive no meio da sociedade soffrendo diariamente os desprezos dos bafejos pela fortuna, disse Rodrigues com ar de compaixão pela estreiteza das ideias de sua mulher.”¹⁹³

Apesar de a narração ser realizada por mulheres – a mãe e a filha –, há a visão masculina de que a mulher é frágil, não entende do mundo do trabalho e dos negócios, por isso tem uma expectativa amena da vida, por limitar-se apenas ao lar. Por meio de Rodrigues, observamos uma representação da mulher. O marido cego pela ambição se

¹⁹⁰ *Jornal do Pará*, 27/08/1875, p. 2.

¹⁹¹ *Jornal do Pará*, 31/08/1875, p. 1.

¹⁹² *Jornal do Pará*, 02/09/1875, p. 1.

¹⁹³ *Jornal do Pará*, 27/08/1875, p. 2.

mirava nos exemplos de outras mulheres também ambiciosas que fingiam não saber da procedência do dinheiro que sustentavam seus luxos, como gostam todas as mulheres, de acordo com o pensamento de Rodrigues, por isso: “Julgava que Helena acabaria por pertencer á esta ultima classe, se conseguisse abalar-lhe as máximas de virtude que eram tradicionaes em sua família”.¹⁹⁴

Em outro trecho, percebemos a representação feminina por meio ainda da visão masculina, dessa vez relacionada às leituras. Em uma discussão com Helena, Rodrigues afirma que essas falas sobre virtudes de que tanto a mulher prega não passam de pensamentos romanceados retirados de seus livros: “Poesias! poesias! colhidas sem duvida nas tuas *puras e sãs* leituras, como lhe chamas”. Como se o afastamento da personagem feminina da realidade fosse reforçado pelas leituras que ela costuma ter acesso. Talvez esse fosse um artifício para mostrar aos maridos e aos pais de leitoras que podiam ficar despreocupados em relação às leituras desses romances, afinal tornavam as mulheres mais virtuosas, pois vinham carregados de ensinamentos.

Assim como as demais narrativas publicadas nos dois jornais estudados, essa história traz, além de suas constantes frases voltadas para a instrução, uma lição de moral evidenciada na própria narrativa, como nas fábulas, como se pode perceber neste trecho: “vê quão poderoso é o exemplo, e nunca esqueças que só a virtude nos faz verdadeiramente felizes e que ella nos é indispensável para adquirirmos a amizade e a estima da gente honesta.”¹⁹⁵ Esta moral resume o que é reforçado por toda a narração, a questão do exemplo e da virtude.

Essa é mais uma história selecionada para o *Jornal do Pará* com caráter extremamente moralista e com figurações femininas marcadas, seja pela boa conduta, como o é nesse texto, seja por más condutas, claramente seguidas de conseqüências condizentes com os atos femininos. Mesmo que o periódico paraense não tenha especificado seu público, percebemos claramente, pelos textos publicados e pelos textos extraídos, a preocupação com o público feminino, com o conteúdo de leitura das leitoras, para que pudessem conduzir sua vida nos parâmetros conservadores, os quais o jornal também procurava administrar.

¹⁹⁴ *Jornal do Pará*, 28/08/1875, p. 3.

¹⁹⁵ *Jornal do Pará*, 02/09/1875, p. 2.

Considerações finais

Com o objetivo de recuperar os textos literários impressos no *Jornal do Pará*, na segunda metade do século XIX, buscamos a relação estabelecida entre o *Jornal do Pará* e o *Jornal das Famílias*. Ambos circularam no mesmo período, disponibilizaram colunas para a publicação literária e tinham o mesmo posicionamento ideológico, como percebemos nos capítulos anteriores.

Nossa reflexão se debruçou sobre a preferência do *Jornal do Pará* à publicação de autores brasileiros, em um momento em que ainda se valorizavam as narrativas estrangeiras e, também, sobre o trânsito dos textos entre o periódico paraense e o carioca. Consideramos como resposta as conjecturas, a ocorrência de que o *Jornal do Pará*, mesmo com posicionamento conservador, buscou adequar-se ao movimento literário brasileiro de seu tempo. Ao lembrarmos a posição de Ilana Heineberg sobre a terceira fase do romance-folhetim no Brasil, vimos que nas décadas de 1860 e 1870 as publicações em periódicos brasileiros esquadriavam uma maior independência dos modelos europeus.¹⁹⁶ Esse posicionamento nos leva para a possível justificativa de que houve um esforço em colaborar com a circulação literária nacional, o periódico paraense também estabeleceu constantes diálogos com jornais de outras regiões do país, o que auxiliou na transição e circulação dos textos no Brasil oitocentista.

Mediante os diferentes jornais com os quais o *Jornal do Pará* se relacionou, a escolha de seis narrativas de um mesmo periódico - o *Jornal das Famílias* - se deu, principalmente, pelos objetivos moralizantes e instrutivos que buscavam esses dois periódicos da segunda metade do século XIX. Como elucidado no último capítulo, O *Jornal do Pará* se identificava com os propósitos do *Jornal das Famílias*, ao longo de sua existência, pois ambos publicaram histórias que traziam a preocupação com os bons costumes sócias da época.

As produções extraídas do periódico fluminense seguiam a linha de publicação do *Jornal do Pará*, todas as seis narrativas se encaixavam nos aspectos das demais obras que circulavam no periódico paraense, como a predominância de histórias curtas e com finais que continham uma lição.

¹⁹⁶ HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 514.

Além da extensão das narrativas, outra constante que se mantinha nos modos de publicação do *Jornal do Pará* era a figura feminina como centro da história. Das três histórias selecionadas, apenas uma tem um personagem masculino como protagonista, mas, ainda assim, o enredo é voltado para a lição sobre o comportamento feminino - o abandono de um filho.

Em *O anjo da solidão*, Maria é a protagonista e ao seu redor que toda a trama se desenvolve; em *Muitos anos depois*, apesar de ter como Flávio o personagem central, a lição a que a narrativa se destina advém de D. Mariana, constantemente aparecem referências às leitoras e há um capítulo reservado apenas para Laura, o primeiro amor de Flávio. Em *A virtude laureada*, desde a voz narradora aos principais personagens estão relacionados à figura da mulher, sempre com reforço ao ensinamento do bom proceder, principalmente o feminino.

Ambos os periódicos se preocupam com o público feminino e com a tríade divertir, edificar e ensinar que tanto era difundida no século XIX. Nas histórias divulgadas por meio desses periódicos citados percebemos a preocupação com a “edificação” da moral e dos bons costumes, fundamentados na religião, a “instrução” do que era um comportamento virtuoso, e com o “entretenimento”, sempre visando os dois objetivos anteriores.

O aspecto da edificação está presente em *O Anjo da solidão* relacionado às questões religiosas, como a obediência aos pais, a fidelidade aos comportamentos cristãos, a virgindade e o sacramento do casamento; em *Muitos anos depois*, podemos perceber esse elemento de edificação na profissão e no caráter do protagonista, o padre Flávio, mas não se prende aos ensinamentos religiosos; enquanto que em *A virtude laureada* a importância de agir sob as vontades de Deus ensinadas pela religião católica é constantemente reforçada ao longo da narrativa, seja pelas vozes das narradoras ou da protagonista.

Quanto ao ensinamento, como já foi elucidado, as três apresentam a preocupação com a moral, com a instrução por meio do texto, pois foram produzidas para um periódico familiar que tinha também como objetivo o ensinamento. Como vimos, a primeira história, *O anjo da solidão*, voltava-se para lições sobre obediência e comportamento adequado para boas moças; já a segunda é mais geral, apesar da referência às leitoras, *Muitos anos depois* traz uma moral que alcança todos na sociedade, pois trata-se de escolhas e mau passos que afetam a vida de outras pessoas; e

a terceira, *A virtude laureada*, é a que possui a instrução como ponto forte da narrativa, a todo instante o que se pretende ensinar é reforçado na narrativa, por todo o desenrolar da trama é citado o que se considera como virtudes, como o trabalho honesto, o bom exemplo dos pais aos filhos, o comportamento incorruptível.

Essas caracterizações estavam presentes nas narrativas publicadas na maioria dos periódicos brasileiros, as relações mantidas pelo *Jornal do Pará* com outros jornais, permitiram ao público que o consumiu o acesso ao que estava sendo produzido naquele momento no país. Por isso, realçar essas relações existentes na imprensa do século XIX com o desenvolvimento literário tem importância não só para o entendimento da história literária no Brasil, como também para a história literária do Pará.

BIBLIOGRAFIA

TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA

AUGUSTI, Valéria. De instrumento moralizador a retrato do real: trajetórias do romance no oitocentos brasileiro. In: AUGUSTI, Valéria; SOUZA, Roberto Acízelo de; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira (Org.). **Narrativa e recepção: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUff, 2009.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARBOSA, J. Apud MARANHÃO, Haroldo. **Pará, Capital: Belém**. Memória & Pessoas E Coisas & Loisas da Cidade. Belém: Super-cores, 2000.

BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará: paraenses históricos do Império**. Belém-PA: Conselho Estado de Cultura, 1970.

CANDIDO, Antonio & ET AL. A personagem de ficção. 11 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX)**. Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=119&rv=Literatura>. Acesso em 05 dez. 2010.

CRESTANI, Jaison Luís. Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995.

HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajетórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

JINZENJI, Mônica. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. São Paulo: Objetiva, 2004.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Das massas à massa. In: **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MESQUITA, José de. In: NADAF, Yasmin Jamil (Org.). **Machado de Assis em Mato Grosso: textos críticos da primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: Lidador, 2006.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

NADAF, Yasmin Jamil. **Estudos Literários em livros, jornais e revistas**. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2009.

NOBRE, Izenete Garcia. **Frederico Carlos Rhossard: História de um Tipógrafo**. Disponível em: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Izenete_Garcia_Nobre.pdf. Acesso em 10 de jun. 2010.

PINHEIRO, Alexandra Santos, PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>. Acesso em 04 jun. 2010, p. 56.

_____. **Romances e novelas: uma seção fiel no Jornal das Famílias**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/romancesenovelas.pdf>. Acesso em 02 de jan. 2011, p. 04.

PRADO, Cesário. Um pouco de Machado de Assis. In: NADAF, Yasmin Jamil (Org.). **Machado de Assis em Mato Grosso: textos críticos da primeira metade do século XX.** Rio de Janeiro: Lidador, 2006

ROCQUE, Carlos. **História de A Província do Pará.** Belém, PA: Mitograph Editora Ltda, 1974.

SALES, Germana. **Folhetins: uma prática de leitura no século XIX.** Disponível em: www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf. Acesso em: 24 de abr. 2010, p. 02.

_____. **Revista Familiar: receita para leitura.** Disponível em http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/Abralic2008/GERMANA_SALES.pdf. Acesso em 02 de jun. 2010.

SODRÉ, Néelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Introdução à historiografia brasileira.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil: 1830 a atualidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1994.

VALENTE, José. **A História nas Ruas de Belém: Cidade Velha.** Belém: CEJUP, 1993.

VIANA, Artur. Disponível em: <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/RBB/article/viewFile/76/58>. Acesso em 05 jul. 2010.

TESES

AUGUSTI, Valéria. **Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista.** Campinas, SP: 2006. 156, f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Revista Popular (1859-1862) e Jornal das famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier.** São Paulo: 2002. 278 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras Modernas, UNESP, Assis.

SALLES, Germana Maria Araújo. **Palavra e sedução**: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881). 2003. Campinas: 2003. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas.

PERIÓDICOS

Treze de Maio (1840-1862)

Jornal do Pará (1862-1878)

Jornal das Famílias (1863-1878)

DICIONÁRIOS

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. 2 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. 3 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

_____. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. 4º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898

MENEZES, Raimundo. **Dicionário literário brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978, p. 67-68.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário e Mitologia Greco-Latina**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965.

ROMANCES EM MEIO ELETRÔNICO

ASSIS, Machado de. **Muitos anos depois**. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/144/anos-depois-machado-de-assis/>. Acesso em 09 ago. 2010

PINHEIRO JR, Luis Leopoldo Fernandes. Anjo da solidão. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0204/0204.pdf>. Acesso em 09 ago. 2010.

ANEXOS

Tabela 1: Etapas do Folhetim.

Étapas do Folhetim	1º Momento (1836-1850)	2º Momento (1851-1871)	3º Momento (1871-1890)
Ocorrências			
Contexto Histórico	Pós-Revolução Burguesa de 1830 e Revolução de 1848	Segundo Império-Napoleão III	Terceira República Comuna de Paris (1871) “Tentativa de emancipação operária”
Contexto Social	“Miséria operária, loucura operária, suicídio operário nascidos da fome e do desespero”	Desenvolvimento da indústria e do Comércio/ Alfabetização crescente/ Expansão da imprensa – “Imprensa de massa”	“Época da democratização do ensino”/ Período de grandes invenções/ Tempo dourado da beleza
Contexto Literário/ Principais nomes	Estouro do Romantismo/ Alexandre Dumas e Eugène Sue	Criação de Bibliotecas Escolares / Romance com assuntos populares/ A série/ <i>Fait Divers</i> Ponson Du Terrail/ Rocambolesco	Consolidação do romance-folhetim como gênero popular/ Émile de Richebourg/ Xavier de Montépin/ Zola
Situação do Folhetim	Surgimento do Folhetim para atrair e distrair o novo público em formação/ Romance-Folhetim Romântico, democrático ou social	Proibição do Romance-folhetim/ Ressurreição do Romance-folhetim/ Romance popular/ Rocambolesco	Folhetim da terceira fase “romance dos crimes de amor/ da vítima” “romance popular burguês” “folhetim <i>Belle Époque</i> ”

Fonte: Adaptado de - MEYER, 1996, p.66-273.

Contos Macahenses – “O anjo da solidão”

I

Agradavel e venturosa era a existencia que saboreava no Frade a bella e innocente Maria.

Na hora em que, despertos no seu ninho pela tenue claridade que a poetica precursora de Phebo bruxoleava, da garganta delicada extrahiam os passarinhos estrpbes sublimes, n’essa hora tão decantada, erguia-se ella do seu humilde leito.

Erguia-se; e vestindo sobre a camisa e saia um simples vestido de chita clara, que debuxava as suas deliadas fórmias e os contornos de seu garboso corpo, sem atavio sequer, nem dando-se ao trabalho de pôr-se ao espelho e pentear seus negros e bastos cabellos, ia, sobre o tópe d’uma collina, aguardar o nascimento do astro magestoso que maior testemunho dá da grandeza do Creador.

E ahi, saltitando a cada momento, sorrindo enebriada com os effluvios do ar puro da manhã, tentava com uma singeleza infantil parodiar, óra as ternas e maviosas canções do sabiá, óra os alegres trinados do canario e ainda os gemebundos arrulhos da melancolica rôla.

Era n’esse immenso theatro da natureza uma actora, que por espectadores apenas tinha aquelles de quem copiava as vozes.

Quando emfim, doirando ligeiras nuvens, surgia o sol na orla do horizonte, a encantadora menina deixava subitamente de imitar aos lédos passarinhos e entoava, com voz argentina e melodiosa, cantos de nativa inspiração.

Depois deitava a correr, saltando de quando em quando, como uma creança traquina, e, certa de que ninguem a via, desmudando as suas fórmias graciosas, mergulhava- as nas rumorosas e espumantes aguas de uma cachoeira, que, por assim dizer, precipitavam-se em avalanchas.

N’esse lugar conservava-se ella, até que, fatigada dos continuos choques que soffria e das incessantes e varias posições que exhibia, sempre cantando, após ter velado as graças a que pudicicia impõe recato, regressava ao seu lar, nadando em alegria.

II

No lar, no seio de sua familia, era a mesma a inconstante Maria.

Semelhante á borboleta, em todos os sitios libava o succo mellifluo do prazer.

Ao chegar á casa, tomava a benção paterna, lançava-se aos braços da mãe, beijava-a e, sorrindo, dava piparotes na ponte-aguda cabeça de um irmãozinho de quatro annos.

Choramingava a creança e ella, compadecida, tomava-a ao collo, embalava-a, fazia-lhe cócegas e osculava-lhe as faces.

Mas logo que o pequeno aquietava-se, punha-o no chão, dizendo:

- Salta, manhoso.

E, antes que os paes tivessem cessado de applaudil-a, sentava-se á costura, cantarolando, com voz doce e prolongada, cantigas populares.

Era uma exquisita organização aquella: o canto era a sua distracção predilecta.

Maria devêra ter nascido passaro.

III

Nas simples labutações domesticas empregava ella a maior parte do dia.

Á tardinha, antes que no occidente descambasse o sol, sahia do mesquinho casebre que habitava e ia esperar esse momento.

Depois de ter assistido a esse spectaculo, a que ligava summo interesse, ia então, com passo vagaroso e tremulo, requebrando-se graciosamente, visitar algumas pessoas da mais proxima vizinhança, que muito folgavam com o seu apparecimento.

Depois de ter assistido a esse spectaculo, a que ligava summo interesse, ia então, com passo vagaroso e tremulo, requebrando-se graciosamente, visitar algumas pessoas da mais proxima vizinhança, que muito folgavam com o seu apparecimento.

Com effeito, sobre todas as pessoas exercia singular influencia essa garrula adolescente.

Uns amavam-na pela sua gentileza, outros pela sua conversação folgazã e divertidas, outros ainda, os pobres sobretudo, pelos favores que prodigamente distribuia.

Ao cahir da noite recolhia-se á casa e, antes de deitar-se, orava por seus paes e irmãos com fervor.

Depois... estendia-se languidamente no leito, fechava os olhos, seus seios agitavam-se em dôce arfor e dormia.

Ás vezes sonhos fagueiros faziam-na sorrir e balbuciava os nomes dos unicos entes a quem adorava.

IV

Tal era a sua vida quotidiana, passada com uma regularidade inexcedivel.

Um dia, voltando ella do seu passeio matutino, encontrou em sua casa um bello moço, que, de passagem para S. Francisco de Paula, fatigado, tinha pedido a seus paes curta hospitalidade.

Estava elle, sentado á uma mesquinha mesa, tomando uma refeição frugal, quando Maria, com a sua natural e innocente desenvoltura, transpôz o limiar da habitação paterna.

Vendo o desconhecido, parou e estremeceu; por alguns momentos quedou ahi, observando-o com inexplicavel persistencia.

Pasmado d'esta subita apparição, levantára-se o moço para comprimental-a, mas tambem ficou immovel, sem poder dar um passo, subjugado pelo ativo e brilhante olhar de Maria.

Quem sabe que idéas n'esse momento turbilhonavam em seu cerebro, presa do ardor da juventude?

Quem sabe o que sentíram estes dois corações jovens, ainda isentos das feridas roazes dos desenganos?

Quem sabe se para o moço eram os olhos d'ella duas pedras de iman e para a moça os d'elle?

Quem poderia affirmar se eram ambos presas d'esse amor subitaneo e vehemente, que rapido apossa-se do coraçõa humano e domina-o para sempre?

V

- E então? Que acanhamento é esse? Perguntou alfim a mãe de Maria, vendo-a hesitar em cumprir com o dever de saudar o hospede.

- Nunca vio gente? Accrescentou o pae, applaudindo o seu proprio dito.

Chamada assim ao sentimento da realidade, a menina recuperou a sua habitual serenidade e infantis exteriores.

Soltando uma estrepitosa gargalhada, que fez estremecer ao moço, como se sofresse um choque electrico, disse ella:

- Se nunca vi gente? ... Ora!

- Então como estás ahi com tantos luxos, Cocota? Anda, falla aqui com o Sr.

Anuviando o brilho de seus olhos e corando, a moça adiantou uns passos e estendeu a mão ao moço.

Este, machinalmente, fez o mesmo e foi vencido o principal obstaculo das paixões repentinas.

Em seguida, o moço, relancenado olhares de fogo á linda virgem, travou com os paes d'ella conversação sobre assumptos do lugar.

Ás 10 horas da manhã, hora em que o moço retirou-se, houve entre dono da casa e o viajante, o seguinte dialogo.

Fique certo que a minha casa é tambem sua: disponha d'ella. Nunca passe por aqui sem dar-nos o goito de sua visita.

- Obrigadissimo. Sempre que fôr possivel, com muito prazer abusarei do seu offerecimento.

E, dizendo isso, o moço volveu á menina um olhar expressivo, que parecia dizer: Virei por ti.

- Abusará, não , senhor; emendo a palavra. Nós, os habitantes do campo, nunca fallamos d'um modo differente do que pensamos. Creia que immensa alegria teremos sempre que o senhor se dignar de honrar essa nossa casa.

- Acredito e de novo agradeço-lhe: aprova de que não minto dar-lhe-ei voltando na proxima semana a ter com as pessoas tão benevolas para com aquelles a quem não conhecem.

O contentamento irradiou no semblante de Maria, que fez um ligeiro signal com a cabeça, como que agradecendo a promessa de quem levava-lhe o coração.

Pertubado com este incidente, o moço gaguejou algumas escusas para retirar-se sem demora, despedio-se de todos com lagrimas nos olhos e desapareceu dentro em pouco.

VI

Seis longos dias passáram-se para Maria e raiou enfim o domingo.

Creio que é Chateaubriand quem diz que até o boi conhece o domingo.

É esta uma verdade incontestavel.

Nas proprias roças onde nada ha de extraordinario n'elle, nas proprias roças sente-se uma alegria interna, um desejo inexprimivel de gozar, um não sei que que arrebatava o homem a um outro mundo, existente só na sua imaginação.

Era por isso que, de ordinario, no dia pelo Senhor consagrado ao descanso, Maria despertava mais cedo, tinha mais transportes de jubilo e recolhia-se mais tarde ao leito.

D'esta vez porém não fez o que costumava fazer na sua digressão matutina.

Se sahio de casa, foi apenas com o intento de dissimular aos seus paes o tédio de que se achava possuida por tudo quanto a rodeiava.

Desde que perdêra de vista o desconhecido, fôra o seu coração invadido por acerba tristeza.

Vivia n'um mal-estar constante; se ainda tinha impetos prazenteiros, era porque a precaução assim o exigia: não que o seu coração sentisse o menor prazer.

Não mais arremedava os passaros, nem a clara agua das cachoeiras tinha a ventura de receber em seu seio o crystallino corpo da gentil menina.

Em vez de galgar aos saltos o outeiro d'onde via erguer-se o sol, como de costume, subia-o indolentemente e, estendendo o delicado corpo, repousava o rosto na palma da mão.

Profundas seimas occupavam-lhe então o pensamento e já o sol ia alto, quando ella dava accordo de si.

Então, sacudindo a cabeça, como para repellir as idéas que incommodavam-na, erguia-se lesta, como o amante que, proximo á hora determinada, recorda-se da entrevista promettida.

Com o passo ligeiro dirigia-se para casa, e só quando perguntavam-lhe porque não cantava mais, suspirava as cantigas que n'outro tempo tão contente entoava.

No supracitado domingo assim porém não aconteceu.

Erguendo-se ás 7 horas da manhã, segundo o seu novo habito, ia arrastando-se com passo tardo, quando de subito ergueu a cabeça e sentio um estremecimento geral, em todo o corpo, ouvindo o estúpido das patas de um cavallo.

Ficou parada observando todos os pontos e bem depressa descubrio ao longe um cavalleiro, que vinha coim notavel celeridade.

Seria elle?

Elle, a causa unica de suas penas?

Não tardou ter certeza de que não a enganára o coração; da distancia em que se achava, o viajante fazia-lhe signal com a mão para que o esperasse.

E ella esperou.

Em poucos momentos víram-se os dois face a face e ambos ficáram silenciosos durante alguns minutos.

De repente a donzella disse:

- Até que emfim...

- Tamanho interesse lhe inspiro eu?

Corou a moça e não respondeu.

- Pois não sabia que eu voltava?

- Sabia; mas não o esperava.

- Era-me impossivel não voltar, replicou o moço; para quem vê os seus olhos uma vez, figir-lhes é morrer.

- Então o senhor gosta de mim?

- Muito... muito, gentil menina.

- Será verdade? Proferio Maria, com uma voz tão triste, tão maviosa, que afugentaria a mentira, se por ventura alli estivesse.

- Eu o juro por Deos; és a pura verdade.

- E eu tambem gosto muito do senhor.

- Oh! Então somos felizes. Quer casar-se commigo?

- Casar?

- Sim; o que tem?

- Mas se eu não sei o que é isso...

- Eu lhe digo: casar-se é jurar na igreja o homem á mulher e a mulher ao homem que sempre hão de estimar-se e acompanhar um ao outro, que gozarão e soffrerão

juntos, que hão de ser emfim como se não fossem ambos mais do que uma só pessoa.
Quer?

- Assim quero; mas primeiro ha de fallar com Papae e Mamãe.

- Pois sim, quando quizer.

Vamos agora.

Apeando-se, o moço collocou-se a par da moça e juntos tomáram a direcção da casa dos paes d'esta.

VII

Ao aproximarem-se á porta, n'esta surgio o pae de Maria.

- Oh! Por cá? Exclamou. Como foi de viagem?

- Bem, excellentemente. Da saúde de todos os seus já informou-me sua filha.

- Deus lhe pague tamanho interesse por nós.

- Se alguma cousa merecesse, a unica que cobiço só o Sr. Me poderia dar.

- Então conte com ella.

- Agradecido.

- Ai! Que me lembrava que o Sr. estava de pé e fóra; faça o favor de entrar.

- Pois não.

E entráram todos.

Após os usuaes cumprimentos á dona da casa, que estava na sala, assentou-se o desconhecido, bem como todos os presentes.

Por singular casualidade achou-se Maria sentada em frente d'elle.

- Ainda que mal pergunte, disse Roberto Dias (o pae de Maria), quem é o senhor? Creio que as relações que temos já nos permitem indagarmos quem somos.

- Por certo. Chamo-me Emilio da Fonseca, sou filho de um negociante de Macahé e vim a S. Francisco de Paula tratar de um negocio seu. Occupo na casa d'elle o lugar de guarda-livros, que dá-me para viver folgadoamente. Uma unica coisa me faltava para gozar uma felicidade completa e esta acabo de encontrar.

- Não sabe quanto estimo: queira Deus que nunca o senhor a perca.

- Se perdel-a, perderei a vida.

- Tanto o senhor a estima?

- Mais ainda do que póde suppôr.

- E será indiscrição perguntar-lhe qual será o objecto do seu culto?

- Não; pois é o senhor quem dispõe d'elle.

- Diga, que se puder dar-lh'o...

O moço hesitou em fallar.

Encarrou fixamente a formosa virgem alguns segundos, como consultando-a, e vendo tingir-se as faces d'ella com as côres do pudor, mas nada dizer-lhe na linguagem muda dos signaes, proferio afinal estas palavras, arbitras do seu destino:

O que me faltava, Sr., era a vida intima da familia; uma mulher de quem, idolatrando-a, e eu fosse idolatrado; uma mulher que com suas caricias mitigasse o cansaço das horas de labor, me fizesse olvidar os dissabores que soffresse; uma mulher que transformasse n'um paraíso o meu deserto e tétrico lar. Debalde procurei-a em toda a cidade: a minha razão e o meu coração me diziam que seguisse outro rumo. Tal era o estado de minha alma, quando fui constringido a esta subita viagem, que me proporcionou o que eu anhelava. N'ella encontrei uma donzella linda e pura como a Virgem, de quem tem o nome, graciosa e encantadora como a mais sublime das creações de Raphael; amei-a subitamente, desde logo, com um amor sincero, casto e sem limites, com um amor digno do objecto do meu culto. Sabeis, senhor, quem é esse ente, que vai decidir da minha felicidade?

- Diga.

- É vossa filha e eu vol-a peço em casamento.

Seguiu-se um longo e profundo silencio, interrompido apenas pelo longinquo rumor das cachoeiras e pelo sussurro do vento nas folhas do arvorêdo.

Maria e Emilio sentiam o seu coração saltar-lhes precipitadamente nos vulcanicos peitos e encaravam os donos da casa.

Estes trocavam olhares, visto não se poderem fallar livremente.

De subito Roberto Dias voltou-se para a moça e perguntou-lhe:

- É de seu agrado, Cocota?

- Sim, Sr.

Roberto e sua mulher observáram-se e proferíram a um tempo:

- Cumpra-se a vontade de Deus.

Os bons dos roceiros eram fatalistas.

VIII

O que se passou depois d'esta conversação entre as quatro pessoas presentes.

O que disséram, o que combináram ellas?

Eis o que não podemos dizer.

Mas quando no dia seguinte, pelas 8 horas da manhã, Emilio retirou-se, foi seu companheiro de viagem Roberto Dias.

Era seu fim secreto, soubemol-o depois, verificar o que lhe affirmára o mancebo.

Ah! Se todos os paes fizessem isso não veríamos pelo matrimonio victimadas milhares de ingenuas creaturas, que se deixam sómente guiar pelo coração.

Não veríamos o homem extravagante dissipando os ganhos, enquanto a familia languie na miseria; não veríamos o infortunio á cabeceira da maior parte dos thálamos nupciaes.

Entretanto... apressemos o desfecho d'esta pequena historia.

Reconhecendo a evidencia do que lhe dissera o moço, ratificou Roberto a sua resposta e decidiram que o consorcio deveria effectuar-se na cidade, dentro de um mez.

IX

Chegára finalmente a véspera do triste dia em que a linda virgem tinha de deixar a casa paterna, isto é, de mudar-se para a cidade.

Estava resolvido que os seus paes acompanhal-a-hião a Macahé e que ahi estariam um mez na companhia d'ella.

Depois intentavam voltar e continuar no seu trabalho de lavoura, até que, liquidando o que possuíam, pudessem vir morar coma querida filha.

Que dia de tristeza foi esse para Maria!

Ao despontar da aurora, deixou ella a cama e do seu antigo observatorio foi assistir ao nascimento do sol.

Tinha tirado esse dia para reproduzir as scenas da sua vida passada.

A alegria porém abandonára-a; por tudo o que fazia, em toda a parte, lagrimas silenciosas brilhavam por instantes nos seus fulgorosos olhos e cahiam, como as gottas do orvalho que baloiçam-se nas folhas das arvores.

Uma dôr intima a dominava; nem o amor, cada vez mais intenso, que nutria, tinha poder bastante para sobrepujar-lhe o sentimento.

É assim o coração humano: o prazer e o pezar n'elle dominam á porfia.

Á tarde, Maria andou de porta em porta despedindo-se dos seus vizinhos, que lhe queriam tanto como aos seus proprios parentes e que chamavam-na, possuidos de singelo pasmo, - o anjo da solidão.

Chegou alfim a noite e o somno adormeceu as maguas da pobre moça. 303

X

No dia seguinte, banhada em pranto e soluçando, deixou ella o seu berço, o lugar onde por tanto tempo gozou de uma felicidade que só podia ser excedida pela celeste.

Dois dias depois celebrou-se na Matriz de Macahé o consorcio de Maria e Emilio.

Que vida passará o candido lyrio do valle solitario transplantado para os jardins tulmutuosos da cidade?

Só Deus e ella o sabem.

L. L. Fernandes Pinheiro Junior.

Muitos Anos Depois

CAPÍTULO PRIMEIRO

Tinha vinte e sete anos o Padre Flávio, quando começou a carreira de pregador para a qual se sentia arrastado por uma vocação irresistível. Teve a felicidade de ver começada a sua reputação desde as primeiras prédicas, que eram ouvidas com entusiasmo por homens e mulheres. Alguns inimigos que a fortuna lhe dera por confirmação do seu mérito, diziam que a eloquência do padre era insossa e fria. É pena dizer que esses adversários do padre vinham da sacristia, e não da rua.

Bem pode ser que entre os admiradores do Padre Flávio alguns fossem mais entusiastas das suas graças que dos seus talentos — para ser justo, gostavam de ouvir a palavra divina proferida por uma graciosa boca. Efetivamente o Padre Flávio era uma soberba figura; a sua cabeça tinha uma forma escultural. Se a imagem não ofende os ouvidos católicos, direi que parecia Apolo convertido ao Evangelho. Tinha magníficos cabelos pretos, olhos da mesma cor, nariz reto, lábios finos, a testa lisa e polida. O olhar ainda que sereno, tinha uma expressão de severidade, mas sem afetação. Aliavam-se naquele rosto a graça profana e a austeridade religiosa, como duas coisas irmãs, dignas igualmente da contemplação divina.

O que o Padre Flávio era no aspecto, era-o também no caráter. Pode-se dizer que era cristão e pagão ao mesmo tempo. A sua biblioteca constava de três grandes estantes. Numa estavam os livros religiosos, os tratados de teologia, as obras de moral cristã, os anais da Igreja, os escritos dos Jerônimos, dos Bossuets e dos Apóstolos. A outra continha os produtos do pensamento pagão, os poetas e os filósofos das eras mitológicas, as obras de Platão, de Homero, de Epíteto e Virgílio. Na terceira estante estavam as obras profanas que não se ligavam essencialmente àquelas duas classes, e com que ele se deleitava nas horas vagas que lhe deixavam as outras duas. Na classificação dos seus livros, o Padre Flávio viu-se algumas vezes perplexo; mas resolvera a dificuldade de um modo engenhoso. O poeta Chénier, em vez de ocupar a terceira estante, foi colocado na classe do paganismo, entre Homero e Tíbulo. Quanto ao Telêmaco de Fénelon, resolveu o padre deixá-lo sobre a mesa de trabalho; era um arcebispo católico que falava do filho de Ulisses; exprimia de algum modo a feição intelectual do Padre Flávio.

Seria puerilidade supor que o Padre Flávio, consorciando assim os escritos de duas inspirações opostas, fizesse dos dois cultos um só, e abraçasse do mesmo modo os deuses do templo antigo e as imagens da Igreja cristã. A religião católica era a da sua fé, ardente, profunda, inabalável; o paganismo representava a sua religião literária. Se encontrava no discurso da montanha consolações para a consciência, tinha nas páginas de Homero deliciosos prazeres ao seu espírito. Não confundia as odes de Anacreonte com o Cântico dos cânticos, mas sabia ler cada livro, a seu tempo, e tinha para si (coisa que mesma lhe perdoara o Padre Vilela) que entre as duas obras havia alguns pontos de contato.

CAPÍTULO II

O Padre Vilela que entrou por incidente no período acima, tinha uma grande parte na vida do Padre Flávio. Se este abraçara a vida religiosa foi por conselho e direção do Padre Vilela, e em boa hora o fez porque, dos seus contemporâneos, nenhum honrou melhor o hábito sagrado.

Educado pelo Padre Vilela, Flávio achou-se aos dezoito anos com todos os conhecimentos que podiam prepará-lo para as funções religiosas. Contudo estava resolvido a seguir outra carreira, e tinha já em vista o curso jurídico. O Padre Vilela esperava que o moço escolhesse livremente a profissão, não querendo comprar mediante uma condescendência de rapaz o futuro arrependimento. Uma circunstância que interessa à história fez com que Flávio abraçasse a profissão sacerdotal a que já o dispunham, não somente a instrução do espírito, mas também a severidade dos costumes.

Quando num dia de manhã, à mesa do almoço, Flávio declarou ao padre que queria servir à Igreja, este que era sincero servidor dela, sentiu imenso júbilo e abraçou o moço com efusão.

— Eu não podia pedir, disse Vilela, melhor profissão para o meu filho.

O nome de filho era o que lhe dava o padre e com razão lhe dava, porque se Flávio não lhe devia o ser, devia-lhe a criação e a educação.

Vilela fora muitos anos antes vigário em uma cidade de Minas Gerais; e aí conhecera um lindo menino que uma pobre mulher educava como podia.

— É seu filho? perguntou-lhe o padre.

— Não, reverendíssimo, não é meu filho.

— Nem afilhado?

— Nem afilhado.

— Nem parente?

— Nem parente.

O padre não perguntou mais nada, suspeitando que a mulher ocultava coisa que não podia dizer. Ou fosse por essa circunstância, ou porque o menino lhe inspirava simpatia, o fato é que o padre não perdeu de vista aquela pobre família composta de duas pessoas. Naturalmente caridoso, não poucas vezes o padre ajudava a mulher nas necessidades de sua vida. A maledicência não deixou de abocanhar a reputação do padre com respeito à proteção que dava à mulher. Mas ele tinha uma filosofia singular: olhava por cima do ombro os caprichos da opinião.

Como o menino já tivesse oito anos, e não soubesse ler, quis o Padre Vilela começar a educação dele e a mulher agradecida aceitou os obséquios do padre. A primeira coisa que o mestre admirou no discípulo foi a docilidade com que ele ouvia as lições e afincou e zelo com que as estudava. É natural da criança preferir os brincos aos labores do estudo. O menino Flávio fazia do aprender uma regra e do brincar uma exceção, isto é, primeiro decorava as lições que o mestre lhe dava, e só depois de as ter sabidas é que se ia divertir com os outros rapazes seus companheiros.

Com este merecimento, tinha o menino outro ainda maior, era o de uma inteligência clara, e imediata compreensão, de maneira que ia entrando nos estudos com pasmosa rapidez e inteira satisfação do mestre.

Um dia, adoeceu a mulher, e foi caso de verdadeira aflição para as duas criaturas a quem ela mais estimava, o padre e o pequeno. Agravou-se a moléstia a ponto de ser necessário aplicarem-se os sacramentos. Flávio, já então de doze anos, chorava que fazia dó. A mulher expirou beijando o menino:

— Adeus, Flávio, disse ela, não te esqueças de mim.

— Minha mãe! exclamou o pequeno abraçando a mulher.

Mas ela já o não podia ouvir.

Vilela pôs-lhe a mão sobre o coração, e voltando-se para Flávio disse:

— Está com Deus.

Não tendo ninguém mais neste mundo, o menino ficara à mercê do acaso, se não fosse Vilela que imediatamente o levou consigo. Como já havia intimidade entre os

dois, não foi difícil ao pequeno a mudança; contudo nunca se lhe varria da memória a idéia da mulher que ele, não só chamava mãe, como até a tinha por isso, visto que não conhecera outra.

A mulher, na véspera de morrer, mandou pedir ao padre Ihe viesse falar. Quando ele chegou, mandou sair o pequeno e disse-lhe:

— Vou morrer, e não sei o que há de ser de Flávio. Não ousou pedir-lhe, reverendíssimo, que o tome para si; mas quisera que fizesse alguma coisa por ele, que o recomende a algum colégio da caridade.

— Descanse, respondeu Vilela; eu me incumbo do rapaz.

A mulher olhou agradecida para ele.

Depois fazendo um esforço tirou debaixo do travesseiro uma carta lacrada e entregou-a ao padre.

— Esta carta, disse ela, foi-me entregue com este menino; é escrita por sua mãe; tive ordem de lhe entregar quando ele completasse vinte e cinco anos. Não quis Deus que eu tivesse o gosto de cumprir a recomendação. Quer V. Revm^a. incumbir-se dela?

O padre pegou na carta, leu o sobrescrito que dizia assim: A meu filho. Prometeu entregar a carta no prazo indicado.

CAPÍTULO III

Flávio não desmentiu as esperanças do padre. Os seus progressos eram espantosos. Teologia, história, filosofia, línguas, literatura, tudo isso estudou o rapaz com pasmosa atividade e zelo. Não tardou que excedesse ao mestre, porquanto este era apenas uma inteligência medíocre e Flávio possuía um talento superior.

Como boa alma que era, o velho mestre tinha orgulho na superioridade do discípulo. Conhecia perfeitamente que, de certo tempo em diante, os papéis estavam trocados: era ele quem teria de aprender com o outro. Mas a própria inferioridade fazia a sua glória.

— Os olhos que descobrem um brilhante, dizia o padre consigo, não fulgem mais que ele, mas alegram-se com tê-lo achado e dado ao mundo.

Não vem ao caso referir os sucessos que deslocaram o padre da sua freguesia em Minas para a corte. Veio o padre residir aqui quando Flávio contava já dezessete anos. Tinha alguma coisa de seu e podia viver independente, em companhia de seu filho

espiritual, única família sua, mas quanto bastava aos afetos do seu coração e aos hábitos intelectuais.

Flávio já não era então o pobre menino de Minas. Era um elegante rapaz, belo de feições, delicado e severo de maneiras. A educação que tivera em companhia do padre dera-lhe uma gravidade que realçava a pureza de suas feições e a graça do seu gesto. Mas por cima de tudo isso havia um véu de melancolia que tinha duas causas: o próprio caráter dele, e a lembrança incessante da mulher que o criara.

Vivendo em casa do padre, com a subsistência que permitiam as posses deste, instruído, admirado, cheio de esperanças e de futuro, Flávio recordava sempre a vida de pobreza que tivera em Minas, os sacrifícios que a boa mulher fizera por ele, as lágrimas que algumas vezes derramaram juntos quando chegava a faltar-lhes o pão. Não esquecera nunca o amor que aquela mulher lhe consagrara até a morte, e o zelo extremo com que o tratara. Em vão procurara na memória alguma palavra mais ríspida da parte de sua mãe: só conservava a lembrança de afagos e amores.

Apontando aqui estas duas causas permanentes da sua melancolia, não quero exagerar o caráter do rapaz. Pelo contrário, Flávio era um conversador ameno e variado. Sorria freqüentemente, com ingenuidade, com satisfação. Gostava da discussão; a sua palavra era quase sempre animada; tinha entusiasmo na conversação. Havia nele uma feliz combinação de dois sentimentos, por modo que nem a melancolia o tornava enfadonho, nem a alegria insuportável.

Profundamente observador, o discípulo do Padre Vilela aprendeu cedo a ler estes livros que se chamam corações antes de os estimar e aplaudir. A sagacidade natural não estava ainda apurada pela experiência e pelo tempo. Aos dezoito anos julga-se mais pelo coração que pela reflexão. Nessa idade acontece sempre pintarmos um caráter com as cores dos nossos próprios afetos. Flávio não podia escapar absolutamente a esta lei comum, que uns dizem ser má e outros querem que seja excelente. Mas o moço ia-se pouco a pouco acostumando ao trato dos homens; a vida retirada que vivera desenvolveu-lhe o gosto da solidão. Quando começou a travar relações não contava uma só que lhe fosse imposta por nenhuma intimidade passada.

O Padre Vilela, que tinha por si a experiência da vida, gostava de ver no rapaz esse caráter temperado de entusiasmo e reserva, de confiança e receio. Parecia ao padre, em cujo espírito já rolava a idéia de ver o discípulo servo da Igreja, que o resultado daquilo seria distanciar-se o rapaz do século e aproximar-se do sacerdócio.

Mas o Padre Vilela não contava com esta crise necessária da juventude chamada amor, que o rapaz não conhecia também a não ser pelos livros do seu gabinete.

Quem sabe? Talvez esses livros lhe fizessem mal. Acostumado a ver o amor, com a lente da fantasia, deleitando-se com as sensações poéticas, com as criações ideais, com a vida da imaginação, Flávio não tinha a menor idéia da coisa prática tanto se absorvia na contemplação da coisa ideal.

Semelhante ao homem que só houvesse vivido no meio de figuras esculpidas em mármore, e que supusesse nos homens o original completo das cópias artísticas, Flávio povoava a sua imaginação de Ofélias e Marílias, ansiava por encontrá-las, amava-as antecipadamente, em solitárias chamas. Como era natural, o moço exigia mais do que poderia dar a natureza humana.

Foi então que se produziu a circunstância que lhe abriu mais depressa as portas da Igreja.

CAPÍTULO IV

Não é preciso dizer de que natureza foi a circunstância; os leitores já o terão adivinhado.

Flávio fazia poucas visitas e não conhecia gente. Ia de quando em quando a duas ou três casas de família onde o padre o apresentara e aí passava algumas horas que no dizer das pessoas da casa eram minutos. A hipérbole era sincera; Flávio possuía o dom de conversar bem, sem demasia nem parcimônia, equilibrando-se entre o que era fútil e o que era pesado.

Uma das casas a que ia era a de uma D. Margarida, viúva de um advogado que enriquecera no foro e deixara à família boa e larga riqueza. A viúva tinha duas filhas, uma de dezoito anos, e outra de doze. A de doze era uma criança querendo ser moça, um lindo prefácio de mulher. Qual seria o livro? Flávio não fez nem respondeu a esta pergunta.

A que desde logo lhe chamou a atenção foi a mais velha, criatura que lhe aparecia com todos os encantos imaginados por ele. Chamava-se Laura; estava no pleno desenvolvimento da mocidade. Era diabolicamente bela; o termo será impróprio, mas exprime perfeitamente a verdade. Era alta, bem formada, mais imponente que delicada,

mais soberana que graciosa. Adivinhava-se-lhe um caráter imperioso; era dessas mulheres que, emendando a natureza, que as não fez nascer no trono, fazem-se rainhas por si mesmas. Outras possuem a força da fraqueza; Laura não. Seus lábios não eram feitos para a súplica, nem seus olhos para a meiguice. Lhe fosse preciso adquirir uma coroa — quem sabe? — Laura seria lady Macbeth.

Semelhante caráter sem a beleza, seria quase inofensivo. Laura era formosa, e sabia que o era. Sua beleza era dessas que arrastam logo a primeira vista.

Possuía os mais belos olhos do mundo, grandes e negros, olhos que despendiam luz e nadavam em fogo. Os cabelos, igualmente negros e abundantes, trazia-os penteados com arte especial, por modo que lhe dessem à cabeça uma espécie de diadema. Coroavam assim uma testa branca, larga, inteligente. A boca, se o desdém não existisse, inventava-o certamente. Toda a figura tinha uma expressão de desdenhosa gravidade.

Lembrara-se Flávio de ficar namorado daquela Semíramis burguesa. Como o seu coração era ainda virgem, caiu logo do primeiro golpe, e não tardou que a serenidade da sua vida se transformasse em tempestade desfeita. Tempestade é o verdadeiro nome, porque à medida que os dias iam passando, o amor crescia, e crescia o receio de se ver repellido ou talvez menoscabado.

Flávio não tinha ânimo de se declarar à moça, e esta parecia estar longe de lhe adivinhar os sentimentos. Não estava longe; adivinhara-o logo. Mas o mais que o seu orgulho concedeu ao mísero amador foi perdoar-lhe a paixão. No rosto nunca se lhe traiu o que sentia. Quando Flávio olhava para ela, embebido e esquecido do resto do universo, Laura sabia tão bem disfarçar que nunca traía a sua sagacidade.

Vilela reparou na tristeza do rapaz; mas como ele não lhe dizia nada, teve a prudência de lhe não perguntar por isso. Imaginou que seriam amores; e como desejava vê-lo no sacerdócio, a descoberta não deixou de o aborrecer. Havia porém uma coisa pior do que não ser sacerdote, era ser infeliz, ou ter empregado mal o fogo do seu coração. Vilela pensou nisto e mais aborrecido ainda ficou. Flávio andava cada vez mais melancólico e até lhe pareceu que emagrecia, donde o bom padre concluiu logicamente que devia ser paixão incurável, atentas as relações íntimas em que estão a magreza e o amor, na teoria romântica.

Vendo aquilo, e prevendo que o resultado podia ser funesto ao seu amigo, Vilela

estabeleceu de si para si um prazo de quinze dias, findo os quais, se Flávio não lhe fizesse confissão voluntária do que sentia, ele lha arrancaria à força.

CAPÍTULO V

Daí a oito dias teve ele a ventura infável de ouvir da própria boca de Flávio que queria seguir a carreira sacerdotal. O rapaz dizia aquilo com tristeza, mas resolutivo. Vilela recebeu a notícia como eu tive já ocasião e dizer aos leitores, e tudo se preparou para que o neófito fizesse as primeiras provas. Flávio resolvera adotar a vida eclesiástica depois que da própria Laura teve o desengano. Repare a leitora que eu não digo ouviu, mas teve. Flávio não ouviu nada. Laura não lhe falou quando ele timidamente confessou que a adorava. Seria uma concessão. Laura não fazia concessões. Olhou para ele, ergueu a ponta do lábio e começou a contar as varetas do leque. Flávio insistiu; ela retirou-se com um ar tão frio e desdenhoso, mas sem um gesto, sem nada mais que indicasse a menor impressão, ainda que fora de ofensa. Era mais que despedi-lo, era esmagá-lo. Flávio curvou a cabeça e saiu.

Agora saltemos a pés juntos alguns pares de anos e vamos encontrar o Padre Flávio no princípio da sua carreira, tendo justamente pregado o seu primeiro sermão. Vilela não cabia em si de contente; os cumprimentos que Flávio recebia era como se ele os recebesse; revia-se na sua obra; aplaudia-se no talento do rapaz.

— Minha opinião, reverendo — dizia-lhe ele um dia ao almoço, — é que irás longe...

— À China? perguntou sorrindo o outro.

— Longe é para cima; replicou Vilela; quero dizer que hás de subir, e que ainda terei o gosto de te ver bispo. Não tens ambições?

— Uma.

— Qual?

— A de viver sossegado.

Esta disposição não agradava muito ao reverendo padre Vilela, que, sendo pessoalmente despido de ambições, desejava para o seu filho espiritual um elevado lugar na hierarquia da Igreja. Não quis porém combater o desprendimento do rapaz e limitou-se a dizer que não conhecia ninguém mais apto para ocupar uma sede episcopal.

No meio dos seus encômios foi interrompido por uma visita; era um rapaz quase da mesma idade do Padre Flávio e seu antigo companheiro de estudos. Atualmente tinha um emprego público, era alferes porta-bandeira de um batalhão da Guarda Nacional. A estas duas qualidades juntava a de ser filho de um negociante de grosso trato, o Sr. João Ayres de Lima, de cujos sentimentos políticos dissentia radicalmente, visto que estivera no ano anterior com os revolucionários de 7 de abril, enquanto que o pai era muito inclinado aos restauradores.

Henrique Ayres não fizera grande figura nos estudos; não fez sequer figura medíocre. Era doutor apenas, mas bom coração e rapaz de bons costumes. O pai quisera casá-lo com a filha de um negociante seu amigo; mas Henrique tendo dado imprudentemente o coração à filha de um escrivão de agravos, opôs-se com todas as forças ao casamento. O pai, que era bom homem, não quis obrigar o coração do rapaz, e desistiu da empresa. Aconteceu então que a filha do negociante casou com outro e a filha do escrivão começou a dar corda a um segundo pretendente com quem veio a casar pouco tempo depois.

Estas particularidades são necessárias para explicar o grau de intimidade entre Henrique e Flávio. Foram eles naturalmente confidentes um do outro, e falaram (outrora) muito e muito dos seus amores e esperanças com a circunstância usual entre namorados que cada um deles era o ouvinte de si mesmo.

Os amores foram-se; a intimidade ficou. Apesar dela, desde que Flávio tomara ordens, e já antes nunca mais Henrique lhe falara de Laura, conquanto suspeitasse que a lembrança da moça não se lhe apagara no coração. Adivinhara até que a repulsa da moça o atirara ao sacerdócio.

Henrique Ayres foi recebido como um íntimo da casa. O Padre Vilela gostava dele, principalmente porque era amigo de Flávio. Além disso, Henrique Ayres era um rapaz alegre, e o Padre Vilela gostava de rir. Desta vez, entretanto, não vinha alegre o alferes. Trazia os olhos desvairados e a cara sombria. Era um rapaz bonito, elegantemente vestido à maneira do tempo.

Contava um ano menos que o Padre Flávio. Tinha o corpo muito direito, em parte porque a natureza o fizera assim, em parte porque andava, ainda à paisana, como se levasse a bandeira na mão. Vilela e Flávio perceberam logo que o recém-chegado tinha alguma coisa que o preocupava; nenhum deles, entretanto, o interrogou.

Trocaram-se algumas palavras friamente, até que Vilela, percebendo que Henrique Ayres desejaria conversar com o amigo, deixou a mesa e saiu.

CAPÍTULO VI

Henrique, apenas ficou só com Flávio, atirou-se-lhe aos braços e pediu que o salvasse.

— Salvar-te! exclamou Flávio. De quê?

Henrique sentou-se outra vez sem responder e pôs a cabeça nas mãos. O padre insistiu com ele para que dissesse o que havia, fosse o que fosse.

— Cometeste algum...

— Crime? sim, cometi um crime, respondeu Henrique; mas, descansa, não foi nenhum roubo nem morte; foi um crime que felizmente se pode reparar...

— Que foi então?

— Foi...

Henrique hesitou. Flávio instou para que confessasse tudo.

— Eu gostava muito de uma moça e ela de mim, disse enfim o alferes; meu pai que sabia do namoro, creio que o não desaprovava. O pai dela, entretanto, opunha-se ao nosso casamento... Noutro tempo tu já saberias destas coisas; mas agora, não me atrevi nunca a falar-te nisso.

— Continua.

— O pai opunha-se; e apesar da posição que meu pai ocupa, dizia à boca cheia que nunca me admitiria em sua casa. Efetivamente nunca lá entrei; falávamos poucas vezes, mas escrevíamos a miúdo. As coisas iam assim até que o ânimo do pai se voltasse a nosso favor. Uma circunstância, porém, ocorreu e foi o que me precipitou a um ato de loucura. O pai queria casá-la com um deputado que chegou há pouco do Norte. Ameaçados disso...

— Ela fugiu contigo, concluiu Flávio.

— É verdade, disse Henrique sem ousar encarar o amigo.

Flávio esteve algum tempo calado. Quando abriu a boca foi para censurar o ato de Henrique, lembrando-lhe o desgosto que iria causar a seus pais, não menos que à família da moça. Henrique ouviu silenciosamente as censuras do padre. Afirmou-lhe que estava disposto a tudo, mas que o seu maior desejo era evitar o escândalo.

Flávio pediu todas as informações precisas e dispôs-se a reparar o mal pelo melhor modo que pudesse. Soube que o pai da moça era um juiz da casa da suplicação. Saiu logo a dar os passos necessários. O intendente da polícia tinha já as informações do caso e corriam agentes seus em todas as direções. Flávio obteve o auxílio do Padre Vilela, e tudo andou tão a tempo e com tão boa feição, que antes das ave-marias as maiores dificuldades ficaram aplanadas. Foi o Padre Flávio quem teve o gosto de casar os dois jovens pássaros, depois do que dormiu em plena paz com a consciência.

Nunca o Padre Flávio tivera ocasião de freqüentar a casa do Sr. João Ayres de Lima, ou simplesmente do Sr. João Lima, que era o nome corrente. Andara entretanto em todo aquele negócio com tanto zelo e amor, mostrara tamanha gravidade e circunspeção, que o Sr. João Lima ficou morrendo por ele. Se perdoou ao filho foi unicamente por causa do padre.

— Henrique é um maroto, disse João Lima, que devia assentar praça, ou ir ali viver alguns meses no Aljube. Mas não podia escolher melhor advogado, e é por isso que eu lhe perdoei a tratantice.

— Verduras da mocidade, obtemperou o padre Flávio.

— Verduras, não, reverendo; loucuras é o verdadeiro nome. Se o pai da rapariga não queria dar-lhe, a dignidade, não menos que a moralidade, o obrigava a um procedimento diverso do que teve. Enfim, Deus lhe dê juízo!

— Há de dar, há de dar...

Conversavam assim os dois no dia seguinte ao do casamento de Henrique e Luísa, que era o nome da pequena. A cena passava-se na sala de visitas da casa de João Lima à Rua do Valongo, defronte de uma janela aberta, ambos sentados em cadeiras de braços de jacarandá, tendo de permeio uma mesa pequena com duas xícaras de café em cima.

João Lima era um homem sem cerimônias e muito fácil de criar amizade a alguém. Flávio pela sua parte era extremamente simpático. A amizade criou raízes dentro em pouco tempo. Vilela e Flávio freqüentavam a casa de João Lima, com quem moravam o filho e a nora na mais doce intimidade.

Doce intimidade é uma maneira de falar. A intimidade durou apenas alguns meses e não foi de toda a família. Uma pessoa havia em quem o casamento de Henrique produziu desagradável impressão; foi a mãe dele.

CAPÍTULO VII

Dona Mariana Lima era uma senhora agradável na conversa, mas única e simplesmente na conversa. O coração era esquisito; é o menos que se pode dizer. O espírito era caprichoso, voluntarioso e ambicioso. Ambicionava um casamento mais elevado para o filho. Os amores de Henrique e o seu imediato casamento foram um desastre para os planos de futuro.

Quer isto dizer que D. Mariana desde o primeiro dia começou a odiar a nora. Escondeu-o o mais que pôde, e só pôde esconder durante os primeiros meses. Afinal o ódio fez explosão. Foi impossível no fim de certo tempo viverem juntas. Henrique foi morar em casa sua. Não bastava à senhora D. Mariana odiar a nora e aborrecer o filho. Era-lhe preciso mais.

Soube e viu a parte que teve o Padre Flávio no casamento do filho, e não só o Padre Flávio como de algum modo o Padre Vilela. Naturalmente criou-lhes ódio. Não o manifestou entretanto logo. Ela era profundamente dissimulada; tratou de disfarçar o mais que pôde. Seu fim era expeli-los de casa.

Eu disse que D. Mariana era agradável na conversa. Era-o também na fisionomia. Ninguém diria que aquele rosto amável escondia um coração de ferro. Via-se que tinha sido formosa; ela mesma falava da sua beleza passada com um resto de orgulho. A primeira vez que o Padre Flávio a ouviu falar assim, teve má impressão. Notou-lhe D. Mariana e não se conteve que lhe não dissesse:

— Reprova-me?

O Padre Flávio conciliou seu amor à verdade com a consideração que devia à esposa do amigo.

— Minha senhora, murmurou ele, eu não tenho direito para tanto...

— Tanto vale dizer que me reprova.

Flávio calou-se.

— Cuido, entretanto, continuou a esposa de João Lima, que não me gabo de nenhum crime; ter sido bonita não é coisa que ofenda a Deus.

— Não é, disse gravemente o Padre Flávio; mas a austeridade cristã pede que não façamos caso nem tenhamos orgulho das nossas graças físicas. As próprias virtudes não nos devem ensoberbecer...

Flávio estacou. Reparou que estava presente João Lima e não quis continuar a

conversa por extremo desagradável. Mas o marido de D. Mariana nadava em contentamento. Interveio na conversa.

— Continue, padre, disse ele; isso não ofende e é justo. A minha santa Eva gosta de recordar o tempo da sua beleza; já lhe tenho dito que é melhor deixar o louvor aos outros; e ainda assim fechar os ouvidos.

D. Mariana não quis ouvir o resto; retirou-se da sala.

João Lima deitou a rir.

— Assim, padre! nunca as mãos lhe doam.

Flávio estava profundamente incomodado com o que se passara. Não queria de nenhum modo contribuir para um desaguisado de família. Demais, já percebera que a mãe de Henrique não gostava dele, mas não podia atinar com a causa. Fosse qual fosse, julgou prudente afastar-se da casa, e assim o disse ao padre Vilela.

— Não creio que tenhas razão, disse este.

— E eu creio que tenho, retorquiu o Padre Flávio; em todo caso nada perdemos em afastarmo-nos por algum tempo.

— Não, não me parece razoável, disse Vilela; que culpa tem João Lima nisto? Como explicar a nossa ausência?

— Mas...

— Demos tempo ao tempo, e se as coisas continuarem do mesmo modo.

Flávio aceitou o alvitre do seu velho amigo.

Costumavam eles passar quase todas as tardes em casa de João Lima, onde tomavam café e onde conversavam das coisas públicas ou praticavam de assuntos pessoais. Às vezes dava-lhe João Lima para ouvir filosofia, e nessas ocasiões era o Padre Flávio quem falava exclusivamente.

D. Mariana, desde a conversa que acima deixo referida, mostrara-se cada vez mais fria com os dois padres. Sobretudo com Flávio, as suas demonstrações eram mais positivas e solenes. João Lima não reparava em nada. Era um bom homem que não podia supor houvesse alguém a quem desagradassem os seus dois amigos. Um dia porém, ao saírem de lá, disse Flávio a Vilela:

— Não lhe parece que o João Lima está um pouco mudado hoje?

— Não.

— Creio que sim.

Vilela abanou a cabeça, e disse rindo:

- Andas visionário, Flávio!
- Não sou visionário; percebo as coisas.
- As coisas que ninguém percebe.
- Verá.
- Quando?
- Amanhã.
- Pois verei!

No dia seguinte houve um inconveniente que os impediu de ir à casa de João Lima. Foram em outro dia.

João Lima mostrou-se efetivamente frio com o Padre Flávio; com o Padre Vilela não alterou o seu modo. Vilela notou a diferença e deu razão ao amigo.

— Na verdade, disse ele ao saírem os dois do Valongo, onde morava João Lima, pareceu-me que o homem hoje não te tratou como de costume.

— Do mesmo modo que anteontem.

— Que haverá?

Flávio calou-se.

— Dize, insistiu Vilela.

— Que nos importa isso? disse o Padre Flávio depois de alguns instantes de silêncio. Gostou de mim algum tempo; hoje não gosta; não o censuro por isso, nem me queixo. É conveniente que nos acostumemos às variações do espírito e do coração. Pela minha parte não mudei a seu respeito; mas... Calou-se.

— Mas? perguntou Vilela.

— Mas não devo voltar lá.

— Ah!

— Sem dúvida. Acha bonito que frequente uma casa onde não sou bem aceito?

Seria afrontar o dono da casa.

— Bem; não iremos mais lá.

— Não iremos?

— Sim, não iremos.

— Mas por que razão há de Vossa Reverendíssima...

— Porque sim, disse resolutamente o Padre Vilela. Onde tu não fores recebido com prazer, eu não posso decentemente meter os pés.

Flávio agradeceu mais esta prova de afeição que lhe dava o seu velho amigo; e procurou demovê-lo do propósito em que se achava; mas foi em vão; Vilela persistia na resolução anunciada.

— Bem, disse Flávio, irei lá como dantes.

— Mas essa agora...

— Não quero privá-los da sua pessoa, padre-mestre.

Vilela procurou convencer ao amigo de que não devia ir se tinha escrúpulo nisso.

Flávio resistiu a todas as razões. O velho padre coçou a cabeça e depois de meditar algum tempo, disse.

— Pois bem, eu irei só.

— É o melhor acordo.

Vilela mentia; sua resolução era não ir mais lá, desde que o amigo não ia; mas ocultava esse plano, pois que era impossível fazê-lo aceitar por ele.

CAPÍTULO VIII

Decorreram três meses depois do que acabo de narrar. Nem Vilela nem Flávio voltaram à casa de João Lima; este foi uma vez à casa dos dois padres com a intenção de perguntar a Vilela porque razão deixara de o visitar. Achou-o só em casa; disse-lhe o motivo da sua visita. Vilela desculpou-se com o amigo.

— Flávio anda melancólico, disse; e eu que sou tão amigo dele, não o quero deixar só.

João Lima franziu o sobrolho.

— Anda melancólico? perguntou ele no fim de algum tempo.

— É verdade, continuou Vilela. Não sei que tem; pode ser moléstia; em todo o caso não o quero deixar só.

João Lima não insistiu e retirou-se.

Vilela ficou pensativo. Que quereria dizer o ar com que o negociante lhe falara a respeito da melancolia do amigo? Interrogou as suas reminiscências; conjecturou à larga; nada concluiu nem encontrou.

— Tolices! disse ele.

A idéia porém não lhe saiu mais do espírito. Tratava-se do homem a quem mais

amava; era razão para que o preocupasse. Dias e dias gastou em espreitar o misterioso motivo; mas nada alcançou. Zangado consigo mesmo, e preferindo a tudo a franqueza, Vilela resolveu ir diretamente a João Lima.

Era de manhã. Flávio estava a estudar no seu gabinete, quando Vilela lhe disse que ia sair.

— Deixa-me só com a minha carta?

— Que carta?

— A que me deu, a misteriosa carta de minha mãe.

— Vais abri-la?

— Hoje mesmo.

Vilela saiu.

Ao chegar à casa de João Lima ia este sair.

— Preciso falar-lhe, disse-lhe o padre. Vai sair?

— Vou.

— Tanto melhor.

— Que ar sério é este? perguntou Lima rindo.

— O negócio é sério.

Saíram.

Sabe o meu amigo que eu não tenho sossegado desde que desconfiei de uma coisa...

— De uma coisa!

— Sim, desde que desconfiei que o meu amigo tem alguma coisa contra o meu Flávio.

— Eu?

— O senhor.

Vilela olhou fixamente para João Lima; este baixou os olhos. Foram andando assim silenciosamente durante algum tempo. Era evidente que João Lima queria ocultar alguma coisa ao padre-mestre. O padre é que não estava disposto a que se lhe escondesse a verdade. Ao fim de um quarto de hora Vilela rompeu o silêncio.

— Vamos lá, disse ele; diga-me tudo.

— Tudo o quê?

Vilela fez um gesto de impaciência.

— Para que procura negar que há alguma coisa entre o senhor e o Flávio. É isso

que eu desejo saber. Sou amigo dele e seu pai espiritual; se ele errou desejo castigá-lo; se o erro é seu, peço licença ao senhor para castigá-lo.

— Falemos de outra coisa...

— Não; falemos disto.

— Pois bem, disse João Lima com resolução; dir-lhe-ei tudo, com uma condição.

— Qual?

— É que há de ocultar tudo a ele.

— Para quê, se merecer corrigi-lo?

— Porque é necessário. Não desejo que transpire nada desta conversa; é tão vergonhoso isto!...

— Vergonhoso!

— Desgraçadamente, é vergonhosíssimo.

— É impossível! exclamou Vilela não sem alguma indignação.

— Verá.

Seguiu-se um novo silêncio.

— Eu era amigo de Flávio e admirador das suas virtudes como dos seus talentos. Era capaz de jurar que nunca um pensamento infame lhe entraria no espírito...

— E então? perguntou Vilela trêmulo.

— E então, repetiu João Lima com placidez; esse pensamento infame entrou-lhe no espírito. Infame seria em qualquer outro; mas em quem traz vestes sacerdotais... Não respeitar nem o seu caráter, nem o estado alheio; cerrar os olhos aos laços sagrados do matrimônio...

Vilela interrompeu a João Lima exclamando:

— Está doido!

Mas João Lima não se molestou; referiu placidamente ao padre-mestre que o seu amigo ousara desrespeitar-lhe a esposa.

— É uma calúnia! exclamou Vilela.

— Perdão, disse João Lima, disse-me quem podia asseverar.

Vilela não era naturalmente manso; conteve-se a custo ao ouvir estas palavras do amigo. Não lhe foi difícil perceber a origem da calúnia: era a antipatia de D. Mariana. Admirou-se que descesse a tanto; no seu íntimo resolveu dizer tudo ao jovem sacerdote. Não deixou porém de observar a João Lima:

— Isso que me diz é impossível; houve certamente equívoco, ou... má vontade; acho que seria principalmente má vontade. Não hesito em responder por ele.

— Má vontade por quê? perguntou João Lima.

— Não sei; mas alguma havia em que eu já reparei ainda antes do que se deu ultimamente. Quer que seja inteiramente franco?

— Peço-lhe.

— Pois bem, todos temos defeitos; sua senhora, entre boas qualidades que possui, tem alguns e graves. Não se zangue se lhe falo assim; mas é preciso dizer tudo quando se trata de defender como eu a inocência de um amigo.

João Lima não dizia palavra. Ia cabisbaixo ouvindo as palavras do Padre Vilela.

Ele sentia que o padre não estava longe da verdade; conhecia a mulher, sabia por onde pecava o seu espírito.

— Eu creio, disse o Padre Vilela, que o casamento de seu filho influiu na desafeição de sua esposa.

— Por quê?

— Talvez não fosse muito do agrado dela, e ao Flávio se deve o bom desfecho que teve aquele negócio. Que lhe parece?

Não respondeu o interlocutor. As palavras de Vilela trouxeram-lhe à memória algumas que ouvira à mulher em desabono do Padre Flávio. Era bom e fraco; arrependia-se facilmente. O tom decisivo com que falou Vilela profundamente o abalou. Não tardou que ele mesmo dissesse:

— Não desconheço que é possível um equívoco; o espírito suscetível de Mariana podia errar, era mais natural que ela se esquecesse de que tem um resto das suas graças para só se lembrar de que é uma matrona... Perdão, falo-lhe como amigo; releve-me estas expansões em tal assunto.

Vilela dirigiu a João Lima no caminho em que entrava. No fim de uma hora estavam quase de acordo. João Lima encaminhou-se para casa acompanhado de Vilela; iam já então calados e pensativos.

CAPÍTULO IX

Ao chegarem à porta quis Vilela retirar-se. Souberam porém que Flávio estava

em cima. Os dois olharam um para o outro, Vilela atônito, João Lima furo de cólera. Subiram. Na sala estavam D. Mariana e o Padre Flávio; ambos de pé, em frente um do outro, Mariana com as mãos de Flávio entre as suas. Os dois estacaram à porta. Seguiu-se um longo e profundo silêncio.

— Meu filho! meu amigo! exclamou Vilela dando um passo para o grupo.

D. Mariana tinha soltado as mãos do jovem sacerdote e deixara-se cair numa cadeira; Flávio tinha os olhos baixos.

João Lima adiantou-se calado. Parou em frente de Flávio e encarou-o friamente. O padre ergueu os olhos; havia neles uma grande dignidade.

— Senhor, disse Lima.

D. Mariana levantou-se da cadeira e atirou-se aos pés do esposo.

— Perdão! exclamou ela.

João Lima empurrou-a com um braço.

— Perdão; é meu filho!

Eu deixo ao leitor imaginar a impressão deste lance de quinto ato de melodrama.

João Lima esteve cerca de dez minutos sem poder articular palavra. Vilela olhava espantado para todos. Enfim rompeu a palavra o negociante. Era natural pedir uma explicação; pediu-a; foi-lhe dada. João Lima exprimiu toda a sua cólera contra Mariana.

Flávio lastimara do fundo d'alma a fatalidade que o levou a produzir aquela situação. No delírio de conhecer sua mãe, não se lembrara de mais nada; apenas leu a carta que lhe fora entregue pelo Padre Vilela, correrá à casa de D. Mariana. Ali tudo se explicara; Flávio preparava-se para sair e não voltar ali mais se fosse preciso, e em todo caso não divulgar o segredo nem ao Padre Vilela, quando este e João Lima os surpreenderam.

Tudo estava perdido.

D. Mariana recolheu-se ao Convento da Ajuda onde faleceu no tempo da guerra de Rosas. O Padre Flávio obteve uma vigaria no interior de Minas, onde veio a falecer de tristeza e saudade. Vilela quis acompanhá-lo, mas o jovem amigo não o consentiu.

— De tudo o que me poderias pedir, disse Vilela, é isso o que mais me dói.

— Paciência! respondeu Flávio; eu preciso da solidão.

— Tê-la-ás?

— Sim; preciso da solidão para meditar nas conseqüências que o erro de um pode trazer a muitas existências.

Tal é a moralidade desta triste história.

Lara

A VIRTUDE LAUREADA

NARRATIVA FAMILIAR.

(Danificado)

- Pois não enriqueceu como qualquer pessoa? perguntei eu.

- Não minha filha, tornou-me ella, outrem em lugar de Rodrigues, ou melhor de sua mulher, houvera desgraçado o sr. Rafeli, que hoje vês tão relacionado a elles.

- Como assim? perguntei cheia de curiosidade.

- A origem d'essa riqueza é a historia um tanto loga e que não posso contar-lhe hoje porque já é tarde, mas fa-lo-hei amanhã quando nos sentarmos para coser.

- Tão grande foi a curiosidade q despertaram em mim essas palavras que parecia-me interminavel o pequeno espaço de tempo que tinha de decorrer até o dia immediato.

Na manhã seguinte, puz-me de pé logo ao alvorecer, e cobiçando a historia promettida, nunca fôra tão solícita em ajudar minha mãe no arranjo domestico como n'esse dia.

Depois de muita anciedade minha, soou em fim suspirada, e logo que vi minha mãe em acto de coser, disse-lhe sofregamente:

- Não se esqueça da promessa q me fez hontem relativamente á historia da familia Rodrigues.

- Não a esqueci; mas quando isso tivesse acontecido, bastaria que m'ò lembrasses para que o promettido. Vou começar, escuta com attenção, e nunca a esqueças:

- No anno de 1850 viviam na cidade de Nice, e em casas con iguas duas familias; uma era a do sr. Rafeli, n'esse tempo administrador de uma grande manufactura de tecidos de lã, e a outra a de Rodrigues, então pobre caixeiro d'uma casa importadora.

Cada uma d'essas familias tinha uma filha que frequentava o mesmo collegio. Tão grande foi a amisade que ligou as duas meninas, que, embora as familias não se dessem, não passavam um dia, mesmo depois d'acabados seus estudos, que se não avistassem.

Assim decorreram muitos annos sem que nenhum acontecimento notavel viesse perturbar a serenidade d`essa vida, annuviada apenas pela pobreza em que viviam os pais d`Augusta.

Uma noite porém vio d. Helena Rodrigues entrar sua filha, que fôra visitar a amiga, banhada em lagrimas e atirar-se-lhe nos braços exclamando: que desgraça minha mãe! que desgraça!!

- O que foi minha filha, perguntou-lhe a mãe aterrada?!

- O pai de Eugenia, disse Augusta chorando, perdeu esta manhã um embrulho contendo vinte mil francos, que devem remetter impreterivelmente amanhã ao dono da manufactura. A pobre familia está angustiada; porque elle já esgotou todos os meios possiveis para achar esse dinheiro, e falla em suicidar-se se a não achar até amanhã, pois teme q parem suspeitas sobre sua honra, não se acreditando na veracidade d`essa perda.

Feliz de quem o achou, disse Rodrigues desviando os olhos de Augusta.

A menina arrancou-se dos braços da mãe e olhou para elle estupefacta, sendo a primeira vez que lhe ouvia essa linguagem.

Rodrigues! exclamou Helena que pessima moral pregas á nossa filha! Achas que esse dinheiro deve pertencer á quem o achou sem que primeiro tente por todos os meios a seu alcance achar seu legitimo dono?

- Certamente, respondeu Rodrigues, hoje elle é propriedade de quem a encontrou, que com elle poderá estabelecer-se e tornar-se rico e feliz.

- Eu te desconheço, Rodrigues, tornou-lhe Helena, esqueces q fallas diante de Augusta? e que aos pais corre o dever de inculcar nos filhos q o estudo, e sobre tudo a pratica da moral é necessaria para bem proceder n`esta vida!

- Poesias Helena! poesias! que tenho eu adquirido com a pratica da virtude?

- Uma consciencia tranquilla e um nome sem mancha para a nossa filha, respondeu nobremente Helena.

- Não ha de ser com a consciencia tranquilla e com um nome sem mancha que lhe havemos de formar um dote para que faça um bom casamento, retorquiu Rodrigues.

- E chamas um bom casamento aquelle que apparece só porque ha bons da fortuna sem (?) procedencia? Nao, Rodrigues, a virtude nos é absolutamente necessaria para captarmos a estima da gente honesta; lembra-te que os pais são responsaveis pelo que gravam no coração dos filhos, e que sendo as primeiras impressões as mais duraveis, cumpre-lhes velar que ellas não sejam más.

Doutrina de muler, minh querida, ella é propria de quem não vive no meio da sociedade soffrendo diariamente os desprezdos dos bafejados pela fortuna, disse Rodrigues com ar de compaixão pela estreiteza das ideas de sua mulher.

- Mas para que serve uma fortuna mal adquirida? perguntou Helena.

- Para que serve? ! para ser feliz como é o nosso vizinho Aurelio Solis, cuja origem da colossal fortuna que tem foi um sacco cheio de moedas d'ouro que achou cavando no quintal d'uma casa, cujo dono morrêra, sem declarar aos filhos onde havia guardado os grandes cabedais de que o sabiam possuidor.

- Pois Aurerlio ficou com esse dinheiro sabendo que o velho tinha filhos?

- Que duvida, retorqui Rodrigues, e foi graças a esse silencio q hoje o vemos feliz.

- Feliz?! tornou Helena, e vês acaso o estado de sua alma?

- Augusta, disse Rodrigues, sem responder á sua mulher, é tarde vai para teu quarto e procura dormir q hoje tua mãe está uma moralista de primeira força.

A menina que durante toda a scena que acabo de descrever-te, conservara-se calada, olhou attonita para seu pai, e ousou dizer, como se despertasse d'um sonho: ainda é tão cedo papai! e demais eu não hei de dormir esta noite.

- E porque? perguntou Rodrigues.

- Por lembrar-me da desgraça que accommetteu a familia de Eugenia e da lembrança da impossibilidade em que estou de soccorrel-a.

- Deixa estar minha filha, que só também havemos de seer ricos algum dia, e poderás então beneficiar á tua amiga, disse Rodrigues desviando os olhos e impellindo-a docemente para a porta.

Um doloroso suspiro foi a unica resposta da menina.

Helena desejosa de que sua filha não ouvisse por mais tempo as perigosas palavras de seu pai, disse, pegando-lhe as mãos; vai Augusta, vai pedir a Deus que restitua ao sr. Rafeli o dinheiro que perdeu ou lha suggira um meio honroso de sahir da diffculdade, e esquece no somno tudo que ouvistes dizer a teu pai, não foi mais que um gracejo de máo gosto para ver como se sahiria sustentando eu as idéas que elle professa no intimo de seu coração , mas que hoje, não sei porque, faz garbo de negar.

Augusta, com as lagrimas nos olhos, tomou a benção a seus pais e retirou-se para seu quarto, as não se deitou, já pela inquietação em q estava, já porque parecia-lhe ouvir rumor de vozes que alteravam no quarto de seus pais.

Não podendo resistir ao desejo que tinha de saber se era sua mãe que continuava a discussão encetada diante della, relativamente ao embrulho perdido, foi manso e manso escutar á porta e eis o que ella ainda pôde ouvir:

Rodrigues - Não, não hei de entregar, pertence-me, quero deixar a vida de caixeiro, quero tambem ser feliz deixando de trabalhar.

Helena: - Não é com dinheiro mal adquirido que se obtem a felicidade , mas sim com o que resulta do trabalho, ou da pratica de boas acções.

Rodrigues: - Não tenho eu sempre sido honesto? não tenho sempre trabalhado? que tenho eu adquirido com esse procedimento? acaso enriqueci?

Helena: - Não enriqueceste, éverdade, mas compara o que nos acontece agora com a vida que temos tido desde que nos casamos; tivemos por ventura, durante tantos annos de pobreza, uma noite atriulada como a de hoje que existe em nossa casa essa somma mal adquirida?

Rodrigues: - E` porque ainda não quizestes capacitar de que ella nos pertence, mas quando vires o uso que vou fazer desse dinheiro e os gozos que com elle poderei proporcionar a Augusta, has de acalmar os teus escrupulos e viver como sempre em paz.

Helena: - Rodruigues, se tens em consideração a estima de tua mulher, dá-me este embrulho, para que o restitua ao pobre sr. Rafeli, e lembra-te que com isso evitas duas desgraças; a delle e a nossa.

Rodrigues: - A delle, comprehendo, mas a nossa! . . .

Helena: - Insisto em que esse dinheiro fará a nossa desgraça, que elle nos trará até tribulados, cogitando nos meios de justificar-lhe a procedencia aos olhos dos que aida hontem nos conheceram pobres, e mais ainda aos de nosso incorruptivel juiz, - a consciencia - que só a constante pratica da virtude torna feliz. Crê,Rodrigues, ella vale mais do que o ouro, e a fonte d`onde derivam as mais puras satisfações trabalho.

Helena continuou ainda por algum tempo a percorrer nesse tom, mas vendo o obstinado silencio, que de certo ponto em diante conservava Rodrigues, chegou-se a elle e vio que dormia priofundamente.

Meus Deus! exclamou ella, preguei no deserto

Depois dessas palavras, Agusta ouvido o som d`um corpo cahindo por terra, olhou pelo buraco da fechadura para ver se por ella podia conhecer o que havia

sucedido, vio sua mãe ajoelhada com as mãos e os olhos erguidos para o céu, tendo no rosto a expressão de quem implora o auxilio divino.

Dahi a poucos momentos Helena ergueu-se e começou a esquadrinhar com precaução, todos os cantos do seu quarto, mas não achando o bjecto desejado foi cautelosamente introduzir a mão por baixo do travesseiro de seu marido que acordando sobressaltado, disse-lhe: procuras o embrulho? não te canses, asseguro-te que o não has de achar, porque não está em casa e sim a bom recado, n'um lugar seguro e ignorado.

Dito isto deitou a cabeça no travesseiro e fingio reater o somno. A coragem que affectava era toda ficticia, pois até então fôra pobre, mas sinceramente honrado. As palavras de sua mulher dilaceravan-lhe a alma e a ameaça de perder seu conceito, e o de sua filha, se essa viesse ao conhecimento de ser elle o causador da desgraça do pai de sua amiga, atormentava-o, e fazia-lhe conhecer que Helena tinha razão quando dizia que só o trabalho é a fonte das puras satisfações. Fingia dormir para poder livremente concentrar-se em suas cogitações.

A repugnancia que Helena mostrara por esse dinheiro, apesar de fazer-lhe luzir a idéa de poder com elle dar luxo á sua filha, e em fim seus bons instinctos, que elle tentava suffocar, davam-lhe impetos de entregar o embrulho, mas a ambição triumphou.

Esperou anciosamente que amanhecesse contando descobrir uma boa applicação para esse dinheiro, já causa innocente de desintelligencia domestica.

Logo que amanheceu, assegurando-se de que sua mulher dormia profundamente, sahio de manso e manso do quarto, e foi para um morro que existia no fundo do quintal, chegando a certa altura abaixou-se e alli esteve um momento, depois do que desceu com o rosto resplandecente de satisfação dizendo á meia voz: não apparece. Depois disto sahio, como era seu costume todas as manhãs, para dar um passeio antes do almoço, mas neste dia foi exclusivamente para poder cogitar em plena liberdade no melhor e mais rapido meio d'enriquecer.

Felizmente Augusta, que não podera conciliar o somno, ouvindo o ruido dos passos de seu pai seguira-o de longe quando elle subira o morro e retirara-se apressadamente para não ser vista logo que o vio disposto a descer.

Mal, o vio sashir, e cerrar a porta da rua como costumava sempre fazer, correu immediatamente no lugar em que o vira abaixar-se, mas nada alli encontrou á excepção de uma enorme pedra; debalde procurou em torno de si para ver se descobria alguma

porção de terra que tivesse sido revolvida fresco, ou algum outro indicio que a guiasse, mas não descobriu cousa alguma; começou a receiar que fosse vã a sua suspeita de ter seu pai enteterrado o embrulho nesse lugar. Lembrou-se empurrar a dita pedra, mas essa zombando de sua fraqueza, parecia soldada ao chão.

Ia desanimar em suas pesquisas, quando atravessou-lhe o espirito a idéa de todas as atribulações porque havia de passar, vendo seu pai na opulencia; e obrigando-a a compartilhar as proventas dessa criminosa riqueza, lembrou-se de que sempre ouvira dizer á sua mãe que a verdadeira felicidade só dimanava do trabalho e d'uma consciencia tranquilla. Quiz portanto obstar a que seu pai se deshonrasse.

Tremendo perante a idéa d'um nome maculado por um roubo, sentio recrudescer-lhe a força e as sãs lições de moral que até alli sempre vira praticar em sua família, agitaram-se tão violentamente em seu coração que sentio em si a força necessária para remover a pedra afim de ver se acharia embaixo della a causa do próximo crime de seu pai, e a paz do coração de sua infeliz amiga, assim como de toda família.

Deus coroou seus esforços fazendo-lhe achar o cobiçado embrulho.

Sem despertar sua mãe, que contra seu costume ainda dormia a essa hora em consequencia da noite atribulada que passara, correu á casa de Rafeli, a quem entregou o dinheiro em nome de seu pai.

Rodrigues nesse dia voltou mais tarde que de ordinário para almoçar, mas antes de sentar-se á mesa foi direito ao esconderijo para satisfazer-se com a vista de seu thesouro; não o encontrado porem, voltou enfurecido e prorompeu em injurias contra Helena, a quem inculpava de lh'o haver roubado.

- Asseguro-te dizia Helena que se houvesse sabido onde estava esse fatal dinheiro, tel-o-ia tirado sem o menor escrúpulo, ou melhor ainda com grande jubilo, para restituil-o a seu legitimo dono, pois elle não nos pertence.

- E ousas gabar-te disso? Perguntou Rodrigues irritado.

- E com orgulho, respondeu Helena.

- Não creio em tuas palavras, insisti elle, dá-me o dinheiro q me roubaste.

- Eu te desconheço Rodrigues! pode acaso haver roubo entre nós? tudo o que há não nos pertence igualmente?

- Pois bem, sim, conheço-o, tudo o q um (?) possui pertence igualmente aos dous cônjuges, por isso mesmo deves entregar-me esse dinheiro para que o administre para nossa prosperidade commum.

- Não tenho esse dinheiro, Rodrigues, mas se o tivesse não quizera utilizar-me delle nem de cousa alguma que delle dimanasse; só quero gozar do que poderemos obter pelo trabalho.

- Helena, dá-me esse dinheiro ou eu esquecendo-me de que és minha mulher, te desrespeito.

Rodrigues, tornou-lhe Helena, por nossa filha, se não por mim, arrepende-te que ainda é tempo! restitue esse dinheiro: vê quantos males nos tem elle acarretado na sua curta estada em nossa casa, pela primeira vez, depois de tantos annos de paz, faz-te alterar com aquella que nunca te molestou, nem molestaste antes desse trsite acontecimento: com quella de quem vás perder para sempre a estima que lhe merecias, e com quem sempre partilhaste em santa paz a honesta pobreza em que temos vivido. Estás contaminado pelas idéas da época em que só se adora o dinheiro! Ah! Rodrigues, foge desse contagio, continua a amar o trabalho, e lembra-te que elle é a sentinella da virtude.

Poesias! poesias! colhidas sem duvida nas tuas *puras e sãs leituras*, como lhe chamas, disse Rodrigues lutando interiormente contra os princípios de virtude que até alli praticara.

As palavras de Helena abalavam-no profundamente, mas sentia-se arrastado, máo grado seu, pela tentaçãod'enriquecer, e muito influenciado estava seu animo pelos exemplos, infelizmente tão communs, de mulheres que folgam de não conhecerem a procedência dos rendimentos de seus maridos para gozarem do luxo deassombradamente, e dos que mesmo sabendo-a não os apreciam por isso menos, uma vez que tenham os gozos materiaes que o dinheiro proporciona. Julgava que Helena acabaria por pertencer á esta ultima classe, se conseguisse abalar-lhe as máximas de virtude que eram tradicionaes em sua família.

- Esse desgraçado, minha filha, disse minha mãe interrompendo um momento de sua narração, tinha sido virtuoso até esse momento pelo constante exemplo de sua mulher, porque tudo se aprende, até a virtude, porem, como para ser-se virtuoso, cumpre *resistiraos mãos pendores e combater sem cessar contra si mesmo*, elle estava fatigado da luta e julgava que o mesmo devera acontecer a Helena, porque ignorava quanto é

fácil praticarmos a virtude quando a sugamos com o leite, e quão profundas são suas raízes quando foi plantada por uma boa educação, e sobretudo pelos exemplos de nossos pais, como felizmente acontecia á Helena, que sempre vira em sua família estigmatizar-se a obtenção de gozos não adqueridos por honrosos meios.

- Mas, tornei-lh eeu, se depois de enriquecer com esse dinheiro fosse em auxilio do Dr. Rafeli, não estaria rehabilitado para com Deus a sua consciência?

- Não por certo, tornou-me ella, em primeiro lugar porque tarde viria esse auxilio e já o Sr. Rafeli teria tido tempo de praticar em acto de desespero, vendo-se desconceituado aos olhos de seu patrão assim como da sociedade, e em segundo não tinha direito algum sobre esse dinheiro porque quaria fazer a base de sua fortuna, a qual podia não realizar-se, e quando mesmo o conseguisse seria transitória, pois preside uma lei fatal a todas as que são mal adquiridas.

- Mas essa lei não é geral, observei eu, porque elle mesmo citava o exemplo de Aurelio Solis.

Com tuas perguntas, fazes-me sahir do propósito em que estava de contar-te esta veridica historia na ordem porque foi succedendo, collocarei porem u episodio de Aurelio antes da época propria de sua appareição. Sabe pois que por occazião do casamento de Augusta a família Rodrigues havia mudado de casa e por consequencia perdido Aurelio Solis de vista. Poucos mezes depois, indo Rodrigues e sua mulher visitarem o hospital dos doudos ficaram sorprendidos de encontrar nelle o invejado Aurelio que supponham fruindo em santa paz dos proventos de sua mal adquirida riqueza.

- Este infeliz, disse-lhe a enfermeira ignorando com quem fallava, por muito tempo desfructou sem remorsos uma fortuna que roubara, não sei como, mas acordou-se-lhe, a consciência por occasião d'um acto d'honradez praticado por um certo Rodrigues que morava na sua vizinhança, o qual dizem-me estar hoje muitíssimo feliz, rico de dinheiro e bom conceito. Este exemplo fel-o olhar para si, comparando sua conducta com a de seu vizinho, que nessa occasião era extremamente pobre; esse facto foi o começo da explanação do seu crime. Dalli em diante passou as noites sem dormir, perseguido por visões em que lhe appareciam os legítimos donos de sua riqueza e que apontando-lhe para Rodrigues, cercado de sua família, e resplandecente de delicidade, gritavam-lhe ao ouvido: *quem te persegue é a voz da tua consciência!* O misero pedia então soccorro, e logo que via gente, ficava livre dessas appareções que eram o objecto

de seu terror, e adormecia. Essas crises foram-se aproximando e de dia a dia tornando-se mais violentas até vir ter a esta casa onde se mostra calmo durante o dia, mas começa a gritar logo que anoitece por achar-se só em seu quarto.

Rodrigues ao passo que ouvia a narração da enfermeira, sentia crescer-lhe maior adoração por sua mulher, autora consciente da tranquilla felicidade de que gozava sua alma.

Ao sahirem do hospital, Rodrigues repetio, apertando as mãos de Helena, esta máxima do Evangelho que ella lhe citara tantas vezes: *Felizes os que tem o coração puro.*

- Nesta lição, disse Helena, vê quão poderoso é o exemplo, e nunca esqueças que só a virtude nos faz verdadeiramente felizes e que ella nos é indispensavel para adquirirmos a amizade e a estima da gente honesta.

- E' verdade, exclamei eu, não podia ter um exemplo que fosse mais frisante que o de Aurelio Solis; mas como acabou a historia de Augusta, minha mãe?

Vou reatar o fio da narração que cortastes com tua pergunta antecipada.

Rodrigues vendo que não conseguia abalar a virtude de sua mulher pela vaidade, começou a irritar-se e a exigir-lhe asperamente a entrega do seu dinheiro, como elle lhe chamava. – Torno a repetir-te que o não o tenho e que infelizmente ignoro onde elle está, tornou-lhe Helena com energia.

- E' impossível, retorquiu Rodrigues colericamente, só tu sabia da existência desse dinheiro em nossa casa, e portanto só tu m'o podias subtrahir e

- Fui eu, meu pai, disse Augusta entrando radiante d'allegria, fui eu que desejando não corar de trazer vosso nome, levei esse dinheiro ao pai de Eugenia dizendo-lhe que o havíeis achado e lh'o mandáveis restituir.

- E quem te disse que elle existia em meu poder? Perguntou Rodrigues.

- Vós, mesmo.

- Eu?

- Sim, senhor.

- Como? explica-te.

Augusta, contou então tudo o que acabo de narrar-te e quando seu pai, irritado pela lição de moral que recebia de sua filha, e pela perda do seu thesouro ia derramar sobre ella a cólera que o suffocava, foi interrompido pela entrada de toda a família

Rafeli que se lhe atirou nos braços chamando-o seu salvador, cobrindo-o de bênçãos e exprimindo-lhe o reconhecimento de que estava possuída nos mais calorosos termos.

Durante toda esta scena de effusão Rodrigues sentia-se corrido de vergonha aos olhos de Helena e de sua filha, que sabia conhecerem quão pouco merecia esses transportes.

O enleio de Rodrigues foi interpretado, pelo Sr. Rafeli, como um excesso de modéstia; a verdade porem era que, alem da vergonha, elle experimentava um profundo remorso da acção que estivera a ponto de commeter, e cuja maléfica estensão media agora pelo delírio de prazer em que via nadar essa família que quizera desgraçar.

Sem o querer assitira a toda esta scena um filho do patrão de Rodrigues, que a mandado de seu pai fora inquerir da causa que o impedira de comparecer na loja á hora do costume. Tendo chegado no momento em que Rafeli e sua família se precipitavam na casa, achára a porta aberta e sem que se desse pela sua presença alli assitira ao que acabo de contar-te. Logo que teve conhecimento da boa acção praticada por Rodrigues, sahio como tinha entrado, isto é, sem que ninguém o percebesse e foi immediatamente relatar o ocorrido a seu pai, o qual sem demora dirigio-se para a casa de Rodrigues, a quem louvou muito o acto de honradez que acabava de praticar, maximamente nas circumstancias em que sabia elle achar-se.

- Senhor Rodrigues, disse Rafeli ao se despedir de seu vizinho para ir entregar o dinheiro ao dono da manufactura, tenho sincero pezar de não ter um filho para nesta occasião perder-lhe a mão de Augusta para elle, porque não poderia ter maior prazer do que vê-lo ligar-se a tão honrada família.

Terei eu esse prazer, exclamou o patrão de Rodrigues, pois desde já, certo de quanto será feliz um consorcionascido sob tão bons auspícios, peço a mão de Augusta para o meu Alberto e faço de Rodrigues meu socio.

Durante todo esse tempo, Rodrigues conservara-se silencioso e embaraçado, mas ao ver o feliz êxito de moral pregada por sua mulher, agradeceu calorosamente a sociedade que lhe era offercida, e accedeu ao pedido da mão de Augusta, se todavia ella consentisse.

Interrogada Helena se tambem dava o seu consentimento, respondeu affirmativamente com a única condição de não effectuar-se antes que Alberto completasse 28 annos e Augusta 20.

- Augusta consultada, aceitou o noivado que era oferecido e resignou-se á condição de esperar mais dous annos em obediência á vontade de sua mãe.

- Porque quizeste retardar dous annos, a felicidade de nossa filha! perguntou Rodrigues á Helena logo que ficaram sós.

- Porque sendo o matrimonio uma escola de aperfeiçoamento mutuo, é preciso que ambos tenham uma idade razoável para saberem discenir o que ha de corrigivel um no outro, alem de que, desejo que minha filha esteja em pleno desenvolvimento physico quando casar, para que possa ser dignamente esposa e mãe, e não uma creança como se é aos 18 annos; e para que a maternidade não seja para ella uma fonte de desgostos dando-lhe filhos cacheticos, como ordinariamente são os que nascem das pessoas q casam prematuramente, e tambem porque quero dar ultimo retoque na educação domestica e moral da minha Augusta e cimentar ainda mais os alicerces de sua felicidade futura, inculcando-lhe no animo que tudo se deve sacrificar á virtude.

Augusta, ouvindo essas palavras, lançou-se-lhe nos braços agradecendo a Deus o ter-lh'a concedido por mãe e prometeu imita-la sempre no futuro.

Helena animou sua filha nesses sentimentos, dizendo-lhe, que o mesmo tinha feito para com sua avó, de quem seguia as pisadas e repetio-lhe estas palavras que desde sua infância sempre lhe ouvira dizer:

“Os pais são para os filhos modelos que tendem naturalmente a imitar, por isso devem abster-se diante delles, de dizerem ou praticarem actos que lhes possam inspirar principios perigosos ou dar mãos exemplos.”

Rodrigues cheio de admiração por sua mulher abraçou-a exclamando: eu não te merecia Helena! reconheço agora o poder de uma boa educação quando é fortificada pelo exemplo. As profundas raízes que a virtude tem em teu peito passaram por effeito magnético para o coração de nossa filha e levaram n'a a restituir em meu nome aquelle dinheiro que ia sendo a causa da minha desgraça. Feliz o homem que possui uma mulher virtuosa como tu, felizes os pais que não teem, como eu, de coragem, diante de seus filhos; mas juro regenerar-me conservando sempre na memória a sublime acção de Augusta, e tua heróica resistência á minha vil e criminosa ambição!

Assim acabou esse dia que tão mal havia começado.

Rodrigues passou logo a ser socio na casa de seu patrão e logo que os noivos chegaram á idade convencionada, casaram-se e foram sempre felizes como ainda hoje os vês.

Mas como veio a saber-se tão minuciosamente dessa história? Perguntei á minha mãe.

Sabe-se porque elle impoz-se (como expiação de crime que a corrupção de seu tempo estivera a ponto de fazer-lhe commeter) o dever de contar a seus íntimos a origem da riqueza e consideração de que hoje goza, para que seu exemplo possa evitar iguaes desgraças aos que não tiveram a ventura de possuírem uma mulher como Helena, origem de todo esse bem.

Victoria Colonna.